

RATIO
SATIS
|

Victor Mota

Razão pela Razão

(Aventuras do Conceito)

Victor Mota



Razão pela Razão

(Aventuras do Conceito)

Victor Mota

ÍNDICE

Enxada Rasa: O Mito Socrático do Campo enquanto metodologia legitimadora de uma retórica parcial social -----	5
A Escrita e a Vida Social enquanto teoria metafísica: ensaio de uma afirmação definitiva da relação entre teoria e práxis, senso-comum popular social e saber acadêmico -----	13
O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA? -----	23
Entre Eros e Calíope: o Sujeito e a Razão enquanto poesia, nos termos de uma <i>eroticidade</i> das ilações -----	31
<i>O Oráculo de Gutenberg</i> : Teoria, prática discursiva, escrita e oralidade -----	40
Mindfulness no Retorno a Si: recomposição do sujeito ante a re-conciliação face ao Mundo -----	50
A DOCE CRUELDADE DO SORTILÉGIO HUMANO: QUANDO A VIDA SE PERDE E SE TRANSFORMA, ENTRE <i>DASEIN</i> , VÃO E VANIDADE DO QUE PODE SER RECUPERADO - -----	60
O QUE DEVE O HOMEM QUE PERDE A ESPERANÇA: MARCUSE, CAMUS, SARTRE E OS BIJAGÓS -----	72
FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO EM QUE SENTIDO? POLÉMICAS SEMIOLÓGICAS NOS TERMOS DA CATARSE DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO -----	84

CLAUSURA E CONTRATO SOCIAL:

De Como Nunca se Está Só ----- 99

Além do Corpo na Ciência: uma teoria social cristã -- ---116

O TEMPO TELEPORTADO:

IDENTIDADE VIRTUAL, FICCIONAL E REAL -----129

O Esquecimento de Nietzsche: entre o Nada

e um objeto virtual ----- 141

Do Sublime:

Experiências liminais e post-mortem ----- 159

O Medo Cerimonial ----- 169

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU
ESCRavidão METAFÍSICA? ----- 174

SÍNDROME NIHILISTA: É O SENTIDO DA PERFEIÇÃO

QUE FAZ O ARTISTA SOFRER? -----183

ENXADA RASA:
O MITO SOCRÁTICO DO CAMPO
ENQUANTO METODOLOGIA LEGITIMADORA DE UMA
RETÓRICA PARCIAL SOCIAL

Teoria dos Campos Reflexivos

Poderemos fazer equivaler o adágio da *tabula rasa* socrática ao mito do trabalho de campo em antropologia, em etnografia?

O antropólogo procura no campo a comprovação da teoria, mas também a sua construção, procurando também uma sociedade além da sua, que passará em breve, caso ame a sua profissão, a ser o seu povo, a sua sociedade, o seu grupo de eleição, de adoção, digamos. Para o filósofo a *tabula rasa* pode ser a sua mente, mas também a sua herança, o seu coração, ou seja, ele não só quer deixar de Ser o Si-Mesmo em excesso, como faz do mundo a sua tela. O que de mais filosófico encontrei no meu curso de Antropologia Social foi algo que se denominava como "antropologia reflexiva". Fiquei atônito ao aprofundá-la, pois nada me dizia do que era a antropologia, não só a social, e o que era a filosofia. Assim, enquanto me parecia que esta era demasiado cerebral, centrada no sujeito (pensante, cartesiano), aquela era demasiado marxista, demasiado atreita ao Outro que não Eu. Malinowski, aos 42 anos, fundava o trabalho de campo etnográfico com o intuito de implementar uma visão laboratorial não só sobre a

natureza humana, no contexto da afirmação acadêmica da antropologia social, depois da sociologia de Comte e Durkheim, mas também afirmava que a filosofia se desencadeou como ciência através dessa mesma antropologia, em primeiro lugar (pela física e quântica) e, depois, de uma antropologia social, elidindo a questão do porquê filosófico, da interrogação e fazendo da filosofia uma ciência. Aliás, no campo etnográfico (no trabalho dele mesmo ante o sujeito "culturalmente superior", colonizado) o que mais surgem são perguntas e, tirando à literatura um certo mérito do arfar do conhecimento, o grupo dá a ideia de como funciona uma parte da humanidade, da natureza humana, nela contida. A questão que vem imediatamente a seguir é: o que é a antropocena? Ela pode ser individual, logo freudiana, ou pode ser coletiva? Ou seja, o sujeito pode gerar a partir de si uma antropocena que faça reviver eventos i-memoriais, provavelmente da sua relação com Deus e os outros, os seus diversos alter-egos (Fernando Pessoa, na literatura e filosofia) ou a antropocena será imediatamente mortal para esse sujeito que gosta de viver só, no seu casulo, no seu saber hermético e hermenêutico? Não temos todos nós um pedaço de natureza humana, como diria António de Lisboa e Francisco de Assis? Portanto, o que distingue o homem dos outros seres? Não poderá ser a racionalidade, mas será certamente a representação, o lucro imediato ante si mesmo e o outro, a necessidade de se "desenrascar" ante a dificuldade. Então, a antropocena poderá ser algo de obsceno, diria, pornográfico? Se elidirmos esta hipótese, que quase nos atrai obsessivamente, num jogo de espelhos do Eu consigo mesmo e ante a probabilidade de "fazer sexo", teremos tudo o que não é obsceno, sem ser obrigatoriamente "puro", sagrado. Aqui entramos na relação entre profano e sagrado.

Elisões I-Mediatas e Imediatizadas

Então, poderemos interrogar-nos, como evolui o pensamento (Bergson)? Haverá algo nele contido que seja equivalente a um espermatozóide? Mas a mulher também tem vida, só que tem ovários! Portanto, o que define a vida? O que é a vida? Há outra vida para além ou para aquém do humano, ou seja, estamos sós no Universo? Só porque os outros não desenvolveram linguagem não quer dizer que não possam, um dia, ou uma noite, substituir-nos na dominância da antropocena "mundial"!...

Assim, tenho estudado a patologia psiquiátrica do Transtorno Obsessivo-Compulsivo e noto que a mente, nessa operação que ocorre várias vezes ao dia e mesmo durante o sono, mesmo quando a mente deve estar supostamente liberta, ou seja, em plena antropocena, há como que um varrimento equivalente ao processo filosófico da **tabula rasa**, ou seja, o sujeito sabe mas elide que sabe e torna a saber, repetidamente, reiterando a sua *non-sagesse* ou douda ignorância (F. Assis), o pensamento débil de Vattimo Assim, a mediatização do mundo concorre para a complexificação deste quadro e, por vezes, para o adensamento das perspectivas do sujeito ante o mundo, a consciência de Si, dos Outros, da própria relação com o divino. Mas, se o sujeito gera um tal esforço, que dispense aleatoriamente ao longo do dia, porque precisa de deus? Se a sua sabedoria é tanta e tão comprimida, porque precisa ele de uma outra identidade na sua vida, no seu quotidiano, na sua antropocena? Mistério dos mistérios que só a poesia, pela sua visão brandamente disruptiva, poderia explicar... No fundo, planteamos a mesma questão do universo anti-planetário da **sagesse**, ou seja, o sábio no seu canto (Maldoror), no seu

cantinho, como se extraísse dessa ótica vesga um grito de humanidade, mesmo quando tem fome e precisa do Outro. Assim sendo, podemos interrogar-nos do seguinte: o que é o facto em Filosofia? Poderá reiterar-se um discurso filosófico na pós-modernidade, no pós-humanismo, na análise da antropocena, sem ter em conta o facto e nomeadamente o facto social segundo Durkheim? Não será a filosofia, na sua *sagesse* de *non-sapere*, na sua vagueza, qualquer coisa que é já do domínio *campal* da metafísica? Não mostra este fenómeno do COVID-19 qualquer coisa que está além, o de quanto somos mimados enquanto povo, fazendo todas as loucuras possível, numa fuga para a frente e depois fazendo sinais de contrição quase patéticos? Sim, como povo ainda não estamos adultos, apesar da nossa história e digo isto enquanto antropólogo da filosofia, sem depreciar pessoas e bens. E não desenvolvo este aspeto, esta observação, porque muitos tentaram definir o que é ser-se português e ainda ninguém, nem José Gil, conseguiu definir, porque este autor está bastante fora do discurso da antropologia social...

3. O CONTATO OCULAR COMO SEGREDO METAFISICAL: O DESTINO DO HOMEM ENQUANTO ESTRUTURA E ROUPAGEM GEOMÉTRICA CÓSMICA

A esse propósito deveríamos procurar saber se a filosofia é especulação ou apenas reflexão, da do que não impõe nomes e datas, nesse sentido perguntar-nos-íamos se a especulação filosófica faz "deslocar" ou "descolar" o sujeito (pensante, enquanto actor social), do seu sentido do real, quando o real não se sabe bem o que será, talvez apenas os laços entre mentes, as mentes circunstanciais, ora falando do passo na Guerra de África ora dos tempos do *batîment* em França... Então porque não criar um mecanismo mental que seja uma **tabula rasa** que progride, em vez de recuar? Porque

estamos sempre apagando as imagens, que José Gil chama de **pequenas percepções**, mesmo que não tenhamos um quadro de referência como uma obra de arte, porque não tentar uma outra estratégia, ou seja, admitir a percepção, as percepções que não são “logolizadas” e andar adiante? Não fomos Descobridores, como o espanhóis e os franceses?

Quando o filósofo afirma tudo é Ser (no sentido de movimento), nós dizemos Ser o Quê? -no sentido do parecer. Ser, Estar, Parecer, pertencer, são, então, categorias próprias de uma só, ôntica e social, cultural, quando o húnus está entrosado numa certa forma de masculinidade. Uns, no cenário social, dizem, "reflete homem!" (o que diz a filosofia), outro diz, "sê homem, age" e o homem fica confusãoado porque tem radicada a crença, bastante perigosa, de que o homem tem de agir, como se o movimento se processasse através d'Ele e não por ele, como se fosse o veículo de qualquer coisa que o transcende e da qual é absolutamente fiel, diria até, escravo, no sentido hegeliano do termo. Porque tardam, então, os filósofos portugueses, em reconhecer na ciência social qualquer coisa como uma simples legitimidade académica, ou seja, uma nova antropologia filosófica? Sim, porque a filosofia portuguesa já tem ligações a diversas outras áreas, tal como a medicina, a biologia. O leque da filosofia pode ser aumentado e enriquecido...

Há na filosofia um sentido da finitude e uma in-exactidão que se vêem através de uma carruagem de Metro e que ao mesmo tempo não se percebe e percebe-se, ou seja, entende-se com os olhos da alma, do espírito, do **pneumatós**. Que pode ser sagrado no respeito da condição de cidadão cidadão, onde tudo é fugaz e onde segurar a liberdade é uma tarefa bastante trabalhosa, como se vivêssemos obcecados com ela, como se não tivêssemos, bipolarmente, de ser in-felizes para ser felizes, lembrando Russel.

4. O HOMEM ENQUANTO EN-CADEAMENTO: PERSPETIVAS SOBRE A CONDIÇÃO SOCIAL QUOTIDIANA

Um dos maiores segredos inauditos e pouco conhecidos da filosofia é o tédio, o *embarrassment* kierkegaardiano e a náusea sartreana, o enfado, o absurdo camusiano. O *leitmotiv* psicológico principal da antropologia é "forçar" a boa disposição, tarefa de deve mais justamente assignada à filosofia. Assim, o homem entra em sobrelotação e descreve o seu estado, tal como uma canção, um quadro, uma poesia... E como é, deve ser encarada, a mentalidade do antropólogo, que estranha o universal e entranha o particular nas destilações da sua mente relacional, como se fosse um mocho de penas coloridas? Não será, em minha opinião, a filosofia a ciência (ou arte, melhor, técnica) da explicação das causas últimas, sendo por isso não mais do que uma metafísica (vide consequencialismo)? Assim, o segredo do homem (como em Chardin, de resto) é um cadeado **en-cadeado**, ou seja, o entre-laçamento dos seres conduz ao nosso entrelaçamento do Ser (Último), como que num demiurgo. Mas todo o cadeado tem forma de se abrir, tem uma combinação. Caixa de Pandora, o homem, de hoje e sempre? Não creio, a abertura ao mundo do Ser, social e ontológico despoleta um quebra das tensões, por um lado (de algumas) e o nascimento de outras, noutra esfera, na esfera simultaneamente pública e doméstica, veja-se a este propósito o fenómeno da violência doméstica. Assim, o **do ut des** romano, funciona hoje nos termos do défice de atenção da sociedade e do seu "preço" exponencial. Daí estarmos de uma **sociedade do protocolo**, ou seja, tudo o que se sente e faz na esfera privada carece de uma autorização, de um protocolo, nem que

seja simplesmente mediática. Mas eu falo em nome do contexto português e vagamente do francês e espanhol. No fundo, hoje em dia, há privacidade, uma luta pela privacidade, mas há cada vez menos privacidade, pelo menos a privacidade sexual, para se fazer alguma coisa, não apenas estritamente sexual, tem de se pedir a opinião, a atenção, do Outro. Isto diz muito em termos de uma caracterização fenomenológica e pós-metafísica ou pós-humanista, mesmo em termos da antropocena, do que é a nossa sociedade, se quisermos o nosso contexto cultural.

5. CONCLUSÃO: A SOCIEDADE PROTOCOLAR: ESBOÇO DE ALGUMAS IDEIAS SOBRE O CONCEITO DE SOCIEDADE DO CONHECIMENTO BANAL QUOTIDIANO

Assim sendo, a saturação do homem moderno implica e convém um processo, ou seja, o fenómeno que se vai processando, mesmo nos termos de um trágico COVID-19, é estritamente estético, além de ser do sentido da biopolítica, porque cada um dos seres mais quer o poder, mesmo que se refreie. A saturação dos ecrãs (Baudrillard) é o espelho da saturação da mente humana, no fundo da falta das (boas) ligações ou o sentimento unamuniano da perda de sentido no convívio (Dante), daí o isolamento e a felicidade numa alma que tem corpo e que está, contrastadamente, isolada, sem Ser, despojada ontologicamente daquilo que é, daquilo que a define, até social e culturalmente...Assim, o filósofo hesita em registar os seus tempos apocalípticos e escolhe o uso, o quotidiano, mas é isso que o prende, fora da imortalidade, quando a imortalidade não é algo platónico mas uma certa relação entre uma felicidade que se esvai e a incerteza de que ela volte, no que é Ser-Se Humano (Teixeira de Pascoaes). Na verdade, com a

globalização tecnológica e de uma certa noção de biopoder, todo o cidadão se acha no direito para dizer, dar opinião, sobre todo e qualquer tema. E isto é muito culpa dos programadores dos canais de TV, junto dos mais velhos e a ideia do *éclatement* da noção de cinema, ou seja, qualquer pessoa, mesmo que tenha cinco anos, pode ter o seu canal de TV no Youtube.

Assim, uma ameaça global tem o condão de reunir e mobilizar o formigueiro humano, nos termos de uma etologia ou sociobiologia, que também se poderia agregar à filosofia (Bergson terá feito isso como poucos), fazendo unir antropologia social com filosofia vagamente teórica. Kant fez isso num pequeno ensaio e outros apareceram, desde Gehlen, Schütz e Simmel. Por que não aprofundar essas afinidades, mas que eletivas, conatas da condição profissional tanto do filósofo quanto do artista, do psicólogo e do antropólogo social? Portanto, um factor biológico como uma epidemia de gripe veio alterar as relações sociais num curto espaço de tempo. Essa é uma primeira consequência, talvez algo dolorosa para os povos do sul da Europa, conhecidos como menos disciplinados e mais festeiros. Povos haverá (*etnonações*) que são tudo menos apaixonados nas relações. Também nisso, não digo que nos estamos tornando melhor, mas, sobretudo devido às trocas culturais e étnicas em Portugal, estamos evoluindo diferentemente no tempo e na geografia. Reitera-se uma política da relação entre identidade nacional e etnia, onde se jogam os conflitos das relações desiguais, não só no âmbito doméstico, mas desde já no plano desportivo, no plano da arena mediática, onde se travam guerras que só existem porque, simplesmente, a Síria ou o Ruanda ficam demasiado longe...

**A ESCRITA E A VIDA SOCIAL ENQUANTO TEORIA METAFÍSICA: ENSAIO DE UMA
AFIRMAÇÃO DEFINITIVA DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁXIS, SENSO-COMUM
POPULAR SOCIAL E SABER ERUDITO ACADÊMICO**

“O Ser cessa quando
perde a consciência de Si”

Albert Camus

1. ANTROPOCENA CÉNICA: O ÉTICO, ENTRE O RACIONAL E O TÉCNICO

Como evoluíram as sociedades para a escrita? Está nela o segredo da depuração evolucionista da sociedade? Pierre Bourdieu dizia-se sociólogo, mas também filósofo, porque a filosofia é, numa certa tradição, extremamente erudita e diz respeito aos veios racionais da razão, desculpem-me o pleonasma. Por outro lado, o Ser poderá ser social? Poderá ser, nos termos de uma antropocena, social? Portanto, se é pela técnica que o homem se aperfeiçoa, evolui num saber, toda a filosofia é vã, dispendiosa, eis o império do senso-comum, como se a orientação da sociedade fosse uma mão invisível que é qualquer coisa entre Deus e o Diabo, entre Mal e Bem...Portanto, é grande o desafio do homem Bom nos dias de hoje. Mas, para a técnica, em qualquer profissão ou fora dela, a dificuldade é fazer **muito** Bem e muito Mal... De resto, em termos de ciência (social, da matéria pensante) o que é a pós-metafísica senão o universal do social, portanto, das

ligações? Que preço estipular ante uma qualquer filosofia, quando a sociedade está assente na pulsão da economia do lucro? O conhecimento provém da técnica, do adestramento do utensílio, do costume, do tempo no espaço e do espaço condicionado, territorial. A prática, é assim o domínio pleno do eletrodoméstico sem instruções, aquele que se monta requerendo ao saber acumulado na mente intergeracional... Defendemos, assim, que o segredo para a compreensão da vida está no conhecimento naturalizado do homem, numa antropologia filosófica, numa combinação entre dos saberes, atividades, artes, uma que privilegia o que é inerente ao homem, o fato de Ser (Homem) e a filosofia, que se ocupa do saber e que interpretamos também como uma ciência...

2. A CRIAÇÃO COMO ACTO DE SOBREVIVÊNCIA ESTÉTICA: O QUE SOFRE O ARTISTA É SOCIAL E INDIVIDUALMENTE ÚTIL?

Encaremos a vida como um ato criativo, como fruto ou usufruto de arte. Ela não está desligada do seu contexto, logo tudo e poderia reduzir ao contexto, ao mito do contexto. Mas, o que é o contextos e não o que a filosofia evita, ou seja, a noção de tempo combinada com a de espaço, própria das mais diversas ciências, incluindo a antropologia? E a solidão do filósofo é frutífera? É frutífero o exercício criativo do artista, subsumindo-se ao Tempo? A filosofia não é senão a instalação do medo na consciência do sujeito, ao mesmo tempo que dele exige mais e mais, até produzir uma obra para a eternidade. Nesse sentido, ele subtrai um pouco ou quase tudo da sua liberdade (até de expressão), para se platonicamente afirmar no firmamento das estrelas da escrita, da pintura, da música, da escultura. Porque o texto

criativo é para celebrar, para partilhar... Assim, em *O Caminho da Floresta*, Heidegger aflora esta forma de entender o Ser e o Tempo, no Ser do Tempo, enquanto a domesticação dos preceitos culinários é contextualizada no âmbito de um pinhal à beira-mar plantado. Digamos que o artista, como na ópera de Grieg, subsume-se ao mundo para se instalar num domínio onde a ciência anda de paz com a arte, a doença da criação, que convirá face às suas pretensões profissionais e à promessa do amor que, como Nietzsche, sempre persegue mas nunca consegue alcançar e esse afã é tanto resultado como a solução da vida nos termos da sua biografia.

3. O ESTADO DA ARTE, DA ILUSÃO CÊNICA E DO ENGANO: UMA VISÃO DUALISTA DA REALIDADE DO AUTOR-ATOR SOCIAL

Assim, a realidade confunde-nos, pensamos que ela é exterior a nós, quando nós somos ela, ou ela não existe, a realidade engana-nos e disfarça-se como se víssemos um lince e pensássemos que é um gato doméstico ou vice-versa. Assim, até a ciência é uma ficção, quando o filósofo acredita nas ciências naturais, o antropólogo acredita nas sociais, no Homem, personificação de uma fusão psicadélica entre Zeus e o Deus Cristão.

Entrevemos, assim, um dilema entre Bem e Mal, quando associados ao binómio ator-autor. Sociedade de fusão, de estratagema, num contexto de “eternidade do mundo” (Boécio de Dácia), onde a ética não faz sentido íntimo, senão para ser ultrapassada na carreira arbitrária à casca da noz. É comumente dito que a filosofia estuda o sentido da vida, nos termos de quem, por exemplo, olha um peixe num lado, num aquário, conforme seja

mais ou menos doméstica essa nossa percepção. Mas, nós pensamos, quando pensamos no fenómeno morte, que a filosofia estuda algo mais e que a aproxima muito da antropologia em geral e do estudo dos mitos em particular: a filosofia estuda, a nosso, ver, os usos do tempo, com mais ou menos grau de domesticação, de domesticidade. Passamos a explicar melhor.

Assim como a doença alastra de mão para mão, de pequena percepção em pequena percepção, o uso do Tempo, o uso da vida (“language is a virus”, diria a canção de Laurie Anderson), há que distinguir a esfera do simbólico, semiológico, da esfera do real, onde o conta com a morte, que é muito mais do que “desligamento”, está distribuída também por uma pulsão de status, de querer ganhar ao outro em termos de eticidade, que encontramos na volatilidade de uma possível *Filosofia da Sexualidade Humana*. Então, o autor sofre pela obra e consegue salvar-se, porque este mundo “eterno” é fenomenológico, palco de outros mundos incomensuráveis que se disfarçam de real, de seguros, autênticos e, numa palavra, eternos. Por outro lado, temos o ator, que verte na tela do palco ou do écran uma *persona*, uma máscara a olho destapado, seja testa de ferro seja uma camponesa ternurenta. Assim, cria-se ficção e multiplica-se o real. É a condição do cidadão do mundo num caleidoscópio de relações e entrelaçamentos existenciais, como acontece no futebol, seja de salão seja de onze: há o banco (*banquear*, como se faz no jogo Monopólio), há o onze de base e as substituições.

Ao mesmo tempo, tanto o antropólogo quanto o filósofo não têm que pedir desculpas ao mundo por existirem, hoje, no século vinte e um, há uma coisa que se chama de democracia, Deus, livre arbítrio e liberdade de expressão, sendo que a democracia è o mais correto e complicado dos sistemas, porque na maior parte do tempo, se quisermos ser coerente e ter alguns princípios balizadores e banalizadores do quotidiano, temos que esperar, esperar com paciência, pela nossas vez, pois há sempre recurso (que se acabam, de resto), pelo que é melhor distribuí-los equitativamente, nem que fosse por meio de um Robin Wood ou Zé do Telhado... Por outro lado, o panorama do autor, hoje em dia, leva a que as pessoas se dediquem profissionalmente a atividades artísticas. Mas as pessoas estão cada vez mais sós, porque estão carentes e o absurdo num contexto marcusiano, acaba por geral um rebelião das massas e dos grupos.

4. DE MARTE A SÍSIFO: PODER SIMBÓLICO VERSUS PODER EFECTIVO AINDA NUM CERTO CONTEXTO AUTORAL

O poder está por todo o lado mas não está em lugar algum. Nunca vemos senão a personificação do poder, que associamos ao poder do Mal, estejamos nós do ponto de vista da esquerda (europeia) ou do Bem, estejamos nós vendo do ponto de vista capitalista (Marcuse). Mas, na ânsia de todo o homem, de toda a mulher, está presente no âmago do seu Ser a sede de poder, a não ser que sejamos discípulos de Francisco. Assim, grande parte dos jovens, ao contrário de outros, arrisca bastante, outras arriscam menos, nós gostamos de arriscar, de desbravar caminhos, ir à frente ou como porta-bandeiras.

O homem desencadeia a guerra, o poder está no dinheiro, ainda que haja pessoas que queiram simplesmente, estar cientes da sua modesta missão na terra, alegre simplesmente, como que fazendo articular suas vidas quotidianas com outros tempos, ditados pela religião, pela música, pelo paganismo. Bem e Mal convivem no sujeito, tal como convivem nas sociedades, nos grupos, por isso adiantei o que costume de chamar de sociedade bipolar, ou seja, antagonisticamente constituída por Bem e Mal, num contexto de uma cidadania multiétnica, para não dizer multicultural. Esta sede de poder faz os nossos jovens demasiado ambiciosos, mesmo os cientistas sociais e jovens filósofos, que nunca pegaram num tijolo ou puseram uma telha numa casa, que nunca visitaram um convento ou uma tipografia ou mesmo um hospital psiquiátrico, o que os ajudaria a enfrentar as contrariedades sem pedir ao mundo que se vergue ante eles, habituados a seguir em frente de cabeça levantada logo que se registre uma queda.

Talvez a interioridade referenciada à infância e adolescência permitam entrever um futuro risonho nas relações humanas mais equilibradas, logo após esta crise mundial, em que um item da biologia e ciência médica veio alterar as relações humanas cremos que irremediavelmente. Creio que estaremos melhor nesses e noutros termos, depois da sua extinção, somos confiantes nisso. A imortalidade platónica da alma está, pois, circunscrita como numa medina argelina, tunisina ou marroquina, ou seja, não só a religião forja as regras de conduta como a Bíblia é um estudo antropológico da maior profundidade, seja porque nos ajuda a viver uma vida descomplicada, seja porque os psicanalistas não explicam tudo, por isso é preciso contextualizar qualquer afirmação a respeito das pessoas, coisa que um Shopenhauer ou um Kant nunca fizeram.

Trabalhei como jornalista da imprensa regional escrita e, depois de um tempo, como que se os meus tempos fossem demasiado abstratos, bem como as reportagens, mais ou menos fenomenológicas, o diretor disse-me: “Não te esqueças das pessoas, elas gostam do seu nome no jornal”. Na verdade, estou para a filosofia como um eterno sábio ignoto e descrente, quanto mais aprendo com ela abstratamente, intelectualizando, mais aprendo sobre o mundo real, fenomenológico, o que os meus críticos denominam de mundo real e tiro frutos tanto de um como de outro fazendo antropologia de um e filosofia de outro....

5. CONCLUSÃO

ENTRE EROS E CALÍOPE: ANÁLISE DA NOÇÃO DE EXUTÓRIO E DE *VÃO EXISTENCIAL*

Assim, à economia política do signo é substituível a noção de economia cinética do signo, ou seja, uma economia de memes, imagens, volições e transliterações, num mundo cada vez mais “armado” de redes de complexidade como a do vírus COVID-19, para dar um exemplo bastante atual. Assim, o Ser não termina quando cessa a consciência do mundo físico, porque ele É a consciência do mundo físico, à laia de Husserl que falava numa condição de consciência interna do Tempo, ou seja, o Ser não é uma flor comum, mais ou menos nobre que seja, mas um cato do deserto num cenário de *Estrada Perdida*, de David Lynch ou de *Matrix*.

Todas as sociedades precisam de uma fuga, em quase todos os locais da atividade humana há fugas, quando uma mangueira se rompe, há fuga; na cozinha, há (quase sempre) uma panela de pressão que tem um pito-apito

por onde sai o ar mais ou menos reguladamente. Algumas fugas são domésticas, outras são selvagens, como as dos miúdos a partir de casa, quando chegam aos 15 anos. O exutório, de que fala Pina-Cabral, é o defeito, na sociedade, que mais importância tem, ou seja, nas personalidades, como nos grupos, há sempre um elo mais fraco, mas ele é o mais importante, porque regula, tal qual xamã, os comportamentos dos outros. Todos olham para ele e o imitam. É sagrado, podemos dizer. O vão da existência é isso mesmo, um vão de escada por onde alguém sobe, percorrendo os degraus mais ou menos íngremes. É o lugar onde os rapazes escondem o tabaco, o lugar da dispensa, nas suas primeiras experiências de inserção no mundo (vide *Timeu*). O vão é o âmago do Ser, em vez da glândula pineal, ou seja, o sistema límbico, porque é emoção. Senão vejamos esta situação, plenamente sartreana ou sackiana: vou à sala e pego no licor, trago o corpo, estava para deitar no copo na sala, na mesa da sala, mas trago a garrafa até mim e, de facto, mesmo não sendo factual, eu estou a depositar o conteúdo da garrafa não no escritório, mas na sala, onde contava fazê-lo primeiramente. O vão é tudo isso e, desde já, não apenas transcendência mas sobretudo metafísica, é a economia cinética de que falamos acima, ou seja, ao contrário de Damásio ,o cérebro humano não é um órgão, mas uma certa forma de mediunidade. Na verdade, o que é o sujeito? E com esta interrogação terminamos este nosso texto.

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA?

"Quem ama cuida, não deixa morrer"

Nicholas Malebranche

1. A DOR DO ARTISTA DAS PALAVRAS: SOLIDÃO E MEMÓRIA SOCIAL À LUZ DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ao mito da tartaruga de Zenão de Eleia contrapomos o do caranguejo da praia de São Pedro de Moel, que dá um passo através, em nome da sua ancestral legitimidade e dois à frente, pelo que progride sempre, pelo batida pela crítica dos Outros. Mas será que a filosofia é um caminho e um caminho só, numa estrada que não tem fim ou então seja um beco sem saída. Muitos professores, pela minha perspectiva, preferem os alunos não entendidos na sua teoria, mesmo a sua teoria pessoa, para escolherem os mais politicamente corretos face à sua bibliografia, ao seu currículo. Tudo depende da sua idiosincrasia. Então, a mais antiga universidade é a de Fez ou a Academia de Platão? Antes disso, temos os peripatéticos. E no império núbio terá havido, decerto, segundo julgo, uma universidade. E, então, o que nos dá a filosofia senão um monte de palavras, palavras e ,mais palavras, sem fundamento algum científico? É desesperante, porque a filosofia não resolve problemas, adia-os *sino tempore*. Para mais, quem não é filósofo admira-se do status existencial e circunstancial que a actividade confere, mas acha que também pode fazer filosofia de um dia para o outro, sem

passar pelo crivo da reflexão, ou seja, a filosofia na verdade é para todos mas muitos tanto a admiram quanto estão sempre prestes a ridicularizá-la, por razões diversas que têm fundamentalmente a ver com o facto de que não a consideram enquanto ciência, ou seja, a ideia de que a filosofia carece de factos. Na maior parte dos casos, é simples ignorância da história da filosofia ou a ideia de que ela foi "ultrapassada" pelas ciências sociais e humanas, pela literatura, no relato da experiência do humano ou da condição humana... De resto, quais as doenças próprias do filósofo, que se entrega voluntariosamente à floresta da especulação e reflexão? As doenças pulmonares? A solidão, a depressão, por ter descoberto o segredo da vida? E qual será esse segredo? Podes ter várias designações, desde já um que é religiosa, ou seja, o Santo Graal, mas há outros, desta vez não religiosos, como o segredo da e-terna juventude, o elixir que faz retroceder o tempo e a sua acção no sujeito. Uns, como outros, permitem intensifica (até ao desgaste do rebentamento interior) a experiência humana, permitem elidir da experiência humana essa mesma experiência que nos ensina que a felicidade está nas coisas simples, a ilusão de que da experiência humana é possível e passível erradicar a doença, a depressão, a esquizofrenia e a psicoti-cidade, não julgando que uma coisa leva à outra, que uma mão lava a outra, desde que haja um pouco de lavagem das mãos, ou seja, meditação e Pilates...

2. PESSIMISMO VERSUS SIMULACROS: A VANTAGEM DE CÁ

Roger Scruton falava, em "As Vantagens do Pessimismo", da ideia de que a melancolia e a negatividade nos podem conferir uma visão realista das coisas, pessoas, ideias e relações e, na concepção básica de que para haver otimismo é necessário o pessimismo. Na verdade, seguindo outro autor, Jan Baudrillard, a vida, pelo menos nesse lado atlântico do globo, obedece cada vez mais a simulacros, ou seja, a própria teoria da vida é uma ilusão, uma narrativa, uma encenação em teatro nas vielas de uma cidade europeia ou mesmo na "abrasada" e derrotada Nova Orleães. Na minha experiência enquanto antropólogo aprendiz de filosofia tenho notado que toda a ação humana remete para a capacidade que temos ou não para aprender com os nossos erros no palco da nossa biografia, a tal "one shot opportunity" de que fala o cantos de rap Eminem, ou seja, a vida é uma corrida, uma tirada, uma bandeirada de táxi mais ou menos longa, mais ou menos consciente ou instrutiva. Nada mais, apenas um mais ou menos *dazzling glimpse* na poeira cósmica, no universo interestelar, por isso as variedades da experiência de que fala William James são oportunidade flagrante de nos acorarmos sobre a nossa vida, como e o vento viesse detrás e nos tivéssemos de reconciliar connosco mesmos protegendo uma criança no colo numa tempestade de areia...

Na verdade, quando vês este mundo e o efeito que faz no teu mundo bem intencionado, intencionalmente percebes o efeito danoso de uma certa filosofia para ti e para os outros e interrogas-te, à maneira de Montaigne, de que vale a pena ser Bom se a sociedade não te concerta a ti e aos teus pensamentos? Optas então por ser paciente e perder de vista o longo prazo da filosofia e não te entregas tanto, como o fez Cristo; nem és tão filósofo

assim nem tanto cientista social assado... É este o conselho (concerto) que eu tenho para os jovens que queira ser alguma coisa, um *glimpse*, do que eu fui e vou sendo.

3. QUANDO O BANAL É VITAL: PÓLIPOS DO SER E A PEDRA DA PERDA DA DIMENSÃO ESTÉTICA EM ESFERA E ESPERA COSMOPOLITA

Enquanto não percebemos os mecanismo da mente e da realidade, enquanto não somos antropólogos, somos filósofos ou sociólogos, ou seja, o tipo urbano-depressivo predomina em nós. E perde-se uma dimensão estética na técnica, no desenvolvimento humano, no Eros do banal...ideias que se notam antes num Benjamin do que num Baudrillard, ou seja, tanto a vitória como a derrota futebolística ou estatutária, mesmo a do casino, revertem para um certa arte do fazer que, enquanto muitos guardam para usar, outros desperdiçam porque o seu papel social está esgotado, talvez por abuso de um papel ficcional. Assim, podemos ver este surto de gripe COVID-19 como um fenómeno social total de carácter não agonístico, ou seja, é não-convencional, quase ocidental e não visa a celebração de nada a não ser dos médicos e serviços públicos que ora curam as pessoas ora se mobilizam para garantir serviços mínimos (transporte, saúde, alimentação) nas comunicações, nos hospitais, nos supermercados...Esta perspetiva é mais do que baudrillardiana ou camusiana, é mais digna de um sociólogo como Maffesoli, só para citarmos um nome.

Mas...será que o antropólogo é um novo Cristo? Será que ele está disposto a dar a vida pelos seus, pela comunidade que estuda? Enfim, qual a validade social de um antropólogo, de um filósofo, de um sociólogo. São questões importantes, estas. E, não será que o filósofo precisa de descer do seu pedestal conceptual, de enfrentar o sinédrio, de falar aos doutores como Cristo, um verdadeiro antropólogo, talvez o primeiro de todos, não contando com os gregos e alguns romanos? Não será socialmente útil, intervencionista, pôr estas ciências e a filosofia ao serviço do povo (Zambrano), sendo que tal não é uma ciência de esquerda nem de direita? Talvez, quanto um e quanto outro, estão demasiados interessar em agradar a todos, a gregos e troianos, a espanhóis e portugueses. Esta é a questão do ponto de vista moral, os aquarianos são assim, os Vítores são assim, tal como São Victor de Braga. É a tentação do todo, do fenómeno social total estudado por gerações e gerações de antropólogos. Ora, chegou a vez de tanto uns quanto outros tomarem partido, porque enquanto, pelo menos no contexto académico português, os filósofos são quase todos de direita (não só porque os monges, frades e padres sempre fizeram ora Teologia ora Filosofia) enquanto os antropólogos são quase todos de esquerda, e nem todos querem ou afirmam querer estar entre os mais desfavorecidos. Enfim, questões de carreira académica, quando a universidade da vida tem, para muitos, mais legitimidade do que a outra, no âmbito contextual de um registo mais ou menos jornalístico.

4. CINEMA ESPIRITUOSO: UM CAMINHO A PARTIR DO TÉDIO PELO REINO DO BANAL

Num certo sentido, estamos na presença de uma epidemia bastante pedagógica, que nos ensina a como lidar com o mundo que aumenta de complexidade, coisa que talvez aumente com o tempo. Ou será o contrário, quando as viagens no tempo são possíveis e passíveis de serem feitas, não só através do cinema mas da espiritualidade, por exemplo? Portanto, como manter a sanidade mental e sentimental numa epidemia como esta, numa situação de emergência social, de estado de emergência? Usar o chico-espertismo a toda a hora? Isso desgasta. Como ir trabalhar, já que precisamos de o fazer para, legalmente, comprar comida? Porque são poucos os filósofos portugueses como Zizek, Baumann ou mesmo Sloterdijk, bem...talvez um Nuno Nabais, um José Gil, um Carrilho...um Quintais, que na verdade faz apenas antropologia, só que não é de campo, é de hospital. O homem errante, que conheceu como que por vislumbre o Deus na adolescência, levou-o consigo até às portas do marxismo, descobre, então novamente esse mesmo Deus, precisamente esse mesmo Deus na forma de Cristo já quase velho, porque precisa, a biografia é relativa mas esse sujeito não deixa de olhar para ela e para esse Deus que se descobre pela manhã em cada dia subsequente à sua dúvida e angústia existencial que carregou durante anos como um saco de pedras marinhas, como quem carrega o Diabo às costas...

5. O FRANCISCANISMO ENQUANTO FILOSOFIA ECOLOGISTA: RAZÃO E CORAÇÃO
EM DUAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS

O verdadeiro grande herói é, a meu ver, não aquele que faz filmes, que é actor, mas aquele que sabe ser actor social, ou seja, esotericamente planteando na esfera da vida social em comum um esforço que respeita o Outro (Goffman, Habermas, Ricoeur). Então, onde fica a arte? A arte é diáfana, não fica em lugar algum senão fora do caixão do artista morto. Neste sentido, creio que o franciscanismo é a primeira filosofia ecológica de que há memória. Nas anteriores civilizações a nós não há memória de tal coisa, a não ser em alguns autores árabes. A concepção de harmonia com os animais e a natureza está na origem dos mais recentes partidos políticos de extrema esquerda e direita que promovem esses ideais, como o nosso PAN, só para dar um exemplo. E, enfim, o su-jeito (ao *seu-jeito*) passa a ouvir vozes dissonantes quando se detém entre árvores frondosas e aquilíneas (Heidegger, "Caminhos da Floresta"; Escrivá de Balaguer, "Caminho") e abundam as referências a obras com o caminho por modelo, o mar por modelo, quando no fundo, **sub-jacente-mente** (sub-jactante), o que está em causa, **pat-ente**, é o sentido nos termos de direcção, nem que partamos apenas das "Regras para a Direcção do Espírito". Por outras palavras, o que está subjacente é o que está debaixo daquele que jaz, ou mesmo ele mesmo, o que jaz, está subjacente à superfície, **sub-jaz...**

6. FORA DE ÂMBITO DE PERTINÊNCIA E PERTINÁCIA:

O sujeito de *O Timeu* e *O Homem Revoltado*

Temos, então, a noção de Mundo e a noção de Homem. O Homem de hoje está revoltado, bem procura explicações para a sua revolta. Mas, a revolta tem de ser explicada? Ela não é manifestação animal, natural e pura da **natura naturans**? Só mesmo a filosofia ocidental para a explicar racionalmente, porque Osho propõe outra solução, longe das teorias de Watslavick, ou ser: ser testemunha, não intervir, o que vem de encontro à teoria da relação entre teoria e práxis. De resto, poderíamos pensar na sequência de Cícero e Epicuro: "porque é que as pessoas se agarram à vida?". Sim, porque se agarram, este mundo tem assim tão interesse? Além do mais, somos mortais, todos sabemos que um dia vamos morrer, que se vai operar um deslocamento do nosso espírito face ao corpo. Porventura, encontraremos outro corpo, móbil e veículo orgânico a que o espírito se acomode. Então, chegamos ao ponto principal da nossa argumentação: terá sido o vírus COVID-19 criado em laboratório? E com que fins? Para fazer enriquecer certas pessoas à custa da morte de outras? Não é a minha especialidade a teoria das conspiração, mas nem toda a gente consegue pensar e desenvolver esta hipótese.

Entre Eros e Calíope: o Sujeito e a Razão enquanto poesia, nos termos de uma *eroticidade* das lilações

Resumo: A nossa hipótese é que a densidade e intensidade das relações sociais pode gerar desrazão que se plasma numa *eroticidade* no contexto urbano, enquanto que no cenário campestre as doenças maníacas são menos verificáveis. Pretendemos analisar esta hipótese (mitológica) e provar que ela não corresponde à verdade e realidade, adiantando o quadro teórico de uma nova disciplina, a *Outrologia*.

1. A Solidão, Humana e Animal: Fim ou Ponto de Partida?

O homem precisa de sentido na sua existência. A filosofia interroga a existência e, a meu ver, fornece também respostas, as respostas que não satisfazem com a ciência. Mas, mesmo assim, por ser eternamente insatisfeito, o homem logo fica em solidão triste e deprimido, mesmo com as respostas da filosofia, com as interrogações da filosofia. Terá esta de rever o seu projecto? Mas, o que é o sentido? Todos procuramos fazê-lo, sendo pelo senso-comum, sendo pela ciência, sem ele o homem não progride, pretende, por exemplo, compreender o fogo, como se fosse a sua alma, Espírito-Santo, refere a Igreja. Assim, a erosão da fé é também uma erosão de uma certa maneira de ser, de fazer, de inspirar, ou seja, o homem, sobretudo à sua representação chamada tecnologia, está sendo cada vez mais secular, um Ser do século, i.e., do momento e não é só através da obsessão pelos bens materiais, é uma maneira de ser que se instala, quando por outro lado, as crenças espirituais se mantêm acesas, digamos, como forma de vida em prol

da *societas*. Se o homem ocidental crê que o corpo humano não é capaz de coisas espirituais, por um lado, acredita em robotizar, tornar manipulável, uma dádiva tão importante e divina como o corpo e com ele a sexualidade. Por isso, defendo que um dos métodos da filosofia seja o método da antropologia, a saber, o trabalho de campo etnográfico. Porque gera uma história, porque, na vida das pessoas, inspira o filósofo a dar valor às relações humanas enquanto *enchimento* da teoria filosófica.

2. O Poder da Filosofia Versus a Filosofia do Poder

O que terá mais valor, uma casa, construída com as próprias mãos, com projecto arquitetónico e civil, ou o projecto da filosofia? O projecto desta é o texto? Então não existe projecto, porque, meramente, o texto não existe, por si, sendo meramente algo mais do que algo obra do espírito (santo ou profano?). Então, se é que ele existe, onde reside o poder da filosofia? Reside no arдил especulativo e na inacessível postura da teoria filosófica face ao mundo da concreção? Quem faz a ponte entre teoria e prática? Que papel devemos dar, no âmbito de uma teoria filosófica, às relações humanas e sociais? Porque parece desprezar a mais recente filosofia a possibilidade de o sujeito construir e manter relações? A filosofia, então, é a ciência da iluminação, da solidão e da dor psíquica, reservada apenas a outros tantos *iluminati*? Não residirá o poder da filosofia na tarefa, apenas e tão somente, admiravelmente, do ensinar a viver, do educare? Assim, pode ser uma *paideia*. E como joga isto com a privacidade da tarefa do *educare*, onde está a linha entre público e privado, entre dominador e dominando. E porque quer, a propósito da violação de várias estátuas nas ruas das grandes cidades

ocidentais, uma certa fatia da sociedade, "apagar" a história, em que muitos filósofos, a maior parte deles anarcas, não fazendo ideia alguma do que custa construir, seja uma casa seja uma sociedade, um edifício para todos viverem em paz, também se contam nessas fileiras, onde trabalham com jovens radicais de esquerda. Provavelmente são esses mesmos que querem secularizar as nações, num arremesso de super-homens onde o que mais importa é conquistar a sociedade aos homens do poder que controlam as massas pelo consumismo, seja poder mental (o da psiquiatria), seja espiritual (das Igrejas), seja o poder económico (os grandes interesses económicos e bolsistas). Mesmo a ciência pedagógica sufoca os jovens, é bem que os prepara, mas sufoca-os e eles só querem jogar e acabam por se desviar ou então tornam-se meros drones ou fones do que os pais não foram... Por falar nas relações, no desespero mortal e no demasiado humano, não precisa o filósofo do afeto, do sexo frequente? Por isso a filosofia está próxima da interrogação, por demasiado sexo confunde e, de certa maneira, a especulação não se dá bem com o desejo, porque é desafio da mente e raiar da loucura, mesmo quando não se comem umas boas sardinhas assadas.

3. A Antropologia é Corpo, a Filosofia Espírito

O que pretendo afirmar é o seguinte: quando chegamos a um lócus filosófico não será tarde demais? O mito da concreção está enraizado na mente do homem, pelo menos no desenvolvido e ocidental. Nas sociedades primitivas há um grau de reflexão, diria filosófica, porque parte de uma certa ordem social que é eliadiana, não se altera e sempre regressa a si mesma quando se sente abandonada. Numa palavra, o poder da filosofia e da antropologia, coloco as duas no mesmo prato da balança, é não ter poder e essa é a maior e melhor forma de poder. Por outro lado, a filosofia parece estar adstrita a um certo benefício histórico, ou seja, aconteceram os Descobrimentos, ou Encobrimentos, mas a filosofia lá está, para explicar tudo aconteceu, até a violência e pedir desculpa por isso. No fundo, é essa forma de atuar, um sintôma de um localismo histórico e uma certa ideia de Europa...

Ab contrario, temo a europa laica, liberal e que entende perfeitamente a lógica da sociedade, porque os grandes teóricos sociais eram, na sua maioria, burgueses e percebiam e explicavam a lógica do sobrenatural, por assim dizer, através do estudo das manifestações culturais humanas, nomeadamente do povos arcaicos, onde a natureza humana estava ainda em gérmen e melhores conclusões sobre ela se poderiam tomar. A filosofia será, então, classista, resultado de um fulgor burguês. Em certo sentido, acredito que sim, que não há tanto o estudo pelo objeto de estudo do que uma pulsão pela afirmação do filósofo ou do cientista social enquanto e tal e através da ciência a que servem sob um certo ponto de vista social, pessoa. Por isso, a filosofia não é nem nunca será um desporto coletivo...

4. O Mundo Social e a Densidade das Relações Intrafamiliares. Uma "Outrologia"

A responsabilidade do mundo familiar e as responsabilidades sociais. Há uma *mood* para fazer filosofia? Sofre o bom filósofo de *bullying*? E como é acerca da sua condição social e financeira? Não será melhor filósofo aquele que se apresenta à teoria como usufrutuário da psiquiatria e os conseguiu vencer, enquanto outro nunca conheceram quebra alguma e, em certa medida, nunca questionaram (a si próprios e ao mundo), como é a maior parte dos filósofos e cientistas sociais portugueses. Alguns houve que conheceram praticamente a morte espiritual e se levantaram, para erguer edifícios teóricos extremamente admiráveis. Não os conhecemos, mas existem, de certo. Por isso, lembrando Foucault, não será a filosofia uma forma de biopoder, em vez de uma descrição, mais ou menos geográfica do mundo? Assim, adensam-se as relações familiares, no reino do parecer, são tensionais as relações entre familiares, mas só há isto, o que se passa na família, e o que se possa passar além dela. Escolhemos os amigos, não escolhemos a família, diz-se em conhecimento popular. E, mais ainda, santos da casa não fazem milagres. Quando os dois níveis de entendimento social estão em máxima tensão, o sujeito cede, daí a psiquiatria no âmbito das relações de poder, entre os nascidos e aqueles que vieram a aparecer por mor de contrato social, esticando-se, como se diz, querendo conquistar espaço. Se um não tem a coragem de ceder, a tensão é insuportável e gera uma certa forma de esquizofrenia social que só pode descambar na licenciosidade e desgarrada loucura, sobretudo senão há veículo de movimento para outro lugar, se não há fuga e mesmo que esse Ser ajude os outros, habitua-se para sobreviver, porque sempre esteve habituado ao mau

tratamento. Assim, a filosofia torna-se terra de ninguém, completa anarquia, indo além disso, tal como meteoritos divagando no espaço e batendo uns contra os outros. É o fim da ciência social, porque os corpos encontram-se uns com os outros sem motivo algum, apenas pelo ardor do toque, do choque, do intercâmbio. Então, como numa bela história, o sujeito amargurado por ser objecto de *bullying* e esquecimento, revolta-se e torna-se o mestre de tudo, não apenas da filosofia, mas do mundo, do seu mundo família e, depois de ser jogado do e pelo mundo, como no Timeu, funda cidades e entrepostos comerciais, volta a ser antropólogo porque o estado de produção em filosofia não pode jamais ser contante e obsessivo, diríamos até, demasiado produtivo, porque há ponto de ancoragem que a antropologia, por conhecer o homem e saber que ele nada sabe, que precisa de ser instruído pelos deuses e os melhores dos humanos, eis então o mito do platónico do filósofo-rei materializado, tornado realidade e as sociedades pacificam-se e vivem sobrevivendo pelo diálogo (Paltão, de novo) e as forças humanas da terra subjugadas, submetidas e acumuladas durante anos, em que o antropofilósofo é mero medium, representante, suspeito, acabam por vir ao de cima e equilibra a vida social... Constatação preliminar: o mundo é importante, como o mundo familiar, mas não há um motivo válido para desistires, para abdicares de existir, no mundo, podes pegar num assunto como Camus e não há motivo para acabares com a (tua, note-se), vida, o que não quer deixar de dizer que o maior problema é o suicídio, mas há outros, desde já o nada sartreano, o Todo, a Totalidade de Hegel, a totalidade social, o fenómeno social total dos antroposociólogos, portanto o objectivo é resistir, vivemos numa época de muita informação e esclarecido, em que qualquer valor é logo mediunizado, mediatizado, por isso, se outros vivem e bem, também deves tu viver e bem. Sim, porque, finalmente, a

filosofia clássica quase elidiu o Outro, estando em condição de amarrar para sempre o sujeito a ele mesmo. Daí derivam várias doenças e só com as Descobertas e consequente colonização, mesmo que haja aspectos positivos nesse ímpeto histórico, se não acontecesse, talvez não tivesse nascido a antropologia que, a meu ver, não existiu na Idade Clássica e foi precisamente António Vieira um dos mais poderosamente lúcidos filósofos que fundaram essa **Outrologia**, ou seja, a ciência do Outro, que muito pode valer, a meu ver, a responder a muitos dos enigmas filosóficos da história da Filosofia, não apenas por simplificar conceptualmente, mas sobretudo por conferir matizes distintos ao Sujeito que ser quer conhecer e chegar a um certa forma de felicidade, mais ou menos duradoura e à realização de uma certa forma de felicidade e ideia de sociedade...

5. DO PANTEÍSMO DO MAL AO JUÍZO FORMALMENTE ALEGÓRICO DO *THEATRUM I-MUNDI*

Depois, acabas por resolver um dilema que tinha mais de trinta anos, ou seja, poder-se-á fazer filosofia sem amar (o mundo, uma pessoa ou mais, tanto em termos físicos como conscienciais)? Depois, surge o conceito de boa filosofia, aquela que ajuda os outros, próximos ou distantes, a levarem a vida para a frente e o essencial do trabalho de todo o filósofo, descobres, é encontrar esses motivos, mesmo que seja mais difícil e complicado do que a ilusão momentânea do senso-comum, como se as pessoas estivessem inutilmente drogadas e encontras no mundo simples, *ad nauseam*, razões bonitas para fazer filosofia bonita, porque socorrida do mundo ao qual tu viras as costas quando queres entrar e não sair jamais do teu mundo. Daí o que a antropologia, nomeadamente a social, poderá aportar à reflexão filosófica...Mas, se caminhamos para um país secular, do momento presente-instante, isso não quer dizer que percamos os valores e não que os valores (o seu uso e usufruto) esteja apenas sujeito ao foro da Igreja, das igrejas. Foi por este motivo que decidi empreender duas obras, uma ***Crítica da Suspensão do Juízo*** e uma ***Nova Reforma do Entendimento***, que se debruça sobre temas vários, respectivamente, de Kant e de Espinosa, este último especialmente na sua noção de panteísmo, que pretende alumiar sobre a noção de que tudo é Deus, divindade e que esse Deus bom pode ser tão glutão que, antropomorficamente, engole o Mal do Mundo (como se fosse ele mesmo uma substância venenosa, profana), adstrito à fidelidade e aos impérios grego e romano, descrito por Schopenhauer num pequeno panfleto (*Sofrimento do Mundo*) sendo que a coisa do toda do que creio ser um fenómeno social total, esta Pandemia do COVID-19, explica muita coisa a

respeito da questão dos valores que, julgo, só a filosofia pode cabalmente asseverar.

6. CONCLUSÃO: ENTRE "OUTROLOGIA" E FILOSOFIA, UM ETHOS VALORATIVO DA VERDADE SOBRE UM DESTINO PORTUGUÊS

Por exemplo, a obra de Jonh Gray "A Morte da Utopia" reaviva o mito do homem no exército, do homem-exército enquanto Deus ex-maquina, um Aquiles, um Leviatã, que se presta a defender os seus e valores, sejam seus sejam do Outro, comparando as formigas aos humanos, nos termos de um sociobiologia, de uma etologia em função ou comandada pela evolução, intrínseca ao homens e seus exércitos ou extrínseca, o seja, uma filosofia do formigueiro, onde se notam vários tipos de comportamento político, contanto que uma formiga seja o equivalente a um sujeito humano. Quando vemos e sentimos a Verdade em nós mesmo (e não estou falando no sentido religioso mas filosófica, obviamente sob o que entendo ser a filosofia) e a filosofia é isso mesmo, não só busca da felicidade, mas da verdade e assustamo-nos, porque não estávamos habituados (Vide Scruton, *As Vantagens do Pessimismo*), pelo mais diversos motivos, de que deixo alguns, o salazarismo, o que eu penso ser uma cultura de altos e baixos, pouco mais dizia, não sei bem, quem sou eu para julgar a identidade de um povo, mas certamente terei mais vontade de vencer no quadro do que José Gil fala a respeito dos portugueses, que descarta a questão simplesmente dizendo que Portugal tem medo de existir. Eu não penso assim.

O Oráculo de Gutenberg:

Teoria, prática discursiva,

escrita e oralidade

Resumo

Pretendo equacionar o fenómeno da escrita, não apenas tipográfico, como forma de perpetuar a relação do homem com o tempo, e de perpetuar relações sob a forma de uma intergeracionalidade, de celebrar a vida. Na relação entre escrita e oralidade haverá oposição? Ponderemos a relação entre teoria e prática: é a escrita um “meio” eminentemente teórico? A oralidade é meramente discursiva ou cria realidades? O que é a prática, a praticidade? Como se explica e identifica a passagem da prática à teoria e vice-versa? Quem, na história, faz a passagem do popular para o erudito, em termos de ferramentas teóricas? Que faz a passagem é o discurso, a oralidade, seja popular seja erudita. O homem do século que só fala nos termos do presente da sua lógica, que não o é porque não é reflexiva, não põe em causa Deus, o Ego, o Mundo?

1. A ESCRITA COMO INSCRIÇÃO

A noção de que o discurso altera a realidade, a identidade. Isso tem de ser alterado? Por mor de quem? Do controle burocrático do destino e do quotidiano dos sujeitos? Controlar os dinheiros e as formas de o sujeito os obter é uma forma de condicionar a liberdade e a sua felicidade, pois só o dinheiro permite realizar objetivos e conferir felicidade. Contudo, o homem pode ser livre sem dinheiro, mas só depois de ter sido escravo. Muitos julgam-se livres mas estão escravizados ante a realidade virtual, essa felicidade é virtual. Sá a ideia do homem enquanto pesquisador, solto no mundo, lhe pode trazer felicidade, porque assume o risco e vê a vida como aventura, como qualquer coisa que não tem tento certo. O misto das duas é talvez qualquer coisa de novo no evoluir do homem no tempo. O meio discursivo altera a realidade, o meio. Sim, o meio, a realidade, é apenas uma forma de lidar com qualquer coisa que é um pouco de nós, do que somos feito, e um pouco do que está para além de nós, para o qual em certa medida caminhamos, seja o transcendente seja o **tempo-aí**, na disposição de Ser disposicional, evolver na realidade, social ou ambiental. Defendo que não há diferença essencial entre o discurso e a ação, não só porque o discurso seja ação, mas porque a ação é também e sobremaneira discurso, ou seja, teatrealização da relação do homem com o mundo e com os outros. Podemos fazer equivaler teoria a discurso (pensar) e ação a prática? Dependa das culturas, depende dos grupos, depende dos sujeitos e nestes das épocas e ritmos biográficos. E quanto ao pensamento de Donald Davidson? A prática discursiva é produtora de sentido, mas será produtora de ação? O facto de o

homem ser um ser discursivo define o seu sentido e posicionamento face à cultura em geral e à cultura do Outro, ao mesmo tempo que gera uma prática terapêutica, uma narrativa regeneradora que inclui o sentido sexual do social. A prática discursiva não cria e altera a realidade, mais do que a ação, mais do que o pensar e o imaginar? Quando chegamos ao fim da vida é que estamos aptos para viver? O saber tradicional toma a sexualidade como algo central, no âmbito da brejeirice, uma código que é conquistado pelo ator por forma a vingar no mundo social e afirmar a dualidade, a ambivalência, do seu comportamento. É no meio deste jogo que ele vai definindo as suas opções sexuais e tentando decidir se quer ou não casar. Um comportamento demasiado masculino pode comprometer, pelo que o sujeito vai estudando a forma de melhor se realizar social-sexualmente. De modo, a sexualidade é qualquer coisa que está para além do biológico, é sentimentalmente social, e o sujeito tenta precaver-se da invasão de privacidade que é a internet e tudo o mais. Essa violência simbólica de um mundo fragmentado entre na mente pelos olhos e a sociedade torna-se um complexo de auto e alter vigilância perpétua, como um carrossel montado. A praticidade, por outro lado, tem que ver com qualquer coisa relacionado com responsabilidade social, obrigação? O teórico não é responsável socialmente?

2. A ESCRITA COMO REVOLTA

O escritor, normalmente está à parte da sociedade. Era assim na antiguidade clássica, assim na revolução francesa. É a escrita uma forma de se tornar eterno, como diria Grieg (“What price immortality”)? Assim sendo, o escritor, a não ser que esteja comprometido com o regime vigente, é um (ser) pária, um revoltado camusiano contra a guerra, contra a ordem das coisas. Talvez porque a expressão escrita seja eminentemente revolucionária, antes de se tornar conjurativa de uma nova ordem social. Enquanto todos trabalham para prover o imediato, o escritor põe em jogo a sua saúde, passando fome, correndo o risco de enlouquecer, quer seja na sua filosofia ou na sua astronomia. Mas isso são ideias já balizadas, já aceites e conhecidas. O próprio ato da escrita é de libertação, de terapêutica e o será a escrita, por exemplo, etnográfica, filosófica? Não visará toda e qualquer escrita ser inspiradora, catártica, terapêutica? Como o teatro grego, na origem? O facto de uma civilização ter deixado escrito o seu conhecimento não terá que ver com uma certa consciência do Eu (coletivo, antes de mais) e, por arrasto, do Outro? Não será toda a escrita, do poético ao filosófico, um tentame de inscrição na sociedade, ou seja, de dizer “eu estou aqui, quero fazer parte”? Em vez de ser um esforço rebuscado que tem que ver com uma certa técnica, com uma certa herança, com um certa maneira intrínseca de ver as coisas e o mundo? Por outro lado, em termos do *dasein* banal do mundo do senso-comum, há quem aposte na erudição como forma de afirmação social, a fim de ganhar status e ser, de certa forma, um chefe, um demiurgo...Então, quais os objetivos da escrita? Vencer a práxis? Ser amigo

dela, intérprete dela? Enquanto uns vêm a teórica e, logo a escrita, como um inimigo, porque ameaça o instante atual (prático), outros vêm nela uma aliada, não só porque a escrita eterniza o momento, eterniza o real, como garante a transmissão desse momento *ad generationem*...além do mero momento redentor da criação...

3. PARA UMA SINESTESIA E CONSENTANEIDADE DA ESCRITA E DA ORALIDADE

E o que precede (*pós-cede*) a ação humana, o que é humano, a práxis ou a escrita? Nos dias de hoje já não teríamos de colocar estas questões, pois o diferendo entre escrita e oralidade já não se põe, sendo que a escrita é exclusiva da reflexão, da habitação e habituação subjetiva de certos lugares, mais ou menos científicos, mais ou menos românticos e bucólicos... Por vezes parece que o discurso desencadeia a ação, que os seres humanos não agem sem necessariamente ter antes pensado, ou seja, formulado qualquer equação lógica de um saber misturado com a experiência, seja biográfica seja literária, seja por ver fazer no trabalho com os outros.... A nossa argumentação ficaria logo por terra quando acreditássemos que a realidade atual, social, real (mesmo no sentido da *realpolitik*) é essencialmente guiada (guinada) por memes. Mas não, pertencemos à civilização da palavra e essa palavra descreve mil imagens, pois ainda nos julgamos homens racionais, mais do que racionalistas. Assim, toda a filosofia é possível, antes de mais porque é explicativa, ou seja, hermenêutica, mesmo que não diga lugar algum ou tempo algum, ou personagem alguma, isso fica para a Geografia

Humana, para a Psicologia, para a Literatura... Mas... não é possível romper essas fronteiras, como se *inde-terminássemos* o muro de Berlim? Claro que sim. Então, avancemos... Para que a palavra possa ser expelida, mesmo em termos da Antiguidade Clássica, é preciso um sentido do outro, uma empatia, um discernimento de que o outro, senão nos ama, pelo menos está recetivo a nossas palavras. Porque enunciar é arriscar, é partilhar sentindo o sentido que damos ao mundo, é estar e ser em comunidade, seja na aldeia seja na cidade... A realidade, espartilhada hoje, é a realidade do ontem, porque simplesmente, segundo Bauman e outros, ela não existe, existe o que sempre existiu, a conceção do Eu ante a realidade, sendo que esta é o modo como o sujeito a vê, a percebe, não podendo alienar-se de outras ideias que o cercam... Mas, não virá toda a pulsão da escrita de um reconhecimento do efêmero, da finitude, como se se tirasse uma cerveja à pressão num bar do Bairro Alto nos anos 80?...Pressa de viver, segundo diversos autores, desde Duvignaud a Marcel Mauss, desde a festa à festa nela o homem social, o homem total ante o fenómeno social total. A escrita é também isso mesmo, totalidade enquanto criação, por isso enquanto uns se especializam em literatura, outros em ficção, sendo que outros em filosofia, sociologia, antropologia, uns mantendo-se na mesma linha de pensamento, outros andando aos zigzagues, como se não partilhassem a mesma identidade de uns...Assim, a prática é uma certa forma de teoria e vice-versa, ou seja, ambas pertencem ao domínio da interpretação (Ricoeur, Gadamer), ou seja, há um vaivém entre ambas que tem que ver com o posicionamento do sujeito ante o mundo e a relação que tem com outros sujeitos, conhecidos ou desconhecidos, nos termos de uma conceptualização dessa relação e partida para um concreção que não seja somente o texto.

4. TEORIA E PRÁXIS: FUSÃO OU CONTRADIÇÃO TÁCITA E TACITURNA

Um texto é eminentemente teórico? Não pode ser prático? Foi o antropólogo Jacques Goody quem estudou a diferença entre sociedades se escrita e as alfabetizadas, entre outros. De um lado, tínhamos sociedades primitivas (da atualidade) sem escrita, movidas pela transmissão oral (geracional) dos conhecimentos, gerais segundo a vivência no seu contextos e profissionais, caso se se mantivessem um certa forma de relação com o mundo do trabalho. Por outro lado, tínhamos as sociedades com escritas, literatas, talvez porque o desenvolvimento económico tivesse proporcionado tudo isso, um espaço para a reflexão e até a especulação, daí se gerando a dominância da ideia de intelectualidade, não só apenas em termos de seleção natural das mentes... Assim, a literatura, como (o texto em) ciência social, não é senão um produto extasiado do sujeito-actor social que é o cientista social, ou seja, também é ele, enquanto entidade e identidade subjetiva, um produto daquilo que provocou: factos sociais à-lá Comte e Durkheim. Essa cisão intelectual, académica, corresponde, de facto, à cisão entre atividades manuais e intelectuais dos tempos feudais, sendo que na civilização grega e romana não era tanto assim. O fazer foi perdendo o seu efeito, por isso o homem moderno, pós-moderno, hipermoderno, está ansioso de mostrar, de provar, por meio da efetividade, que não é somente matemática, é sobretudo social e esta prova está intimamente ligada à “aquisição” de mulheres, no sentido lévi-straussiano e semiológico da coisa... Eu não preciso da teoria, preciso de demonstrar na prática que sou digno de esposar uma mulher, afirmando a minha masculinidade na arena virtual, antes de mais...Por isso, a mulher nunca desposará o intelectual, nem pouco mais ou menos, porque

ela prefere aquele que não sabe e que é moldável (como barro bíblico) aos seus intentos para o futuro a dois...Porque há o mito de que o intelectual não é competente nos termos sexuais, o que nos leva para a ideia de que a mulher prefere o falo, mas o falo sem dono, do simples popular mecanicamente disponível, um boneco que não fala nem se excita com as diatribes, antes se ergue ante seu corpo que é nada senão objeto de desejo, como diria Baudrillard. É que o fazer, a praticidade, é antes de mais prova do Si-Mesmo ante o outro ou do Si-Mesmo que há no outro, sujeita a legitimação de modo a que o Eu (ou Ego), possa ser aceite nos termos de uma determinada ordem social mais ou menos compósita de sujeito alienados e criativos. Porque criativos, como Nietzsche, há poucos e aparecem de quando em vez na história das sociedades. Mas... estarão as pessoas cegas, imersas em determinismos socialmente condicionantes que não levam a lado algum? Não estamos do Século XXI? Se se discute quem quer casar com o agricultor, ou as oticamente efusivas incidências de um Big Brother, porque não se há-de discutir a liberdade e livre-iniciativa, para não falar já do livre-arbítrio?...

5. Conclusão

PONTO POR PONTO EM CONTRAPONTO LÓGICO

A atividade científica, sujeita a provas e verificação, deriva de uma tradição, de uma transmissão do saber, ponto por ponto, onde as teorias estão enlaçadas umas com as outras de forma a formar sistemas de pensamento. Na oralidade, seja ela campesina seja cidadina, o sentido esvai-se nos vãos do pensamento, nas ruas estreitas e mal-cheirosas, palmilhadas por pensamentos estranhos, isto é, de outro lugar, enformando o que se chama de cosmopolitismo. Esta noção de vão, que tenho adiantado nos meus escritos, destina-se à manutenção de um lócus onde são permitidos pensamentos do inconsciente coletivo, por vezes animalescos, que não cabem na formalidade da cidade. São as coisas indizíveis que ao mesmo tempo fogem ao discurso formal e nele se inserem, ora por insistência, ora por pertinência conjuntural, seja por motivos económicos, seja por motivos existenciais ou linguísticos. Aliás, o que é o campesinato senão uma criação do romantismo e idealismo, poderia dizer, alemão do século dezanove? Mais tarde, Tagore escreveria “A Casa e o Mundo”, numa ideia que tem muito que ver com a *in-alcançável* lonjura da casa, da necessidade de a deixar de quando em vez para melhor a amar, sendo ela quase equivalente, em termos psicanalíticos, à própria esposa.

Podemos, chegados aqui, falar do que eu costumo chamar de “esplendor da teoria”, ou seja, por mais que questionemos uma visão igualitária entre práxis (prática) e teoria, essa relação deriva de um contingente histórico ancorado num vão do passado e que continua a ferver por dentro, como um

cozido à portuguesa. Esse esplendor e esse vão constituem duas forças, quase motrizes, da produção filosófica, desde os antigos, poder-se-ia dizer. Além disso, o filósofo vive da reminiscência desses momentos, seja da caverna de Platão, seja do glorioso idealismo alemão, com Nietzsche e Kant, cada um à sua maneira. Outrossim, o mito do filósofo sem visão, cego, que vive das reminiscências de um mundo pouco conhecido. Quando a filosofia é toda ela **olhar**, que filosofia se fará quando o filósofo ficar cego? Uma filosofia em arrasto, em segundo grau, dependente ou não de imagens...

***Mindfulness no Retorno a Si:
recomposição do sujeito ante
a re-conciliação face ao Mundo***

**1. Enchimento versus Esvaziamento: o perpétuo movimento da
felicidade e da in-fertilidade**

Um meme da internet atribuía infelicidade à *mindfulness* e felicidade ao seu contrário, o que quer dizer que a felicidade é uma forma de vaivém alegórica ao ato sexual do coito, ou seja, enchimento versus esvaziamento, o que retoma certas ideias de Deleuze e Foucault. Assim sendo, só este movimento de dupla manivela, o movimento mútuo de enchimento e esvaziamento mental, que tem como exemplo na natureza sexual dos humanos, produz tanto fertilidade quanto felicidade, ou seja, gozo mais ao menos extático, que permiti, tanto a melhor performance do sujeito, quanto do grupo e, num último caso, da sociedade por inteiro. Esta asserção tem tanto a ver com a hipótese da perda do sentido de comunidade, ou seja, o cosmopolitismo e a globalização poderão levar a uma megalópole de sentidos onde muito dificilmente -e duravelmente- o homem se pode encontrar, num certo localismo e contextualismo das emoções.... ideia corrente em vários filmes de Hollywood e pensadores vários, sobretudo numa tradição francesa, de Henri-Lévi a Baudrillard e Bataille, quando já anteriormente falavam destas ideias Camus e Sartre, onde o seeming que propomos em nosso pensamento não estava ainda contemplado, ou seja, regista-se, em contexto vários, etnográficos ou sociais, uma volatilização da

relação entre eu e ego, entre ego e Outro, sendo que regista também, no subconsciente colectivo, de uma substituição em "dupla hélice" daquilo que nos faz sonhar e realizar os nossos sonhos, o Ser e o parecer, e mesmo que realizemos esses sonhos, factual ou mentalmente, nada chega, nunca chega, e somos eternamente ora infelizes, por que o escolhemos ser, em favor do sucesso junto da sociedade, ora felizes, ainda que não por muito tempo, mas repetidamente, pois teremos encontrado forma (uma metodologia) a fim de o Ser...

2. Observação Versus Participação

Neste sentido, qual deverá ser a metodologia do cientista social? Observação, participando, ou apenas observar, sim, porque o filósofo não observa nem participa, que eu saiba e a sua metodologia (para quem fim?) é intrínseca à teoria. Indo mais fundo: como é lícito à filosofia fazer teoria porque não tem data (nem nome ou lugar?, ou seja, que espécie de construção é (ou parece) o empreendimento filosófico? Por outro lado, não será a premonição uma forma de **etho-logia**? Onde está, lembrando uma questão antiga e íntima à psiquiatria e ciências sociais, a fronteira, o afã e a bitola entre normal e normal, num regime de ab-normalidade etológica, comportamental? Uma outra grande questão, diria até mesmo filosófica, é "como deve a vida ser vivida" e isto, esta visão (ou adestramento da visão, mesmo que ela seja canhota) tem que ver com uma certa cientificidade de ler o quotidiano e o que (nos) acontece. Além disso, que relação -e onde- existe entre antropologia e o pensamento autónomo kantiano? Não é ela mais suprema e válida forma de antropologia, de integração do Ser humano no

meio físico e social? Não é o empreendimento tecnológico, que visa libertar, em primeira mão, o homem do trabalho, um movimento contra-natura, ainda que inerente ao homem, que visa elidir a agressividade animal dele mesmo e a sua espontaneidade, para o tornar num homem cada vez menos pensante, alienígena, programado, auto-programado para fazer isto e aquilo, por missão no seu desempenho societal cada vez mais performático, i.e., por um lado alguns são “extraespontâneos”, estão vivendo, sem qualquer teor reflexivo nas suas vidas, outros são ultra-rationais face ao económico, que pensam controlar a vida e o inconsciente humano colectivo, outro são hiper-reflexivos, a saber, os filósofos, numa tendência da divulgação e derivação dos caminhos d apegada humana neste planeta, pelo menos enquanto não nos mudamos para outro? Sendo assim, precisa a sociedade de Ser pensada? Ainda há lugar para as ciências sociais quando se vandalizam estátuas? E tal não será apenas sinal do irromper (incorreto, sob vários pontos de vista disciplinares) da geração mais nova, ou seja, de certa maneira nos termos tanto de uma sociobiologia quanto de uma etologia, uma luta pelo poder na esfera do social? E que lugar há para as reflexões do cardeal Tolentino de Almeida, nos termos de uma jesuitismo pala? E, ainda, por outro meio, nos termos de um franciscanismo que igual por baixo os seres humanos e até condiciona a reflexão filosófica sobre a democracia, a meritocracia (a haver), a justiça, toda ela social?

3. A-Parecimento e Perecimento do Homem e suas condicionantes existenciárias para um certa Forma de Inteligência mais ou menos Lógica e Circunstancial

Assim, além de uma antropologia que centrifuga o sentido e acaba por centripetar o próprio destino dele, reconhecemos, nesta via de pensamento, outras formas de inteligência que com ele se relaciona. A par disso, a sugestão televisiva que, ora permite o adormecimento dos "músculos da mente", ora transvasa para o anúncio de dias apocalípticos nos termos de um agravamento do COVID-19. Uma parte da sociedade mundial está apática, sendo dizimada, por esta e outras patologias, entre as quais a psiquiátrica é a mais sibila e nociva ao pensar de um destino do Homem, outra, mobilizada, mesmamente por via dos media e dos novos-media, em pânico, pior, transmitindo esse pânico. A par disso, uma nova epidemia: a do sexo, a desordem familiar pelo sexo, melhor, pelo mau uso deles, como se todos os corpos misturados (Serres) significassem, por inverso da tendência, o fim do homem (em Si Mesmo) pela negação da sua estrutura moral, dos princípios, não se o olhos desmazelado de certos filósofos e cientistas sociais, o que é justificável, porque os políticos, grande parte deles advogados, gestores ou geralmente homens de não-letras, não lêem os artigos em revistas dos sociólogos, no mínimo, dos antropólogos e filósofos, depois. Mas esta, a filosofia, quando mal feita, talvez contribua em grande parte para piorar o que é uma sociedade governada por materialistas, pois transmite uma ideia de lassidão e deixar-estar, ou seja, uma ideia do humano (e do Ser-Humano), que nada tem de altruísta, ou seja, "fazes filosofia **au-delá** do mundo em que habitas" ... Assim, o homem do senso-comum é aquele que interessa, como se

pode ler numa estação do metropolitano de Lisboa, a vida é Fazer, porque a filosofia é sempre a partir do Nada, partindo do nada, do deserto, para um cenário de certo modo antro-topologicamente apocalíptico, ou seja, esse ponto onde nem sempre podemos mexer, pois é o nosso gérmen, a nossa essência e ir além (ou àquém) disso pode ser ora uma forma de escarificar o que entendemos por Ser, ao lado do Parecer, ao que nos ajudam aqui, em plena data de um suicídio de um conhecido actor em Cascais, Camus e Sartre, entre outros, ou seja, o suicídio é cobardia ou um acto de derradeira coragem, sentido inacabado de que nada mais há a Fazer? Como havemos de Viver? -leia-se o texto de Peter Singer? E havemos nós, perguntamos, de viver, alguma vez? Será que estamos sequer vivendo, antes do como? Entre reflexão e ímpeto, *sturm and drang* e não inscrição (Gil, "vai-se vivendo", diz o povo, invocando María Zambrano, "vai-se andando", como o homem que puxa o arado para que a **Natur** lhe dê o que ele quer e pensa (dar, oferecer), como nas festividades pagãs da Idade-Média nos termos de um *saltarello* de Orff... Somos, antes de atores sociais, meramente actores e devemos viver, havemos de viver, e viveremos decerto e com certeza, enquanto tal, i.e., enquanto atores aos papéis sociais) com questões e questiúnculas, vidinhas e vidonas, entre o mínimo matemático e o amplo geométrica, talvez comprindo, enquanto insectos cósmicos, o papel que nos está na pela, ou seja, raça, religião, nacionalidade. Talvez tudo se resuma a essas três itens e não pode a reflexão filosófica elidi-los da sua reflexão, mas, ao mesmo tempo, será bastante irresponsável apagá-los da memória das gentes, dos povos, das populações, mais ou menos instruídas, ou seja, aquele comendo que faleceu em treino forçado, gostava do que era (o socrático "Homem! Torna-te no que és"), simplesmente porque ele havia sonhado com isso, com essa vida e esse corpo (social, teatral) que se projeta diante de

si enquanto ser-estar-aqui para um ser-estar-aí, ali, ou seja, porque não somos máquinas de coisas nenhuma, precisamos de sonhar, no que somos, em entretém, no que seremos. Mas...poderemos sonhar o que fomos? O que (quer que) parecemos? Freud e outros, mais psicanaliticamente ou mais junguianamente, o homem recompõe, pelo sonho e pelo sono vital, o passado com o presente, alimentando o futuro de uma expectativa de performance, de ir, de partir para a jornada, nem que seja para Santiago de Compostela... Assim, um dos grandes problemas do homem, antropológicamente falando, não é nem o Nada nem o suicídio, nem a antropocena, mas o ressentimento sobre o Outro, que move muitos sistemas políticos e de pensamento supraindividuais, ou seja, enquanto eu tiver ressentimento para comigo mesmo, não consigo ser quem sou e enquanto tiver ressentimento contra o Outro, ele não pode deixar-me ser quem eu sou, porque o que sou é qualquer coisa de simultaneamente belo e perigoso, ou seja, pode ser, a um tempo, dado a outrem e a outro dado em segredo a si mesmo. Porque a Mãe dá-se, a si mesmo e aos outros, os seus filhos, dá-de-si (num certo imaginário populares, dar de si significa ceder, noutros termos específicos "arrear", como quem arreja a bandeira, como se um destino ficasse em suspenso para a posteridade). Mãe que é mãe não abandona os filhos, é talvez o maior dos crimes instituídos na memória social, na memória do social. Porque ela é enquanto **generatrix** e a sua identidade pessoal parte disso, ou seja, é ela é mulher porque é mãe e quer ver os filhos "Bem"...

4. O Homem da Máscara, a Máscara enquanto Outro

Julgo que se impõem, nestes dias, algumas reflexões sobre o significado ora ontológico ora antropológico, da máscara, uma vez que todos andamos com ela por via do que nos acontece em termos de saúde pública, ou seja, o COVID-19. Claude Lévi-Strauss ajuda-nos a perceber o fenómeno quando assinala que a máscara é teatralização ("A Via das Máscaras") e, medicalização, "Pareces um Doutor, com essa máscara", teria dito uma amiga a um colega meu, na minha aldeia. O que é então a máscara algo não mais do que via para uma outra dimensão, para os domínios do Parecer, mas também do Ser, ou seja, diria, "este é o meu rosto social", enquanto que o outro o guardo para mim e para o amor, no leito, com o meu amado, com a minha amada, no meu espaço doméstico, onde logo que entro tiro os sapatos (uma tradição hindu agora globalizada), depois de lavar as mãos. Mas...a máscara pode-se retirar sempre que queira, ninguém te proíbe, mas ela está reservada aos espaços publicamente fechados, a máscara pode ser (sempre) a mesma, por via de se lavar, se fôr de pano, pode ter vários motivos decorativos, étnicos, até, litúrgicos, decorativos em termos de uma imaginação mais ou menos volátil, pode-se descartar, em termos de unidade, como fazem os médicos nos hospitais, antes e depois de operar. A máscara é via de entrada do sujeito no mundo social sem que revele a sua identidade, é como que burca ("Só se vêem os olhos"...). Assim é com os Caretos de Trás-os-Montes (J.Paes de Brito), património da UNESCO. Talvez a interrogação essencial da filosofia seja essa mesma, responder "Pronto" àquelas ideias, àqueles itens que nos põem em sentido, ou seja, vergados ao dever e ao mesmo tempo devidamente imaginativos para perceber o "rolo compressor" do Tempo, essa grande e enigmática dimensão (espacial?) da conjunção do

Homem com o Si-Mesmo, para o Outro e o Outro além do Outro, que mesmo que não seja Nada (por enquanto), logo logo será mais alguma coisa, quando não apenas e tão admiravelmente o próprio Homem em Si (Mesmo)...

5. *Homo Centripetus vs. Homo Decrepitus*

Assim, face ao fenómeno cósmico (que somos), face à finitude, à ideia de morte enquanto forma artística, entrevemos outra noção que está já presente num autor medievo, Boécio de Dácia, que, no seu pequeno livrinho, como que inaugura a moderna ciência social, ou seja, a noção de eternidade do mundo remete mais ou menos automaticamente para a ideia de que o homem é, de certa maneira i-mortal enquanto se mantiver consigo Mesmo, atreito ao Ser ser social, ou seja, numa esforço de manutenção do social, muito além do fenómeno social total ou talvez apenas por isso, alturas em que Mauss e Durlheim mais são **precisos** à filosofia. Daí os termos de saída (em estado de emergência, como nos comboios, ou seja, porta para o exterior), a vida e a biográfica enquanto achatamento e ao mesmo tempo vasilhame, ou seja, dotada em sua natureza intrínseca mais ou menos inominável, de um início e de um fim, como um bom vinho numa garrafa, donde provém a noção de despejo, negativada porque não, precisamente, enchimento. E de tão cheio de Si está o Ser que acaba ou por rebentar (como um balão de ar, até Natalício), por uma via, ou, por outra, por se esvaziar, vazio de sentido (ermo, contingência e princípios), ajustando em termos teóricos a noção de enchimento versus esvaziamento que, no pulsar dos sujeitos, bombeia o sangue para o cérebro que, em certo sentido seria a

divindade, ela própria "produto humano", ou seja, o mundo é, apenas e tão somente, para usarmos uma figura, uma ampulheta, ora no deserto do Sahel, ora na floresta amazônica, plena de frutos e sons desgarrados. Quando o filósofo, e é essa a sua estratégia final, princípio metodológico final, a relação entre norma e desvio, muito mais do que o trabalho de campo etnográfico, que apenas permite conferir dados de observação a uma reflexão sobre o Homem-Homo. Afinal de contas, que é o real senão o homem, o alguém em vez do além, temas caros desde cedo a Descartes?...

Conclusão

Finalmente, nos meus dias, encontrei a jovem alemã que conhecera no Oráculo de Delfos, estava do outro lado do pátio, lendo filosofia, umas vezes fazendo-me inveja com o seu amado, outras tão profundamente ensimesmada na sua leitura, onde se parecia que se interessada em mim, quando apenas veio fumar um cigarro à varanda. No inverso, poderia dispôr-se um mundo de possibilidades, quando percebi que ela apenas queria ser personagem dos meus livros, poderia até dar-se o caso de se inverter a situação e assim o bairro ficasse um pouco mais animado... Mas não, eu apenas a via tão categoricamente quanto possível, como a companheira, mais do que companhia, do jovem escritor com quem trocava impressões mais ou menos impessoais. Quanto fechar a janela de um lado e abrir do outro, ou outros fenômenos mais ou menos sociais que nos traziam àquele contexto onde a roupa oscilava nos varões, entre gritaria dos miúdos e troca de palavras entre velhotas, quando se tentavam retomar os grandes jogos de futebol e enfrentar a ainda constante e chata pandemia de gripe.

A DOCE CRUELDADE DO SORTILÉGIO HUMANO: QUANDO A VIDA SE PERDE E SE TRANSFORMA, ENTRE *DASEIN*, VÃO E VANIDADE DO QUE PODE SER RECUPERADO

**„C'est si beau une maman que le Bon Dieu,
Lui-Même, en a voulu une...“**

Anónimo francês

O ARGUMENTO

Não se pode agradar a todos. Mas há quem procure agradar a gregos e a troianos, quer por personalidade e vocação, quer por a sua instituição a isso o obriga. Muitas vezes, a metáfora da guerra, sendo que a metáfora é a guerra e a guerra é a metáfora da não somente da antropocena, mas também da „cena“ humana que se desenha e espasma ante os sentidos de uma forma agressiva e cada vez mais desafiante, num contexto de uma antropologia radical e de uma filosofia não-extática nem extática, quando os pontos também se tocam numa perspetiva religiosa das relações entre os homens, onde está Deus.

A crença em algo de superior sempre „perseguiu“ o homem na sua existencialidade histórica. Tal equivale à crença num Deus? Terá de ser esse Deus obrigatoriamente superior ao homem? Lembremos o Zen e os escritos de Nietzsche. De algum modo, esse Deus é Pai, pelo menos na tradição judaico-cristã e muçulmana. Mas, segundo o franciscanismo é Irmão, i.e., o Grande Irmão, o Big Brother. Enquanto o mundo se espartilha, entre real e virtual, só Deus, a ideia de Deus, parece persistir. Ainda assim, não agrada a tod@s.

Adiantei há tempos a noção de „vão“ para a filosofia. Dos lugares, amplos espaços abertos, à vanidade da vida, banalidade do normal e ao vão da escada onde escondíamos em pequenos os cigarros, à revelia do pai. Por vezes, aproximaste do teu objetivo, seja o desvelamento dos mistérios da tua mente, sendo que ela representa tanto o Deus quanto a sociedade. Mas...a sociedade não é Deus?, ou seja, a complexidade do mundo desconhecido é digna de adoração e, nesse sentido, pode ser Deus. Alexandre Lacroix, filósofo francês, viu muito bem isto na sua obra „La Philo de l'Acte Sexuel“, ou seja, o saber ocidental precisa de se encontrar com o corpo, além do porno-freudiano, reencontrar o corpo na sua articulação, além do espírito, com a alma. Isso passa por fazer uma antropologia, não só do mundo, mas regressar ao ínfimo da mente, à terapia com elementos naturais. Mas, seja como for, um bom princípio será abordar a obra de João Pina-Cabral „World-An anthropological examination“(Hau Books). Sim, a questão do Homem passa por uma abscissa algures entre a Filosofia, a Antropologia, a Teologia. Mas há outras ciências a convocar neste problema, que não é só o problema de Deus, a saber, a sociobiologia, a etologia, a semiologia, as

ciências exatas como a matemática e a física. Foi assim que empreendi um certo retorno ao corpo (enquanto sentido) na minha tese de doutoramento.

A história continua, o homem repete-se, ante os mesmos teoremas e equações: propriedade, território, contrato social, busca de status, não já para trocar mulheres, mas para orgulho pessoal, como se a vida (deles) fosse um filme de Hollywood, em que o grande problema é lidar com os egos dos atores. Sim, a lógica camponesa repete-se e se perpetua, ser feliz num espaço que não é de viagem, permanecer dentro de um certo círculo de amigos com que se evita a solidão, evitar a cidade, porque é, sempre, cidade do pecado, pois *pecus* quer dizer trampa, porcaria. Logo, pecado. Como na religião, a prática religiosa que trata da manutenção de uma ordem que é, antes de mais, mental, para além de sentimental. Porque a cidade é estranha e cheia de perigos, mantenho-me num registo de Bem enquanto camponês, ao menos estou vivo, como se o objetivo da vida que me foi dada fosse, apenas, permanecer vivo. Porque se pode dar a volta a tudo, a qualquer ideia, a qualquer decepção, entre Bem e Mal, entre cristão e mouro, entre Norte e Sul.

O Deus, portanto, é o supremo Ser que se dá, que está aí, no mundo e define o que é Bom e Mau, Bem e Mal, o que está entre os homens, logo Deus é a sociedade, mas sobremaneira algo que está „acima“ dela e, no âmbito do indivíduo, acima dele, por isso mesmo Seu Caminho. Assim, proponho uma nova ciência nascida da fusão entre teologia, filosofia e antropologia, com alguns elementos de sociobiologia e etologia e de ciências exatas e naturais como matemática, lógica, química e astronomia, além de outras. Esta ciência baseia-se claro na relação da filosofia com o mundo social, da filosofia com a sociologia, obviamente. Mas não se fica por aí, na relação do sujeito com a divindade e com o Outro...vai além, muito além disso, para se instaurar

como fenomenologia personalista, seguindo um pouco as propostas de Emmanuel Mounier e Sartre. Enquanto este diz que o Inferno são os outros (o Outro, no limite teórico da coisa), a teologia católica adianta que o Céu são os outros. De modo que tentamos conciliar essas duas posições enquanto proposições da relação do homem com o mundo, não só o homem davinciano, das artes e da criatividade, mas o homem da cidade, tenso e desenrascado, que vê na sexualidade uma forma de auto-superações competição, pelas mulheres e os bens associados a elas, como diria Claude Lévi-Strauss...

Sim, quando encontramos a oração e o Cristo escondido na igreja, percebemos porque é que os punks não vão à igreja nem à Missa...

A NOÇÃO EXATA DA DOR, A PERDA NO DESVIO

O que é, então a dor senão um desvanecimento da vontade? Atentemos no que nos diz Schopenhauer a este respeito, em „O Sofrimento do Mundo“. Não são adiantados quaisquer pessoas nos eu texto, quaisquer noções de tempo, ou seja, contextualização temporal, espacial, histórica. Como compreender esta filosofia? Porque ela não é ciência, é código, devaneio teórico para sofistas, pelo menos aquela que vou conhecendo, como se apenas restasse ao homem apenas um nome gravado numa lápide no cemitério de Paris...

A ver se nos entendemos: será o filósofo funcionário da humanidade ou apenas isso, um sofista, digamos um vendedor da banha da cobra? Não gosta de comer a beber bem como os outros? O que falta ao filósofo que ele não tem? E porquê Ter? Não basta Ser? Pertencer? Discuto tudo isto na

minha obra „A Função Social do Filósofo“.

ALGUMAS RESPOSTAS

Adiantamos uma nova noção, a que chamamos de **pecadillo**, pecado do dia, tal como *bocadillo*, em espanhol, em vez de pecado „tout-court“, logro, em vez de êxito, porque o filósofo tem uma especial predileção ora pela derrota (no campo do prático, do senso-comum, porque analisa) e por uma vitória final. Sim, de derrota em derrota até à vitória final...

Então, em que consiste o **pecadillo**? Está próximo do regadio, do fastio, daquilo que inseri como banalidade do banal no meu texto „Tratado do Entediamento“...

Sim, saturação do Ser, por isso mesmo Dasein, tendência para a aplicação e desdobramento do Eu na realidade social... na vida do mundo. Sim, em vez de ser o pecado de sempre, transcendentemente, é o pecado do dia, do século, *a la mano*, como se diria numa versão espanhola de **Ser e Tempo**.

Depois, a noção da paragem, **para-aragem**, ou seja, colher no vento os frutos metafísicos de uma suposta solidão e fuga ao mundo, entre a América do homem funcional e a *serendipiti* do Convento da Arrábida ou do Varatojo...

De resto, o homem vê-se diante um dilema, não o filósofo, que resolve tudo, mas o homem do *common-sense*: não é a palavra, i.e.,o texto, uma forma de sedução? Sedução de Deus, dos anjos, dos santos e santas, sedução do Outro? Não hé, de facto, muito mais do que isto, por mais análises que possamos fazer, mesmo recorrendo a outras ciências, às artes as mais diversas. Porque perdeu o filósofo a noção de Deus, do Deus escondido na Igreja, do Deus do sacrário, da contemplação, do nada fazer, do nada-a-fazer,

da fenomenologia contemplativa, do cultivo da Alma? Daí mesmo, a solução, não só para a felicidade, mas também para as mais variadas doenças psíquicas é não andares **pre-ocupado**, sendo que tal atitude não é má de toda, pois uma tarefa, uma procura, um caminho, como se **pre-parássemos** o Tempo, as noções tradicionais de sucesso pessoal e profissional, o respeito pelo o outro, a aritmética do desejo. É não controlar, ter a mente aberta. E isso é Deus, é Estar-em-Deus.

A IN-SEGURANÇA DO CONHECIMENTO

A aragem incerta do tempo, a existência duvidosa, o lograr no erro como meio de subsistência, a subserviência enquanto estratégia de sobrevivência. Tudo isto é possível. Neste e noutro mundo, diríamos. Assim, aquilo que chamo de „medo cerimonial“ é o receio de desaparecer. Porque só conhecemos este mundo („Ninguém de lá voltou“, diz a sabedoria popular). E é no popular, não no erudito, que procuramos respostas, pois tem a ver com uma certa domesticação daquilo que é selvagem face o homem e seus princípios, ou seja, um adestramento de algo que também pode ser „sinistro“, ou seja, canhoto. No início do século 20, um teórico francês adiantou a obra „La Proéminence de la Main Droite“, uma obra bastante esquecida, no fulgor das notícias e das discussões televisivas em cima do joelho. Por isso, tanto o antropólogo, por saberem e serem em certo sentido xamãs, escondem-se e escondem o seu conhecimento, pois nada há de mais forte do que a palavra, escrita e falada, quando bem colocada, como a bola de um jogo de futebol. Seja como for, a boa-vontade não é automática, nem os desejos o são, depende de uma reflexão, de um método de contemplação, de

uma idiossincrática fenomenologia do sujeito face ao mundo, ou vem, por outras palavras, do exterior, de Deus ou dos irmãos, se virmos o sujeito enquanto um bloco de vontade, uma mónada, um protão, uma célula da sociedade, numa perspectiva integradora. Porque, a sociedade rejeita o que não é conforme, só o aceita passado algum tempo, tal como a Igreja, em forma de inovação e com um invólucro contextual, culturalmente definido nos termos do costume (Kant).

Assim, o homem finta o tempo, procura a felicidade onde ela não está, ou seja está em Si e não tanto quanto no sacrário, mas o que está neste é algo que o transcende, uma experiência passional única reafirmada por séculos e séculos de devoção e misticismo e que funciona para o crente como o feixe de sentido de que ele precisa para dar sentido à sua vida, à sua existência. Vide a este propósito algumas passagens de Kierkegaard...

Preparo um disco de Ärvo Pärt e penso: „Como é parvo este mundo! Depois de tanto investir no sujeito, a sociedade ocidental acaba por deixá-lo ao abandono...“

Depois, ainda insistem no grupo, na sociedade, no contexto global. Há que regressar ao local, nesta sociedade bipolar (é a minha tese, a sociedade portuguesa é bipolar, como outras) e lembro-me de Margaret Mead e Ruth Benedict que, lá longe de nós, ocidentais, percebeu como é a relação entre sujeito e sociedade, grupo cultural, enquanto a industrialização, a militarização, o nuclear, grassavam por estes territórios. A guerra na Ucrânia nada mais é do que a história a repetir-se, abrindo mais um ciclo em que o Homem decide fazer uma guerra só porque não se reconciliou com a sua história, num ciclo de eterno retorno que não sei onde irá parar. Falta diálogo, poderá dizer o Secretário-Geral das Nações Unidas. O sortilégio de Babel? Refreio o meu gosto pelo caos, pela anarquia de pensamento e exatamente às quatro da tarde, depois de ter ouvido um pouco de música sacra, logo depois do almoço, coloco George Benson no gira-discos, na comporta dos cd's. „Four for an Afternoon“...

Entre normal e patológico, aí vou eu, em direcção à teoria, folheando o livro de Pina Cabral, „World: An anthropological examination“. Mas será preciso a teoria etnográfica para construir a grande teoria? Decerto, o filósofo não pergunta a ninguém o que pensa dos cântaros tradicionais ou das ânforas fenícias...

Nem tão pouco o sociólogo o faz, pois tem já uma grelha pré-determinada, que se poderá alterar, obviamente. Mas...o filósofo não tem datas nem nomes na sua teoria, porque a filosofia é teoria, a teologia é teoria do sagrado, só a antropologia, na realidade, poderá chegar a uma ideia aproximada do que é o Homem, essa ideia prestes a ser peregrina, de que os cientistas sociais se deixaram de interessar, para se fixar noutros processos, noutros progressos. E, podemos fazer um exame filosófico do que é o mundo. Platão não falava nisto, desde o „início“, no Timeu?

Como relacionar estas linhas, estas tradições conceptuais e como articular o corpo com o inconsciente colectivo, sendo que, de certa maneira, tudo isto, todos estes itens mais ou menos teóricos, são alinhados e ligados por um demiurgo a que muitos chamam de Deus e outros outra coisa qualquer...a saber, *status*, sucesso, amor, sexo, dinheiro? Então, o que é ser-se feliz senão cumprir metas, caminhos, cursos e percursos, até chegar à realização do sonho, à concretização de uma ideia pré-concebida? Ainda assim, há quem ande às apalpadelas, como se fosse cego e não quer chegar a ponto algum, pois o êxito nada mais lhes diz, querem é a felicidade, o Estar, o Ser, o Pertencer, do lado de cá da vida, como dizia eu mesmo num dos meus livros...

Sim, quando temos certezas, interiores e exteriores, é bem mais fácil conduzir a vida através dos dias. Mas...será? Não é a dúvida (Flusser) ela mesma uma forma de (ter) certeza? Como um barco em alto mar, uma barça em pleno oceano.

Sim, a vida é chata, a filosofia é chata, a antropologia sem o documentário até enfastia, tal como a sociologia sem a devida intervenção do Direito e o também devido tempo de antena, mas, o mundo é feito dessas coisas e talvez, dizem os ecologistas, o homem que se preocupa devesse virar-se mais para o seu umbigo, para a terra, ver e constatar que tem um umbigo, em vez de olhar tanto para o espaço, esquecendo que tem não só um umbigo e como que fugindo dos problemas. Porque, na verdade, há homens e homens...

O homem e a humanidade parecem estar existencialmente „entupidos“, enquanto outros estou numa fase de existencialmente „estúpidos“, se olharmos para as desigualdades, a crónica fome em África e em certos países da Ásia, as guerras civis e raciais, o distinto acesso à educação, tantos e tantos problemas sociais que só dão razão a quem faz ciências sociais, pudessem os políticos ler mais ensaios para compreender o social, os problemas que ocupam os homens, pois é neles, a meu ver, que reside a chave, não propriamente nos teóricos de acesso às várias mundividências locais e regionais, contextuais...

CONCLUSÃO

O DEUS QUE HABITA O HOMEM

O filme „Contato“, quanto mais perto de Deus, mais perto do Homem, o contrário não creio que seja bem claro, mas posso admitir que seja, verdade, a verdade é esta a grande Verdade, independentemente da religião ou grupo religioso, movimento, Ordem. Quanto mais o homem se conhece mais perto está do Criador, daí que o Homem seja também o criador e, segundo a antropologia, o Criador de Deus, ou seja, dele mesmo. Mas, nem tanto ao mar nem tanto à terra, nem muito „Deus“ nem muito Homem. Por isso se diz que Nietzsche buscava Deus, nas suas indagações e indignações filosóficas, tal como outros, Sócrates, Schopenhauer...

Deus não é uma ideia longínqua, Ele está entre nós, no Nós, ou seja, nos nós que se atam e desatam uns aos outros envolvidos nos humanos e naquilo que somos em conjunto. Porque Deus também pode sentir a solidão, a **solitude** de um grande Criador, quando tudo tolera e quando o Homem contra Ele se rebela, entre normas de desvio e delinquência que não lhe agradam nem um pouquinho, porque traem a razão da Criação, combinar perfeição existencial com imperfeição corporal, ou ser, ver beleza onde ela possa nem sequer existir. Daí que o destino e o sentido da vida humana seja procurar a felicidade, combinar a direção com o conteúdo ou seja, o exterior com o interior. Como um bom vinho amadurecido...

O QUE DEVE O HOMEM QUE PERDE A ESPERANÇA:

MARCUSE, CAMUS, SARTRE E OS BIJAGÓS

TEORIA

A antropologia é espaçamento, espaçamento, vive do desfasamento entre a realidade que analisa e a mente do observador, do analisador, sem nunca se psicanálise. Nessa medida, está limitada a isso. Por isso, vamos mais além. A antropologia tem que ver com as estruturas mentais que organizam e desorganizam os homens, enquanto a filosofia não, fica na expectativa a ver o que acontece. O que há em comum com elas é que ambas têm subvenções de impostos de gente trabalha na terra, só para dar um exemplo.

E planteiam uma simpatia, uma inocência culpada, como se se importassem realmente com as pessoas. O problema é que os psicólogos e psiquiatras também não se importam. Por isso, faz falta uma nova ciência, que desaloje do poder acadêmico um conjunto de senhores que perpetuam os seus vícios mentais de um lado para o outro e não compreendem o homem da rua, apenas fazem da academia carreira e não serviço público. Não admira que os políticos não leiam ciência social nem filosofia para aplicar à sua práxis política, porque uns e outros são frouxos, nada têm da tradição francesa de Rousseau do cidadão livre e da livre expressão e da tradição americana do bem comum, de Bentham a Ryle. Ambos não estão preocupados com a ciência social, mas com as benesses que ela pode trazer. Este é o argumento.

Explicação da Teoria

Conflitos pessoais, coligações mais ou menos democráticas, sempre os houve, sempre os haverá. Até na Antiga Roma. Liberdade e felicidade são “coisas” que estão mais à frente no tempo do tempo presente. A felicidade genuína tem que ver com o sentido da satisfação no presente e com a perspectiva de ela se estender no tempo futuro. E a moral? Pode ser um travão à liberdade, à realização profissional? Ou pode ser sua causa, seu “suplemento”? A teoria principal das teorias que tenho apresentado no meu percurso mais ou menos académico, mas também com mergulhos no senso-comum, é que a realidade é disposicional. Que quero dizer com isso? O que é o mistério do sujeito? Por outras palavras, como é que a ideia de América pode ser tão atraente para certos espíritos como o nosso, o de Baudrillard, o de Marcuse? Partindo destes três autores, citados no nosso título, pretendemos defender uma antropologia da robótica, ou uma robótica da antropologia, ou seja, equacionar o corpo com a mente, sem deixar esquecer alma e espírito. Mas, podemos equacionar, como só há uma categoria para a “matéria humana”, o organismo, quando há três para o que está acima, lembrando a expressão de Claude Lévi-Strauss e Henry Lévi-Bruhl? Na verdade, o corpo tem muitas formas e muitos nomes, como o Diabo...

O filósofo, seguindo as ideias de Mounier, é um funcionário da humanidade, mas também o é o antropólogo, talvez ainda mais, sendo o filósofo mais um funcionário, da verdade, do sentido (da vida), do significado oculto das coisas que a Teologia revela, desvela, de outra forma. Além. Essa realidade está, então, disposicional, à mercê (do sujeito), a la mano, como diz Heidegger em *O Ser e o Tempo...* E, se essa realidade, sendo

disposicional, estando à mercê do sujeito, pode ser por ele alterada, mas suspeitamos que o sujeito faz parte da realidade, pelos sentidos e, logo, uma alteração no magma dessa mesma realidade, a la mano, pode implicar alterações no sujeito. Mas que tinha de alterações? Disposicionais? Também, mas essencialmente ao nível do halo e do holo dos seres humanos. È a eterna dualidade entre *natura* humana e *natura naturans*. Podíamos aqui seguir Espinosa e dizer que o sujeito segue, prossegue, um itinerário determinístico, em certo sentido fático, fatídico (de Fado) e ele acaba sempre, por necessidade ou impulso, por alterar a realidade. Mas, para além deste binómio, o que existe? Nada mais do que o Nada na sua relação com o Todo, o espaço sideral, os elementos da *anima mundi*... Assim, além do darwinismo social presente no princípio que o mais apto é aquele que copula mais (e mais vezes), está escondido na América algo mais, além dos filmes, uma realidade interior, secreta, indizível, que nos alimente, como um fio invisível de uma certa forma de inteligência e, nela, de sentido, como um fado cantado ao fim da tarde no largo do São Carlos, quando o tom predominante é o *bordeaux*...

Na verdade, como dizia um sábio albanês, há três tipos de pessoas: aquelas que se ocupam de coisas, depois aquelas que se ocupam das pessoas, mais adiante aquelas que se ocupam das ideias. Mas, podemos fazer várias combinações: aquelas que se ocupam dos três níveis de conhecimentos são as mais dotadas, pois saber relacionar, fazer pontes. O filósofo ocupa-se das ideias, o antropólogo da relação do homem com as coisas, como entende o mundo através das coisas...mas também das ideias que ele forma no entabulamento da sua relação com as coisas, a saber o mundo. Sob o ponto de vista moral, as que se ocupam de coisas são materialistas, as outras idealistas e os outros sociólogos. Daí surgiu a antropologia social. Daí surgiu a haologia, que estuda os halos e holos da humana condição...

Sim, se o segundo cérebro no causa repulsa, também nos causa indignação quase metafísica, nos termos de uma antropologia radical. Ou seja, se essa antropologia radical versa sobre o segundo cérebro é logicamente imanente e deixa espaço a que o “verdadeiro” cérebro seja não o habitual, mas o estômago, a não ser que ambos estejam ligados, de alguma maneira conetados nas suas funções de relação com o meio ambiente social.

Há um dito português que diz “isto está tudo ligado”, ou seja, nem precisa de uma divindade para fazer a ligação, pois essa divindade tem mais que fazer, recuperar alcoólicos, pederastas, toxicodependentes, etc, só porque é fácil ir na onda da festa, na voga, para cumprir certas vidinhas que precisam de ser resolvidas. Porque, afinal, aquele que vai em primeiro na corrida e ganha, aquele que marca golo no último minuto, talvez seja apenas aquele que está pelos outros, num mundo capitalista de tática e calculismo. O capitalismo a isso conduz e a panaceia é o sexo sem limites. Marcuse não se

espantaria com tudo isto, o mundo tomou o desenvolvimento das suas teorias, bem como Sartre e suas “situações”... Nem tão pouco Baudrillard se espantaria, ou mesmo Bataille, este mundo está prenhe de dados que poderiam ser delícia e prazer da sua análise intelectual.

Assim, a antropologia radical, se tudo está ligado, terá certamente que ver uma certa efabulação intelectual de quem fuma cigarros ou droga, ou seja, aquele dito de que “vou produzir um escrito memorável que me perpetuará como autor, chegando assim à imortalidade”. Nada mais falso. Onde está a **tecné** de que falam alguns filósofos? Sim, a sua ligação ao mundo é ténue e o génio, que todos adoram, o santo, bem pode ser um delinquente mental, ou seja, a sua ligação com o mundo pode muito bem nem sequer existir. Mas...quem poderá aferir tudo isso, dessa ausência de ligação? O médico, o terapeuta? O médico não estudo ciências humanas e vê o paciente como um organismo, pior, com uma máquina, além do seu lastro existencial, ou seja, além daquilo que ele real-mente É!...

Os media ajudaram a libertar certos fantasmas antigos da humanidade, como a pederastia, o abuso das mulheres, o lenocínio, o tráfico de seres humanos. mas também parece que essa lente de aumento ajudou a fixar muitos outros, ajudou a que proliferassem, sobretudo no mundo ocidental. É como se eu tapo a cabeça, os pés ficam descobertos.

Na verdade, o que é do domínio público, parece que tudo está invertido, esventra-se o sujeito em telenovelas, em canais de notícias sensacionalistas e nem aparece um cientista social, porque o homem e a mulher, obviamente, vivem numa solidão atroz, numa ilusão atroz de felicidade que na maior parte dos casos é flácida, é uma falácia, porque assenta em pressupostos errados. Claro que a formação, a educação tem um papel, mas a TV só apresenta aquilo que o espectador quer ver, nomeadamente escarafunchar na ferida do outro, esquecendo-se que o Eu é o Outro em mim...

Depois, a ideia de uma sexualidade dominante, mais, de uma masculinidade dominante, que se está reservando para um *guetto*, para se tornar incrivelmente perigosa. São estes, entre outros, os velhos fantasmas da humanidade.

É como se a nossa mãe ainda nos ligasse ao ventre materno pelo cordão umbilical e, logo, ao mundo, um mundo interior, secreto mas que a medicina tenta revelar. Assim é a ciência do espírito, a psiquiatria, a oncologia. Ainda assim, entre ciência e consciência, lá vai avançando o homem, com ou sem muletas conceptuais. E, nisto, a religião pode em si ajudar, porque aquilata da qualidade das descobertas das ciências do espírito...

Todo o homem faz cálculo, mesmo aquele que está no convento, no sentido em que é egoísta, oportunista face às situações que fazem perigar a sua intimidade, intensidade, sobrevivência. Porque o homem está relacionado com o Outro, esse cálculo reveste-se por vezes de parasitismo e oportunismo e isto não tem nada que ver com teorias darwinistas, o homem é mesmo assim, desde a aurora dos tempos, porque essencialmente, procura construir para preservar, procura recolher para consumir, como se a economia fosse apenas uma questão de escolha, opção face às situações. Mas não é, a religião põe cobro a tudo isto ao se debruçar sobre as situações mais ou menos humanas que se deparam ao homem e é cada vez mais especialista em situações limite, espiritualmente limite, naquelas em que a mente precisa de descansar, mas aí o homem escondido já lá não está e passa a ser inexistente face ao Outro, na sua sede de egoísmo e falta de solidariedade, numa solidariedade que nada tem que ver com compadrio, “mafiosisse” e, diria até, com religião. A Teologia pode bem ser uma técnica de sobrevivência do espírito, nadar no reino aquoso da alma em paz com os anjos e consigo mesmo. Mas também pode ser uma armadilha, essencialmente quando é preciso ir trabalhar para comer e sustentar os vícios de que todos gostamos. Porque ninguém é integralmente íntimo. Veja-se a Bíblia, só por acaso. Tem o *Cântico dos Cânticos*, mas nada tem de humorístico e isto é sintomático do teor da mensagem bíblica, de Cristo. Ele queria, na verdade, fundar uma nova sociedade, com novos princípios, com novos argumentos. Por isso digo que Cristo foi o primeiro grande cientista social, sim, porque ele procura transformar a sociedade, de modo a que ela se revigore e esqueça os velhos hábitos, os velhos fantasmas que fundaram o

nascimento do Homem...

Assim, o homem calcula, sobretudo em termos de economia libidinal, ou seja, o segredo da sua imortalidade é a reprodução e a *jouissance* funciona como motor de um interesse pela vida (humana), mesmo no sentido do seu planteamento na esfera do quotidiano... Portanto, nada de muito estranho há na natureza humana, ela é o reflexo, o espelho da **natura naturans** no seu desenvolvimento e articulação para com o mundo, que é ele mesmo também o sujeito quando evolue no mundo social, entre esperas e desesperamento, entre desilusões e êxitos. Também o filósofo tem estes achaques e, porventura, de um modo mais duro do que o homem do senso-comum, mas não é tão fatal porque o filósofo tem cuidado com o que diz e o que faz, bem, pelo menos alguns deles, porque a sua grande parte apenas reproduz a verborreia dos clássicos e assim se perpetua em universidades e mais universidades. São os sofismas com sofisma.

O pior que pode acontecer, se não vês sentido de comunidade à tua volta, é acreditares que há um sentido de comunidade. No entanto, essa ideia, essa ficção, isso que pões em causa porque não sentes o mesmo que sentiste em criança e entre os religiosos, pode ser visto de outra maneira. A solidariedade, em contraposição à mecânica versus orgânicas sugerida por Durkheim, é ocasional, sazonal, ou seja, também ela **disposicional**, como a realidade. E, neste ponto, poderíamos dizer que a comunidade é só uma, a humanidade, mas isso não nos ajuda a diferenciar nada nem a ter proveito, nem que seja apenas para comer duas refeições por dia. Ou seja, o sentido é que a comunidade é algo que está à mercê, por um certo preço, como no supermercado, porque é um bem escasso e há que doseá-lo bastante parcimoniosamente para que dure e se intensifique no tempo, o tempo das

biografias, as trajetórias das histórias de vida.

CONCLUSÃO

Por isso, o mundo não vai mudar tão cedo, do Afeganistão à Ucrânia, porque o homem faz cálculo e muito por culpa dos políticos, que não lêem ciência social e acham que o mundo é uma imbricação infinita de leis e regulamentos. São os chamados eurocratas, a corrupção é quase legal, falta apenas regulamentar, é como a prostituição. De algum modo, aquele que produz a ciência social tem a cabeça cheia de sistemas, daí o seu propósito ser diferente do filósofo, enquanto um nega o real, o outro alimenta-se dele...

Enquanto aluno de Antropologia Social, aprendi dos professores que a guerra “faz parte”, é próprio do que é ser humano. Na verdade, os refugiados apenas querem deixar de ouvir bombas, de levar uma vida em paz, independentemente do credo religioso e da orientação política e sexual. Apenas querem viver, *tout-court*, esquecer o seu país para voltar um dia, quem sabe, sob outras condições. É esse fundo de humanidade que anima os homens, a ideia de que vale a pena lutar porque há lugar para todos e mesmo que o Vaticano cheire a mofo de tanta paz e abusos, há que acreditar nalguma coisa.

Portanto, não podemos, como se diz em Portugal, apenas “sacudir a água do capote” ou assobiar para o lado, o mundo é global e aí está o cálculo que devemos fazer: para um mundo mais justo, alegre e equitativo.

Os sentimentos estão interconetados, nem que seja pelas redes virtuais, porque há mundo tempo que existem redes sociais, nós é que não as sabíamos ver e representar num écran. Assim, o ser humano procura a

“exatidão” de que falava Pessoa, exatidão dos sentimentos, para se sentir em calma, no refúgio, fora e dentro da caixa. Ser humano é, então, não só **sentir-se em casa**, mas perceber que a ela pode voltar depois da voragem dos dias, da caça que é o mundo do trabalho da sociedade capitalista. E que o Eros velará por ele, não importa o que aconteça...

A obsessão das limpezas surge porque se considera sagrado o mundo, o acto sexual, as relações. Daí a ligação à religião e a aceitação dos seus princípios, enquanto percebemos o mundo pelo profano, porque a técnica (individual) é profana, enquanto o compromisso é do âmbito do sagrado...

Daí, aceitas com certa consideração os teus pensamentos e segues, ainda que com sofrimento, na esfera elíptica do mundo social, ora batendo com um ou com o outro e encarando com diversas portas fechadas, porque não gostam do que tu és, ora conseguindo, aqui e ali, muitas histórias de vitórias... Porque a mente da maior parte das mulheres é machistas, mas o mundo está mudando. A mulher vai adquirindo o poder que nunca teve e isso deve-se em grande parte à democracia e à morte de muita gente na guerra inefável do quotidiano.

E perguntas a ti mesmo “Quando é que isto termina” sabendo que não irá terminar o mundo, que tudo faz parte, por assim dizer, entre crimes, honoríficos tachos, como se diz em Portugal, vaidades e patologias a rodos e de arrasto, num mundo que é cada vez mais desafio aos cientistas sociais, filósofos, filólogos e até poetas. Multiplicam-se os sentidos e a filosofia ganha pertinência, embora nem todos tenham a coragem de ficar só, como funcionários do mundo, da humanidade, de um mero líquido que se verteu fora do copo. Sim, ainda há zonas de ferrugem, áreas em que é preciso colocar uma pinguinha de óleo para alavancar movimento, nesta físico-química do social, fazer com que a geringonça se decida a tomar mais

velocidade, porque o que a sociedade ocidental revelou, de Portugal aos EUA é que o cálculo é infinitesimal e sempre estará ao dispor do homem, por isso é disposicional ele também, entre a dominância do macho alfa (que só faz sexo) e a ilusão virtual dessa tendência que sempre acompanhou a humanidade, enquanto que o outro macho vai fazendo o seu cálculo. Não quero cruelmente reduzir esta consideração de ideias a uma fatalidade, um sortilégio, como lhe costumo chamar. Há lugar para tudo, como num filme, para a raiva o desespero e a entrega dos corpos, entre Bataille e Baudrillard, terminando em Marcus(e) e nos outros dois autores que propus para análise.

Na verdade, quando a unidade (sagrada) entre corpo e mente é ameaçada, tudo vai mal, o homem aliena-se, confunde-se, porque no uso exagerado do corpo, dos vícios, perdeu a alma e ela está presa a um lugar, a uma ideia, a um hábito ou circunstância onde se gerou ódio e raiva. Daí o humano também não existir, ser na verdade, uma ficção, como uma telenovela. “Captitude” é o termo: o homem pode voltar, na selva urbana, a caçar, como fazia outrora nos tempos primitivos. E como ainda alguns fazem...

**FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO EM QUE SENTIDO?
POLÉMICAS SEMIOLÓGICAS NOS TERMOS DA CATARSE
DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO**

A Problemática

A História é antiga. Serão as nações entidades supraindividuais para legitimar identidades coletivas e pessoais com o fim de se sobreporem a outras nações?

E que lóbis ou identidades grupais se albergam ante essa configuração identitária do estado-nação?

É esta temática que pretendemos abordar neste ensaio.

Desenvolvimento

E o papel da religião em tudo isto, ou seja, não é a Igreja um mundo dentro de outro mundo mais amplo? Ou coincidem as suas fronteiras teóricas com as do mundo, o conhecido e desconhecido? Para a Igreja, a religião define a cultura enquanto que, para o antropólogo, a religião é um traço da cultura. Tive acesas discussões com um meu amigo engenheiro de telecomunicações sobre este tópico, ao lado da acústica e da filosofia das coisas, as elétricas e as orgânicas. Ele acreditava, talvez mais do que eu, numa metafísica útil, acessível, que contasse com os dados, que desse das pessoas, dos tempos, dos compassos e lugares de habitação e habituação dessas mesmas pessoas.

Religião é crescimento, não é abuso nem violência nem tão pouco abuso

pela violência, é locus de inquirição diria até filosófica do que está no e para lá do mistério do Cristo na cruz. É vida e bastante sentido da vida. Desde criança que queria conhecer o mundo, esperei o tempo certo até me decidir pela antropologia, por isso me sinto realizado, mas queria mais e a filosofia foi dando respostas, o que quis propôr com a haologia foi esse arremesso, esse alcance, como a funda de David contra Golias, aplacar e compreender os meus fantasmas enquanto actor social numa cidade e sociedade de estado-nação onde a identidade preponderante fazia sentir algum conforto, mesmo sendo eu um sujeito algo quezimento, com aliás, todos os habitantes de Moscat, o meu último e definitivo campo de terreno, onde produzi mais do que em todos os anos anteriores, resta saber com que qualidade.

Sim, e porque a Igreja anda tão devagar em assuntos como a sexualidade? Talvez porque os padres não possam casar, acabando por se tornarem pederastas ou eunucos, uma das duas coisas que um homem comprometido com o social e o tempo não quer. Sobre muitos assuntos a Igreja não tem respostas prontas. Os católicos apenas querem viver, talvez por isso nunca neguem a vida, como outros fazem a propósito do abordo ou da eutanásia.

A identidade é mais do que fio da existência, é persistência, risco e dor. É o que tu és a todo o momento, ainda que por vezes isso esteja escondido atrás da tua simpatia, numa sociedade de agressão mútua, sádica, que não defende a vida, mas se perpetua em lógicas de morte que, por exemplo, a Igreja bem denuncia. Mas esta, por vezes, acha que o homem, o sujeito, se deve defender, como no caso dos abusos por parte do clero a crianças ou jovens. Mas...se os padres (católicos) se pudessem casar, seria melhor? Se as monjas se pudessem ordenar, celebrar os sacramentos, seria melhor? Diz-se

do padre que aceita o celibato que está assim mais disponível para os irmãos, sejam os paroquianos sejam os irmãos do convento. Em que sentido isto se poderá equacionar cientificamente? Teologicamente, pode ser equacionável, com certeza. Mas, é a Teologia uma ciência, a ciência de Deus? Não será antes uma escatologia, ou seja, mais profundamente, uma metafísica? Ou, mesmo, a metafísica? Porque o sujeito, no templo, está despido de mal, mesmo que o tenha praticado e encontra-se diante do Bom Deus que é a sua própria consciência, no desdobramento do Ego e do Alter Ego. Como, então, fazer a psicanálise da oração, coisa tão simples e ao mesmo tempo tão poderosa?

Assim, para compreendermos o mundo, temos de abdicar do nosso Ego, por vezes, e de um modo radical, para conhecermos Deus verdadeiramente, temos de abdicar de nós mesmos num sentido radicalmente oposto ao que o capitalismo tem enunciado e anunciado, ou seja, temos de perceber que o chapéu da fé pode por vezes estar roto de tanto uso, de tanto desgaste e temos de ser nós mesmos a repará-lo com a ajuda daquele que tudo pode. O mais problemático, na verdade, é: como compreender Deus através dos sentidos? Não é Ele plena identidade e satisfação? Porque há um outro sentido no mundo, nas coisas, nas pessoas e nas relações entre eles e tal sentido não cabe na ciência e na filosófica, além do mais tem o dom da gratuidade e oferece-se a quem se saiba render ao infinito. Então, pode o cristão lutar, defender-se, competir? Bem, veja-se a fé do futebolista polaco Lewandowski...

Para mim, a Igreja, estar em Igreja, próximo do Bom Deus, é como estar no Santuário da Senhora do Cabo, é estar no limite de nós mesmos e de nossas forças e ainda assim sermos míticos, místicos, ou seja, ultrapassar a morte, a nossa e a dos nossos familiares, ainda em vida, encarar um desaparecimento do sentido da existência como apenas um luz que fechou numa divisão da casa e que outra se há-de acender noutra divisão mais adiante nesta casa (causa) comum.

Ainda a lógica do senhor-escravo na obra de Hegel. Porque devo adorar esse Senhor? Por interesse? Porque quero ficar vivo? Para memória futura? Escrevo isto enquanto comecei de novo a ir à Eucaristia da Igreja. Tendo eu passado o que passei às mãos da Igreja, tenho de ser eu o primeiro a dialogar, só porque sou antropólogo? Não posso ser eu mesmo (também) senhor? Das minhas coisas, dos meus amores e desejos. Porque deus não não é somente Senhor, mas é também irmão, como no-lo lembrou Francisco de Assis. É nesta lógica que tudo se concerta, conserta e evolue na fenomenologia da vida social. Assim vai o indivíduo (na Floresta de Símbolos, de que falava Victor Turner), com o rosto vergastado pelos ramos das árvores rentes ao chão, à altura dos joelhos com que adora o seu Senhor...

Na Igreja não há reflexão, pelo menos filosófica. Então, porque vou à Igreja? Porque me sinto bem, gosto de ser submisso a esse Deus que se manifesta intermitentemente? E, se a filosofia gera mais perguntas do que respostas, pelo menos cabais, porque investir nelas meu tempo, meus esforços? Não seria melhor a antropologia, a sociologia, a psicologia social, essas têm respostas. É aqui que reside o nervo da problemática: é na interdisciplinariedade que reside o sucesso de Deus, Ele manifesta-se quando menos espera, quando tu menos esperas e por vezes, pede licença para entrar no teu mundo, que edificaste a tanto custo (Ele sabe disso), para entrar na tua mente, no teu coração. Portanto, há um certo domínio emocional na aderência a Deus, é como se saltássemos para um desfiladeiro e fôssemos recuperados na queda e voltássemos não só a voar, bem como a pisar terra firme. É o halo, numa palavra, o traço deixado aos outros (porque há sempre os outros e o Outro, que é o Grande Deus), para cá da nossa exalação anímica.

Assim, também existe um princípio de realidade que é o fazer, que muitas vezes se encontra dissociado de outro, o pensar. Quando aprendemos a combinar os dois (registos, m.o.'s), conhecemo-nos a nós mesmos e ao bom Deus. Na antiga Grécia havia mais do que um Deus e isso é, de certa maneira, bastante falocêntrico, diríamos, não defende os direitos da mulheres...mas há também os santos e eles fazem, de certa maneira, o papel de deuses da antiga Grécia e Roma, Ao enunciar estes princípios, no âmbito de uma teoria sistemática da sociedade, mesmo abarcando o Direito, que ir além da binómica relação (e ralação) entre o sujeito e a sociedade...um caminho mais além, difícil de ser percorrido, mas que decerto nos trará a salvação que a

Igreja vem anunciando, de um modo para o outro, dentro ou fora do espaço sagrado, mesmo até no espaço público dos media, dos novos media, onde a religião, tirando a matreirice do padre, se mantém como um pilar da sociedade, embora havendo no nosso contexto uma separação entre os dois domínios de atuação humana. Tudo responde pela questão adiantada por mim de „luta pelo status“, seja para conquistar mulheres, seja pelo poder mais ou menos místico de ter poder no âmbito de um certo grupo. Nem todos abdicam facilmente do poder conquistado e isso é lógico, humano, quando não cheira mal...

Então, será preciso ir à igreja se o teu corpo é um templo? Deus está em todo o lado, dizem os teólogos, disse-o Espinosa. Assim, as noções de Tudo e Nada podem-se unir no Cristo crucificado, tudo se consuma, a união da morte com a vida, ou seja, revolução, Vida e mais Vida, transformação evolucionária...

Quando ouvia o tema *Two Tribes*, dos Frankie Goes to Hollywood, eu percebi que, na minha vida, apenas procurava o caminho, queria fazer sentido, como aliás mais ou menos toda a gente quer, trilhar um passeio com estilo pela vida, à luz dos meus heróis. Cristo era um deles. E não me desviei muito, fiquei ali bem perto, na antropologia, na filosofia, afinal são vizinhos dos Teólogos. Não me dei por satisfeito, queria mais e mais respostas, pelo que empreendi o estudo da Escritura e da Teologia (não é, decerto, uma e a mesma coisa) a título autodidata. E não me tenho dado mal, entre o sentido que uns e outros dão à Vida, a vida que nos está pela frente e aquela que nos precede. Note-se que Paul Connerton foi cientista social e apenas escreveu dois livros...Talvez porque há no não-dizer do que no enunciar para trás e para a frente uma certa verborreia que só acaba com a morte do autor, do actor...

No fundo, a função do cientista social, como será de resto a do filósofo, como é a do médico, nem que seja médico „apenas“ da cultura, é tranquilizar as pessoas em função de uma certa ideia de Bem que temos como semente dentro de nós mesmos, no nosso ADN. E é sobretudo essa a função do padre, por isso deve permanecer celibatário.

A psicanálise também é uma forma de ver o mundo, o mundo que habita a nossa sala de estar em casa ou de um passeio com caca de cão na rua, duvidando do Deus que é sempre a nossa reserva de confiança para um escape. Essa é a economia religiosa do desejo, como diria Iturra.

O CORPO (D)O SOCIAL

Há uma relação sequencial no tempo entre fadiga e exaltação, entre tempos mortos e vivos no organismo social, como no organismo individual, fazendo a devida analogia. Mas, o que „está a dar“ são os grupos. Grupos que se reúnem ocasionalmente em nome de causas que têm tudo que ver com a satisfação do sujeito e uma certa industrialização da urgência, para que o Ego fique sossegado de tanto estar em consciência, porque também a consciência cansa...

Na verdade, o que é o produzir senão uma relação entre o pensar e o mundo, entre o pensar e o fazer, na devida articulação do equilíbrio emocional entre razão e coração, entre sentimento e cientismo, entre letra e espírito da letra? Na verdade, é também uma ralação e nem sempre estamos esclarecidos sobre o caminho a seguir e Deus não pode fazer tudo, a geringonça do pensar tem de se alimentar de muito mais coisas, ideias, pessoas, pedras...

A clássica analogia entre corpo social e corpo individual vê-se claramente na matança do porco, em Portugal, como se vê nos Dinka do Sul do Sudão ou em certas regiões de França. Esta analogia clássica foi sugerida sistematicamente pelos primeiros antropólogos e é bastante notória em África. Na verdade, ela se plantea nos mais diversos termos. Por exemplo, como mostrou Luc de Heush, o bode expiatório é ainda uma figura reinante na maior parte das nações africanas. O sujeito é abatido para melhor funcionamento de um certo e determinado status quo, de uma certa sociedade ou grupo. Mesmo na Europa, está em vigor, de tão profunda que é essa figura nos primórdios da humana condição. E, podemos sugerir, não foi

Cristo um verdadeiro bode expiatório? Para que pudéssemos viver sob a sua condição, foi necessário Ele ter morrido. Não se suicidou, embora muitos agnósticos o queiram fazer crer. Morreu para nos salvar. E ressuscitou para que acreditássemos na vida eterna. Se a Igreja nos propõe tal possibilidade, como de resto a maioria dos hindus, porque não aproveitá-la? Por isso, não tenhamos pressa..

O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO

A Igreja promete-nos um caminho, dá a segurança se rezarmos, vai dar e ficar tudo bem. Mas, se o caminho faz-se caminhando em religião, em filosofia talvez seja um pouco diferente, a procura faz-se não por ela mesma, mas indagando, só assim se poderá chegar a algum lugar, esse mesmo lugar que a psicanálise se propõe esclarecer, em função da integralidade metapsíquica e existencial do sujeito. Se o sujeito está doente, o corpo social também o está. Tanto queremos bem estar, tanto conquistamos felicidade, para depois ela se logo ir embora por uma janela batida pelo vento ou entre os pingos da chuva...

Queres prescindir de Deus, fazes tudo para ficares, só tu, com os louros, e quando a coisa corre mal vais logo rogar por Ele, e se a coisa corre bem é o mesmo, como que ficas órfão de ti próprio e d'Ele...

Por outro lado, o dilema entre sujo/limpo e puro/impuro, têm que ver com uma certa ideia de ciência, de corpo, uma certa maneira de pensar que não se restringe à cultura, é um caminho que está além e ao mesmo tempo á quem dela...como se regressássemos a tempos primitivos, desenvolvendo a

nossa idiossincrática natureza e nos dirigíssemos para o futuro, como o homem, ao longo do areal da praia, que corre para a frente com a cabeça virada para trás. Não há nenhum mito grego para esta figura...

O homem evolui no corpo social como se limpasse as feridas do caminho, aquelas que sofre e aquelas que causa, a pleno sentido de se tornar um autómato, de se render à mera matemática do 1/0 e, de algum modo, sem „limpar“ da cultura, da sua herança histórica e civilizacional. Com tudo isto, ficará a terra no mesmo lugar? Não será tirado do seu lugar e posta a orbitar noutra galáxia? A crença de que o Outro, o ET, é Deus embica na ideia de que o Alien é o próprio homem...mas não haverá um caminho mais linear e progressivo? Quantos outros falta por descobrir? Não serão eles os animais domésticos, proponho algures nos meus escritos? Não serão eles os herdeiros da humanidade, tornando-se eles humanos, mas de outra forma e modalidade? O tempo corre a seu favor. Quanto a nós, já não podemos dizer o mesmo, e isto a propósito da violência racial nos mais diversos países, de situações várias de guerra civil em vários lugares do globo, a propósito das alterações climáticas, da fome, da violência doméstica, da questão das armas nos EUA...

Sim, o caminho faz-se caminhando, mas também desbravando mato com uma catana ou um machete, como fizeram os espanhóis e portugueses na América latina, porque no Norte a vegetação era diferente, provavelmente mais seca e árida.

O meu ponto principal em termos argumentativos é que a solução para Deus está no Homem e a solução para o Homem está ao mesmo tempo dentro e fora deste, ou seja, o homem tem de procurar qualquer coisa para satisfazer o seu Ego, por isso cria deuses. Mas como foi criado este Grande

Deus? Será Ele um anjo caído, o resultado, uma reificação do excesso do homem sobre si mesmo em momentos de efervescência social e comunitária? Como se forma os símbolos religiosos de uma nação? Poderá o homem ver-se na contingência de estar prisioneiro da sua identidade pessoal, grupal, nacional?

Quando procuramos o sentimento da „casa comum“ e não o encontramos, continuamos a procurar e descobrimos que ele já estava em nós, dentro de nós, só que nós, no nosso afã de progresso moral, não o tínhamos encontrado para fazer uso dele, sendo isso o que nos dá felicidade, porque aquilo que não é felicidade não merece ser transmitido, ou merece? Depois, o mito do herói prático, atreito ao domínio do „fazer“, fazer de certa maneira, ao lado do mito do herói teórico-discursivo, de que a aldeia guarda memória na figura do padre no sermão do Senhor dos Passos e a cidade na figura do intelectual republicano. Ambos não podem viver nem coexistir um sem o homem, de tão ligados que estão, um à realidade do quotidiano e à oralidade, o outro ao saber letrado. Esta questão foi desenvolvida serenamente por Raúl Iturra em grande parte dos seus escritos, aliás, sempre foi esta a sua tese, esta relação entre oralidade e escrita na aprendizagem da relação com o mundo.

CONCLUSÃO

O velho hábito de cuspir para o chão. Grande parte das pessoas não reflecte, não se atreve a pensar, a questionar, porque vive a cadeado, com chavões e pensamentos presos em cadeira de modo a reiterar essas seguranças, essa pequeninas violências internas, o taticismo na vida social, o afã de ganhar dinheiro e subir à custa dos outros. Mas também há pessoas boas nesta vida, como alguns políticos, em todas as profissões há pessoas boas e pessoas más, diz-se. Até mesmo há padres bons e padres maus, uns sem vocação, outros com, que abdicam de uma vida social para serem preenchidos pela luz da Batalha pelo Bem, um esforço que o homem faz para ser aperfeiçoar e tornar melhor, definitivamente Bom.

Mas há um dado que queria adiantar antes de rematar este ensaio. Há uma ilusão muito americana que é a ilusão do Outro, que funciona nos dois sentidos, ou seja, eu tenho a ilusão de respeitar o outro, mas ele tem a ilusão de mim, de me enganar, de me iludir. Isto dá-se conta na cinematografia norte-americana que tenho visto ultimamente, onde se repetem várias receitas: a da história em torno de um trio amoroso, o livro de viagem, os efeitos especiais. Em todos se patenteia essa não só ilusão do Outro, mas a ilusão de iludir o Outro...

A vida, hoje em dia, nas cidades, é muito marcusiana, tudo se resume ao consumo e ao simulacro da morte mimética, como diria Baudrillard. Ao lado do interesse pelo lucro, está esse destino do homem darwiniano, que evolve e se desenrasca sem dar conta a ninguém do que faz e do que fez, como de a vida, a biografia, fosse uma espécie de vendetta, uma questão de honra ante a violência imposta pelo outro que me desrespeita. Devemos, neste assunto, dar a outra face, como Jesus Cristo disse? Boa questão, que se abaliza nos

fundamentos da moralidade e da agressividade latente ao que é humano. Por outro lado, os hospitais psiquiátricos têm cada vez mais pacientes, doentes, enfermos, clientes, como se lhes queira chamar e a psiquiatria, ao lado da cirurgia plástica, é um negócio em crescendo. Mas a religião está a recuperar o seu lugar enquanto último reduto de uma consciência mais limpa do homem social e mesmo do homem íntimo; abriram novos conventos porque a mensagem continua a passar, a do Cristo, que nos traz felicidade e serenidade em tempos de aflição e ardor.

Ao lado disto, temos o aumento da escolarização e as pessoas perdem um certo saber existencial que rende bastante felicidade e até prazer da alma, o segredo de manter o foco na sua existência. Sim, há um regresso do existencialismo, com Sartre, Kierkegaard e Camus.

Será preciso, por outro lado, descobrir novas formas de organização social, mais perfeitas, que promovam o bem estar e a qualidade de vida ambiental, social? Qual o papel real dos cientistas sociais no mundo de hoje? Apenas restringidos às universidades? O imerso no caos social que vai tornando o mundo um lugar complicado para se viver, num cenário de Blade Runner cada vez mais próximo? Há sempre soluções para certos problemas, problemas que podem ser estudados cientificamente e Deus, a ideia de Deus enquanto demiurgo, inteligência ordenadora, desempenha aqui um papel essencial, pivotal. Se aumenta a competição, os homens acotovelam-se uns contra os outros, muitas vezes pela simples agressividade, espetáculo ou adrenalina. Aumentaram os combates de MMA, o Wrestling expandiu-se a todo o mundo, mas por outro lado, o Snooker também é mais famoso, não vale a pena ter o mesmo pessimismo como a maior parte dos autores que tenho lido nestes últimos anos...

A globalização, por outro lado, moldou um novo tipo de homem, o homem davinciano, o homem do Vitruvius. Mas, podemos perguntar-nos, antes da globalização não havia, para dar um exemplo, doenças mentais? Claro, só que estavam mais ligadas ao controle religioso dos seres por parte da Igreja, para dar o exemplo da Europa. Mas se tudo „isto“ partir da Europa, porque é que as doenças mentais voltaram, porque não vamos todos para África? Foi aí que tudo começou, e é aí que acredito que está a solução. Por isso, defendo que o homem está geograficamente enganado, a felicidade está no ventre da terra e ele está situado no pé, ou no cocuruto da cabeça...

Assim, a mentalidade humana foi mudando e isso não é nada de extraordinário, chega até a ser vulgar observar isso, não há nada de extraordinário nessa contestação, aliás, Iturra e outros falam disto mesmo num livrinho denominado „Recuperar o espanto“, aquele mesmo espanto dos Descobridores ante os índios e os esquimós, de um lado, ou entre os aborígenes e timorenses, do outro. Reenvangelizar, recolonizar, fazer uma série de envios para que o primitivo, o selvagem, possa ser como eu sou...mas há aqueles que não querem ser, porque o conceito de qualidade de vida é absolutamente relativo, meu irmão...

Assim sendo, podemos certamente perguntar: qual as leis da entrega e da união dos corpos? Quais as leis da troca de culturas? É isso que os antropólogos tentam fazer e vêm nisso uma tarefa tão ou mais meritória do que o „pensar“ da filosofia. Mas uma e outra têm muito a aprender com a seguinte, como têm a aprender da sociologia, da etologia, da psicologia social, vendo e encarando o mundo como um ecossistema ambiental onde o homem é apenas uma peça, encarar o homem apenas como parte desse vasto grandioso ecossistema, entre animais, vegetais, o magma da terra e,

finalmente, o magma humano. Por isso defendo também que a atitude filosófica, porque eticamente imparcial, é o caminho que se faz caminhando, correndo umas vezes, pensando outras, na verdade, não se pode parar de pensar nem restringir a vida aos meros sentidos que, na maior parte das vezes nos enganam...

CLAUSURA E CONTRATO SOCIAL:

De Como Nunca se Está Só

Objetivos

Podemos pensar na prisão e no convento enquanto enclausuração. O que leva uma pessoa a ir para o convento? Poderão ser opções de grupo, ou seja o que parece uma necessidade de estar só é uma necessidade de viver em comunidade, mas viver desapegado deste mundo, o mundo dos media e da rua. Assim, os níveis de obediência também se verificam de modos distintos: enquanto no convento há umas regras, na prisão outras, a lei criminal, nas ruas há uma lei própria, vagamente aceite por todos. Mas, mesmo assim, tanto nos conventos quanto nas prisões (e não queremos dizer que umas se equivalem a outros no sentido ético), há canais de comunicação; uma prisão não está isolada do mundo, tal como um convento não o está.

Desenvolvimento

1. O DESERTO DO SER

Sem amor não é possível um compromisso com a vida. Mas...o que é o amor? E temos necessidade de compromissos com a vida? Não é a ideia de finitude, de morte, de acabamento do sujeito, que guia as nossas opções mais ou menos estruturadas, tanto a nossa vontade quanto a nossa necessidade de contrato?

Eu saio da barriga da minha mãe e faço logo um contrato com a sociedade em que vivo e desenvolvo o meu Ser. Ninguém é uma ilha. Então, qual a razão da clausura? Porque procuras o Deus Vivo no lugar onde menos o

esperas encontrar? Charles de Foucauld, por exemplo, foi, por respeito às religiões, para o deserto, talvez mais para se encontrar a ele mesmo por via de uma vida abnegada de trapista...

Quais, então, as verdadeiras razões para um homem ou uma mulher, embarcar na vida religiosa, será por fuga a uma vida social, sexual, plena de compromisso, de contrato? Será por despreendimento dos bens ou por opção pelo valor intrínseco da vida religiosa, monástica, para abraçar e abarcar um ideal que não pode ter mais lugar senão ali, no lugar sagrado do convento e no lugar sagrado do seu coração orientado para Cristo?

Tenho defendido a tese de que a vida religiosa é um regresso a um estado de primitivismo, de ingenuidade, face a um mundo complexo, de violência gratuita e argumentação. Ou seja, no contexto da cidade, a maior parte derrime argumentos, como no estilo rap, para argumentar em favor da sua casa, mas a hermenêutica teológica é menos elaborada do que a filosófica, todos sabemos disso e, em certo sentido, nalgum lugar, a filosofia mistura-se com a teologia, sendo que esta se veio a debruçar sobre itens distintos dos tradicionais, quer de si mesma, quer daquela. Porque, antes de mais, o convento é um lugar de poesia, entregue a Deus, o Ser está em *dasein* místico, entregue ao transcendente e mesmo a carne, do lugar, ali se prostra, carregada do cansaço do excesso do ruído e das relações mais ou menos problemáticas, diria até, psicóticas, da cidade, do contexto urbano. Diria até mais: a aldeia é um convento a céu aberto.

Mas há um elemento estranho a tudo isto, a todas estas considerações, se a vida contemplativa existe por si, no convento, qual a razão de um elemento estranho que se intromete na paz que queremos atingir em vida, no seu ascetismo e silêncio da alma? O que pode perturbar uma relação íntima com Deus? Talvez uma relação ínfima e, como de costume, a carne, o desejo, os

sentido, este é o dilema de todo o homem, de toda a mulher, o dilema carne-espírito. Mas, qual a raiz filosófica de tal conflito? O porque ele se plantea obrigatoriamente na vida religiosa? Tudo tem que ver com opções de vida, com a diversidade das vidas que a vida religiosa adota...

Tudo porque o sujeito tem consigo uma grelha de análise anterior à vida que vive no presente, e é por isso que vive a vida do presente, a via do momento, tem portanto também uma greta por onde se esvai o seu Ser, quando, em termos sartreanos, precisa de fugir, de fazer esvaír o seu desejo para um beco, para a imensidão de uma cama desfeita...

Ainda assim, o íntimo do homem, seja em português seja em francês, vive da obscenidade, de um segundo plano no panorama do corpo, dos estudos sobre o corpo e é assim, pois, que sobrevive, porque assoberbado de desejo, mesmo no contexto da contemplação. Por isso, a religião não é acto, ou seja, não é função do corpo e a santidade é negação da imanência, do desejo, e esvaziamento do Ser e da intenção, para outro lugar, para outras instâncias, ainda assim, para o Outro. Se eu não desejo, tu desejas, pode dizer-se acerca da vida no convento, desprezo o meu corpo e os meus sentidos para uma devida função, reprodutiva ou de “jouissance”, porque ele pertence a Deus, logo a todos...Mas, nem todos são Deus e, na verdade, que pessoa é essa Deus?!...

Pede-se, por isso, uma religião além do desejo, além do excesso, um Deus como o de Camus, em pleno deserto argelino, que dê uma resposta ao homem para além do seu desnorte, como Moisés, além mesmo da sua dúvida, da sua dívida...

2. O MANANCIAL DO SER

Equacionamos, então, vida laica, mundana, sem bem que a laica pode bem ser sagrada, e vida consagrada, contemplativa, oferta a Deus.

Um dos outros dilemas da vida religiosa é o amor a Deus. Na vida das famílias, nenhum homem gosta de ser deixado para atrás; ou seja, se a mulher diz que gosta mais de Deus do que do seu marido, isso fere a masculinidade do homem e fere o seu respeito humano. Não se pode amar o Homem através de Deus? Ou será deus através do Homem? Não é a religião uma resposta, mais ou menos cabal, para as angústias humanas? E, no entanto, isso não invalida a ontologia da vida religiosa, consagrada, o seu valor metafísico, tático, prático... Em Braga, conheci dois santos, um dos quais pouco falava, o Frei Marinho, que tinha reputação de santo em Braga, o outro, o Frei Guimarães, expansivo, comunicador emotivo, espontâneo, ambos serviçais. Sim, poderia ter continuado, podia ter lá ficado, era Deus que estava comigo e, naquele lugar, deixou de estar para mim e passou a estar para os Outros...

Então? O que procura o homem? Nem todos procuram a submissão a uma ordem que a Igreja confere, muitos desenvolvem espírito crítico acerca das coisas, estaremos todos doentes à procura de uma muleta para arrepiar caminho? Ora, Deus não pode ser muleta, Ele é o nosso interior, és Tu e Eu, no âmbito não tanto do Ser, porque o Ser não sai do lugar e quando sai só causa estragos os mais diversos de âmbito escolástico, mas o Pertencer, estar em conjunto, que tem de ser progressivo, de ser mediado, medido, articulado no quotidiano. Porque não podes pertencer demasiado, vais para o convento. Muitos pensam que desististe da vida social, dos favores e das corrutivas atitudes mais ou menos facilitadoras de uma vida social mais

ou menos estável, ainda que tensional. Deixas tudo porque queres ser livre, deixas tudo porque queres viver, entre três registos, o do senso-comum, o da especulativa solidão e o da solidariedade monástica...

3. O PERTENCER

Mais, diremos, em vez do Ser, o Pertencer.

E pode haver um contrato social com Deus? Tudo desemboca no utilitarismo, a vida do homem é feita disso, de praticidade, das concreções, como diz João nabais, da luta pela comida e pelas mulheres, o dote, a boa condição económica, a luta pelo status. Se não tens isso, tens o quê? Um Deus aleatoriamente vago que te dá tanto consolo quanto a filosofia? E se fôssemos todos filósofos? Seria o caos...

De algum modo, temos um Deus stressado, deprimido, que não pode mais com esta globalização que vai reafirmando o mundo como lugar de conflito, enquanto os religiosos pregam a paz, outros desfazem o seu intento e ações e acabam por deitar abaixo uma obra de decénios, de séculos, como está a acontecer na Ucrânia e nos EUA a propósito do aborto...

Para além dos fundamentalismo, enquanto uns se desenrascam pela autonomia de uma certa razão utilitária, outros acentuam a bondade de coração, ora porque têm problemas, ora porque também estão stressados, pois nunca viste um rico, um milionário, pedir ajuda a Deus e mesmo a Igreja precisa de dinheiro para continuar a disseminar a sua mensagem, é a lei do mercado civil...

Então, porquê continuar a aposta no Ser? Porque não apostar no Pertencer? Porque muitas pessoas têm demasiados fantasmas e preferem estar sós pois

lhes move uma revolta, uma sede de vingança face ao Outro, ao Mundo. Pessoas essas mal resolvidas, mesquinhas, num universo social de chique-espertismo que não leva a lado nenhum.

Diremos por outro lado: a razão é inimiga da fé? Já Teillard de Chardin se colocava esta questão? Não há um certo sentido de matreirice mesmo no âmbito da fé, da adesão radical a Deus? Claro que há, uma oportunidade, um situacionismo, que os filósofos colocam no âmbito da causalidade e do determinismo e os antropólogos no âmbito do relativismo, do papel social que eu preciso de cumprir para me sentir bem, para conquistar e garantir o meu lugar ao sol... Não será esta questão uma forma mais ou menos subliminar de oportunismo social, diríamos até, de evolucionismo? A América vive disso, respira esse sentimento através da sua cinematografia, da sua arte, da sua ânsia de liberdade individual *au-delà* de uma certa antropologia social que é meramente britânica...

Então, porquê insistir no Pertencer, quando todos querem Ser? Ser em ***dasein***, ser para o Outro, para o Deus, afirmar-se em função não só de um desiderato, mas da aplicabilidade de um desejo, de uma emoção, de um tempo e momento que há-de vir? Neste sentido, não poderá a felicidade ser o que já é, em vez de ser o que não é?

4. A ALEGORIA DOS SENTIDOS

Se há um certo delírio nos sentidos e sua satisfação, também o há na sua negação. Veja-se Santa Teresa de Ávila, *As Moradas*, ela, ao negando as paixões, reafirmou-as, sublimizou-as em favor tanto de um Deus quanto de uma biografia, de um modo de estar, de pertencer. O que te mais surpreende na vida social é que há sempre um aspeto de taticidade e tenacidade no sujeito, ou seja, o homem é além de um ser social, sociável, um homem utilitária, económico, que tem que ver com a sua sobrevivência enquanto ser social. É claro que muitas vocações religiosas têm que ver com cansaço e até com inaptidão para a vida social, laica, profana. O transcendente é a melhor defesa de que quer ficar sozinho, como o Conde de Monte Cristo no seu cárcere, congeminando vingança...

Portanto, há um certo cálculo tanto no âmbito libidinal, quanto no âmbito místico, sobrenatural, tal é inato ao homem, calcular as suas energias (**energeia**) em função de um resultado que quer obter, de um objetivo, de um desafio...

Então, face à sublimação do Ser, temos a sublimação dos sentidos, como se eles, como tatuagem, nos firmassem a um lugar aqui, de identidade, de pertença, de nacionalidade, como se o ser português fosse uma forma de afirmação do Ser, por relativo ao Ser espanhol, ao Ser francês... Uma sublimação dos sentido e, no convento, uma negação dos sentido, pelo menos pela regre, pois há muitos que escapam a tudo isso e se servem da regra para afirmar suas parafilias, sua doença e docência do habitar humano, além do simples desejo do Estar, em consonância, em relatividade...

Então temos: os sentidos/negação dos sentidos. Então os prazeres da vida monástica? Um bom vinho, ou licor, como por exemplo de Singeverga, os

doces conventuais, numa des-localização do desejo própria de quem precisa de afirmar a sua transcendentalidade em função da negação da genitalidade, como diria Iturra.

Assim, a religião surge enquanto território, a defender, do sagrado, obviamente, como se do outro mundo viessem cavaleiros Cruzados aptos a defender uma mensagem, um ideal, enquanto outros fundam novas igrejas e conhecem e propalam novos ideais, a Igreja permanece firme, correndo até o risco, perante a opinião pública, de parecer desatualizada face à voragem do mundo, quando, afinal, é isso o que a conserva intacta e credível face às coisas do mundo que se desenrolam diante dos nossos olhos mais ou menos críveis, mais ou menos pagãos ou até descrentes, ignotos de que há um mundo no convento que tem que ver com felicidade, pois o convento não é negação de nada, muito menos de uma vida social, que se teve ou que nunca se teve, é por Si Mesmo Pertencer a algo, a Deus, a qualquer coisa que está em construção, em desenvolvimento, em afirmação. Daí o lugar da oração, quando outros preferem lutar MMA ou fazer assassinatos nas escolas com armas do exército. Mesmo os filmes americanos deixaram de ter interesse, por a fórmula é quase sempre a mesma e o final feliz não passa de uma ficção utópica, de ilusão em ilusão até ao final de um mundo e de uma conceção do homem pouco transformadora, pouco feliz, pois joga com a desordem dos instintos que é, antes de mais, a agressão do Outro... E isso deixa lugar a uma Igreja pouco credível, envolta em nevoeiro e mistério, apologética de razões e soluções cada vez mais intrincadas, onde o Ser flui por lugares e concatenações existenciais que tem que ver com um desespero do viver...

Que lugar existe então para o padre nos dias de hoje, um lugar que não seja nem antropólogo nem assistente social? Um lugar de **rea-firmação** do sagrado onde ele menos se espera, (encontrar, difundir), um lugar onde Deus aparece quando o homem falha, quando soçobra a sua ânsia de vitória e egoísmo, no esforça para trazer comida para a mesa, no âmbito de uma pastoral da família? Eis aqui o momento para salientar o trabalho das religiosas nos mais vários âmbitos da vida social, pelo menos em Portugal e o papel da Igreja em termos sociais no nosso contexto social, nacional, identitário. É que, suspeito, ao fim de tanto tempo, ainda há muitos, ou pelo menos alguns, que vêm qualquer coisa de mal na Igreja, que vêm mal onde ele não há, espíritos sem dúvida desequilibrados e púberes, pouco desenvolvidos para compreender que a vida social tanto tem de bom quanto de mal e se acentuarmos a nossa atenção no âmbito do mal, do mau, estaremos até negando-nos a nós próprios, pelo que há que ser positivos, porque Cristo, apenas de ter tido a pior das mortes, sempre permaneceu positivos, como os santos e tal não tem que ver com masoquismo ou outra qualquer parafilia ou patologia, Ele sabia o que estava a fazer, por isso é eminentemente prática, afirmativa, a sua mensagem pelos séculos dos séculos.

5. UM MUNDO DE PATENTE REQUERIDA

O Mundo está aí, então patente, podemos escolher entre a vida monástica, contemplativa e a vida profana, social, mesmo que possamos ir à Missa, à Sagrada Eucaristia, todos os dias ou, pelo menos, todos os Domingo, participar de qualquer coisa de importante que não tem que ver com as luzes da ribalta dos atores e atrizes dos vários géneros cinematográficos e que tem que ver antes com uma necessidade intrínseca de paz e de respeito por nós-mesmos e pelo que nos rodeia, porque a religião é regra e com ela, antes de mais, respeito pelo corpo. Muitos santos passaram da obscenidade para a santidade, sendo que, em princípio, a religião não se dá bem com os instintos, com a sexualidade, pelo menos a católica, aprendemos com o tempo a dar tempo aos prazeres do corpo e a tentar, intentar, outro tipo de felicidade, a do espírito, quando para os hindus o sexo é sagrado. Teremos feito algo de errado e com isso muitos filósofos, em separar a mente do corpo? Parece que andamos para a frente, sem dúvida que andamos, como tanto progresso, dinheiro, fama, poder, sexo, mas com a cabeça virada para trás e isso é próprio de um jumento civilizacional...

É triste observar como estas coisas estão tão divididas, como o desejo floresce sob a angústia (Kierkegaard), como o corpo está separado da mente, que foge para cima, como o olhar do asceta que, por tanto desejar o corpo, acaba por negá-lo, por transfigurar a sua ausência metodológica. Porque, afina, desejar é não-desejar, é ignorar, só possui (um corpo) que o nega na sua integralidade, quem, na verdade, não o quer...

Que segredo haverá em tudo isto, porque é que as freiras não têm vida social, sexual e porque é que o corriqueiro cidadão do dia—a-dia não pode ser um asceta, um místico? E porquê a insistência da Igreja nas relações

assexuadas, ou seja, não será este pressuposto católico, cristão, religiosa, negar a verdadeira felicidade ao homem? Sim, a verdadeira felicidade? Porque, antes de mais, somos todos diversos e tudo se encaixa mais ou menos bem um certo âmbito na esfera da ação. Porque Deus, o nosso Deus, é um demiurgo, uma inteligência ordenadora, há que confiar nisso, ou seja, Ele faz acontecer no deserto, onde não há nada, o Nada, onde nunca houve nada, o Nada...porque há diversidade, imensa diversidade, no existir, no acreditar, no Pertencer e não temos obrigatoriamente de pertencer (todo o tempo), todos precisamos de uma pausa, de pensar, do Pensar...

E porque, também, o êxito é inimigo do trabalho, do êxito propriamente dito, do génio, do reconhecimento, porque quando obtemos este, pensamos que está tudo feito, que não temos mais caminho por onde andar, quando sabemos que o caminho se faz caminhando, fazendo sempre qualquer coisa, estando sempre ocupado com uma tarefa ou outra como Jesus, que era carpinteiro e projetou muito tratados teologias, muitos da patrística, como São Boaventura, São Bernardo do Claraval, São Tomás de Aquino...

Mas, quereis maior argumento que a bondade, a bondade do coração e da razão, entre a relação por vezes difícil entre sujeito, indivíduo, e corpo social, em termos orgânico ou mecânicos, como terá dito Émile Durkheim? Assim sendo, o mundo dá, o mundo tira, umas vez nos sentimos felizes, estando apaixonados ora pela realidade ora por uma pessoa em contexto, ora por um ambiente, uma passagem da Bíblia que faz sentido eminentemente casuístico, ora nos sentimos em baixo, deprimidos, pouco preenchidos.

Vidro e água, são ambos “transparentes” (ou transparentes, claro), ambos refletem o que está além deles. Assim é a vida cristã, transparente, plena de valores, símbolos e significados, enquanto outros não querem saber, vão para a praia onde estão dezenas de dias e voltam a encher chouriços

todo o anos, numa corrida de tanto afã tanto pelo prazer quanto pela realização num determinado âmbito profano, como se a vida fosse uma corrida, uma prova, um teste, como se não pudesse haver lugar ao pensar, porque hoje em dia ninguém quer pensar, mesmo aqueles que estão dentro das universidades, pois estas tornaram-se um negócio, mesmo em ciências humanas. Mais uma vez, para encher chouriços.

Então, como havemos de viver a vida, seguindo a ideia de Peter Singer? Será melhor uma vida conventual ou uma vida social, sabendo nós que também a conventual é social, talvez até mais intensa do que a vida cá de fora, da rua, do café, das vozes que te criticam e condenam, ou porque não fazes as coisas bem ora porque não agradas a todos, ora porque as pessoas têm sempre alguma coisa a dizer, sobretudo as menos instruídas. Qual, na verdade, o sentido da vida, além ou aquém destas duas modalidades sociais? Como havemos de viver? Sim, como havemos de viver, quando muitos nem sequer se preocupam com isso, com essa questão na sua vida, enquanto outros passam a vida a pensar, a escrever, a falar, no âmbito de uma civilização ocidental que despreza o passado e o futuro e pouco respeito tem pela reflexão e pelo pensar, vive o momento, pela testosterona, pelas hormonas ou ate por outra coisa, pela maldade e pela doídice.

Seja como for, o sonho dos filósofos e cientistas sociais não se pode realizar, ou seja, o seu alvo está em constante movimento, a verdade, o sentido da vida, as pessoas, estão sempre se alterando, adaptando, evoluindo, podemos dizer em termos darwinistas, mesmo aquele que lhe deu Teillard de Chardin. As pessoas, nomeadamente, são um „alvo“ em movimento, ou seja, mesmo no Orwell **1984** têm qualquer coisa de insondável, qualquer coisa que escapa ao cientista, ao analista...sobretudo porque Deus não está com ele, porque ele está por si mesmo, pela sua universidade, carreira e

prestígio. Só o homem estilo Columbo pode vencer, fora e dentro da criminologia, o homem que vai por si, porventura já aposentado, que nada tem a perder, que vai para a realidade dos factos sociais como se nada adiantasse ao mundo aquele que ele tem a descobrir, pelo menos ao presente que ele também vive intensamente...

Por outro lado, se o homem é um animal intrinsecamente social, também é um animal intrinsecamente espiritual e todos precisamos de uma maneira ou de outra, dos nossos deuses, do nosso Deus, monoteístico ou não, para sobrevivermos. Daí sermos intrinsecamente espirituais, como se precisássemos de comida. Só quem nunca sentiu fome de Deus nunca percebeu o quão Ele é importante nas nossas vidas e enquanto uns vão a correr para a Igreja, como Maria que „saiu apressadamente e pôs-se a correr“, outros não põem lá os pés ou porque se sentem demasiado culpados, ou porque têm desvelo em se sentirem inferiores aos olhos de Deus, em se submeterem ao seu poder beneplácito e ao seu jugo. Ainda assim, Deus não submete ninguém, não humilha ninguém e tudo compreende, especialmente o homem aflito, porque, afinal, ajudar o homem a olhar para dentro de si mesmo, no seu mistério, na sua consagração, na sua união salvífica. Portanto, Deus não nos faz altivos, não é o caso, acreditar em deus é, antes de mais, acreditar em nós mesmos, nos nossos sonhos, nos nossos desideratos, Ele ajuda, mesmo que não percebamos imediatamente essa acção sobre nós, de tão cegos que estamos com o mundo da rua, da TV, das “promenades” e das corridas, andando de um lado para o outro como diabos loucos em procura de Nada, ao invés do Nada. Então, porque não abraçar, abarcar, o Todo. Sim, o Todo de Espinosa, a Totalidade de Lévinas?

Dei a este escrito o título „De Como Nunca se Está Só“. Sim, nunca se está só e o suicídio advém tanto do crime, da agressividade, do distúrbio, quanto da solidão. Num mundo conturbado pelas defeituosas más relações familiares, só os psicólogos parecem ter uma vida perfeita. Só Ronaldo. No entanto, nem todos, muito menos os jovens filósofos, têm medo de Ronaldo ou querem ser Ronaldo... Nem todos, portanto, querem vencer, porque o sujeito que vence, na maior parte dos casos, vence pelos seus, pelo grupo a que pertence e depois recolhe os dividendos disso, dessa aventura e consagração. Eu, podes pensar, sou do clube de Deus, venço por mim mesmo, pelo meu grupo e por Deus. É Deus quem me faz vencer, porque, em certa medida, Ele sou Eu e Eu sou Ele também.

Então, que fazer da solidão, quando percebes que ele é absolutamente social, avassaladora? Talvez pensar na transitoriedade da vida, da tua existência, perceberes que não estarás por aqui muito tempo. Aí, então, percebes que Ele está contigo, que vela por ti, nem que seja para te dar uma boa morte, se é isso que mais temes, porque fizeste de tudo na vida para Ser (especial), para pertencer (a um grupo, a uma sociedade). Aí, comesas a viver, de uma forma ou de outro, percebendo que a fome é temporária, que a sede se mata com água da torneira, que precisas de passar fome em nome do teu Deus, porque a tua vida melhorou com a assistência Dele e que para tudo é preciso esforço e abnegação, isto se queres realmente vencer, fazer jus ao teu nome...

Portanto, mesmo que a ajuda do teu Deus esteja longe, acredita que Deus é Pai e um pai preocupa-se com o bem-estar do seu filho, ainda que por vezes prescindia do seu auxílio porque quer que o passarinho voe por si mesmo para fora do nicho, mesmo que tu gostes de estar debaixo das saias da mãe e protelar uma carreira de sucesso e realização, de afirmação do teu Ego,

mesmo e antes de mais em termos psicanalíticos. Sim, porque a rosa do deserto é a mais forte, nem sempre é preciso regar a planta, ela procura desenvolver, na sua vida vegetativa, mecanismo de sobrevivência que tu também vais conhecendo e desenvolvendo quanto estás só e cansado e ainda que desorientado pela luta, arvorado em super-herói, em Deus. E como se fazem os deuses, perguntas tu? Com humanidade, muita humanidade, porque estamos longe (ou talvez não) dos deuses gregos e latinos ou do Deus do Antigo testamento, irascíveis, irado, pretensiosos e pouco tolerantes.

CONCLUSÃO

Portanto, como escolher entre vida religiosa e vida da rua, do mundo? Não devemos pôr as questões nesses termos. A vida consagrada é, à sua maneira, um contrato social, como o casamento e tudo está encerrado entre as quatro paredes dos conventos e Goffman discriminou esta atitude, colocando-a ao lado da vida nas prisões e nos manicómios, a meu ver erradamente. Há uma dimensão da vida consagrada que é sobremaneira escatológica, absolutamente humana. Por isso, ao mesmo tempo, divina, como se a freira ou o monge anunciassem uma outra vida, uma nova vida, uma promessa de futuro, de um mundo que há-de vir, tal como o filósofo afirma a metafísica no seu sentido moral. E a moralidade tem tudo que ver com o Outro e a sociedade, tem tudo que ver com respeito e, apesar de tudo, com a forma como lidamos com o nosso corpo, não fazendo dele um uso mecânico em favor das pulsões mais violentas e loucas, mais doentias e esquizofrénicas, só porque se instalou uma liberdade na liberalidade e no liberalismo de que tudo se posso fazer, constituindo-se como crime a atitude de respeito pelo Outro. Portanto, nunca se está só, digo enquanto

antropólogo, tudo leva um tempo, a criação de relações, a fermentação na ausência de sentido, a procura, porque é preciso ter confiança em si mesmo e no mundo (Emerson, Sócrates), porque é preciso continuar, a corrida, a caminhada, o jogo de xadrez, seja o que for nesta estadia breve que não sabemos se se repete uma ou outra vez, alguma vez...

David Gilbert (*A Paciência de Ser*) falava nestas instâncias da alma inquieta, que não descansa enquanto não conseguir o seu objetivo, mais ou menos metafísico, de se inserir num determinado contexto, de que falava Geertz e ainda João Pina-Cabral. Ou seja, o Ser disfarça-se (socialmente, intimamente), de não-ser, de não-saber, para se metamorfosear em algo que lhe garante gozo extático e sobrevivência, como se fosse um camaleão ou um mutante. Ele precisa de se disfarçar, nas suas instâncias sobrenaturais e na sua forma de afirmação enquanto ser que partilha do divino, do sobrenatural, porque Deus assim o quer, porque não é agressivo, violento e ainda que o seja, Deus, ironicamente, poderá estar sempre com ele, a seu lado, caminhando na praia, lado a lado e pegando-o ao colo quando este não aguentar mais a passada, para efeitos menos minorativos da existência e do sortilégio do humano.

Assim também, o sujeito faz um corte epistemológico com o mundo, um corte provisório, quando abraça a vida religiosa, porque o contrato social é ao mesmo tempo compromisso e desprendimento, união, fixação e alheamento, o sujeito tanto está cá quanto está lá. Dependendo das personalidades, ele foge a um mundo de stress, de seres desalentados consigo próprios, demasiado atento ao que o outro faz ou deixa de fazer, de seres bastante perturbado, que vêm, por sua vez, a vida religiosa e de entrega a Deus, como um sinal de fraqueza e debilidade, quando é exatamente o

contrário: eu sou forte porque estou com deus, estou acompanhando e não só, estou sujeito à sua força que por sua vez é a minha força. Ele é a minha força.

Assim, o homem que crê, que acredita em si acreditando em Deus, fez já como que um enxerto metafísico, ele substituiu o regime do profano e da dúvida pelo regime da fé e da certeza. E isso dá-lhe conforto, mais fé para continuar. Não que a dúvida não seja admitida pela fé, aliás, ela até a fortalece, pois o humano, por si só, claudica em várias fases da sua existência, é normal duvidar, até os santos duvidaram. Mas, fazer da dúvida um modo de vida só se fôr para te sentires verdadeiramente só e enquanto ouves essa palavras, verdadeiro, percebes que, como nos passos na praia, Ele está sempre contigo, porque é carácter do Deus em que acreditas cuidar do homem, do seu objecto da criação, ampará-lo como um pai ampara o seu filho, sem muito sentimentalismo mas também sem muita dureza, porque o outro trabalho advém de Maria, que quer o bem do filho e sofre quando ele cai por si mesmo, na estrada do pecado, envolto em corpos desregrados, em corrupções económico-financeiras, no escândalo de um circo onde o que o povo quer mais é festa, mais e mais festa, mais e mais diversão, talvez para esquecer ou pelo menos mascarar, uma vida vazia de sentido...

Além do Corpo na Ciência: uma teoria social cristã

Argumento

Fazer dialogar antropologia cristã e antropologia social, além do debate secularismo/religião. Seguimos de perto a obra „A Teologia do Corpo“, de São João Paulo II

Desenvolvimento

1. UMA METAFÍSICA DO CORPO

Haverá qualquer coisa de errado na nossa civilização quando separamos, medicamente, o corpo da mente? Deve o sexo ser sublimado? No limite, é possível uma metafísica do corpo? A consciência do corpo traz a mente perturbada, contudo, ela não é nada sem ele, porque está provado em termos de uma antropologia social, empírica, que o homem pensa com o corpo, não só através do aparelho sexual, mas dos outros, o nervoso, o digestivo. Se o homem pensa com o corpo, provado cientificamente em instância neutras, ou seja, não morais e muito menos religiosas, ou seja, isentas de um juízo histórico, como poderá desligar-se a mente do corpo? Depois, há os três níveis de uma superioridade do homem face ao animal e aos outros reinos, a saber, o espírito, a mente, a alma. Enquanto a mente tem a ver com uma tradição mais ou menos laica, secular, da visão do homem, o espírito tem que ver com as mais diversas tradições filosóficas,

desde as Luzes até ao colonialismo, e a descoberta de outras culturas pelos antropólogos, de mãos nem sempre dadas com os missionários, mas muitos, incluindo sacerdotes como Teilhard de Chardin, foram as duas coisas. Depois, segundo a biologia humana, o corpo não é só carne, mesmo no sentido espiritual, ele é também mineral, vegetal. Ou seja, este compósito que é o corpo humano, muitas vezes entra em conflito com a mente, mesmo que haja harmonia espiritual e anímica, mas estas três formas de manifestação do espírito estão, em essência, em algumas culturas, estreitamente relacionadas entre si. É como se fosse uma orquestra com vários instrumentos de ordem diversa, para haver harmonia, todos eles têm de ser respeitar. Mas qual o fim do bom funcionamento do homem? Não é um funcionalismo qualquer, mas uma meta da ordem da felicidade, é isso que o homem procurar, estar-sendo bem, sem grandes preocupações mentais, porque tudo o que é mental tem as suas ratoeiras...

Portanto, se o mundo não é apenas mental, também o não é o homem. Nos meus tempos de postulante franciscano, que terminei, juntamente com o Ano O dos estudos teológicos, apareceu-me nas mãos um livrinho com o título „Pílulas de Otimismo“. Nunca mais me esqueci. Assim também, aprendi que, depois de ter estado tanto tempo afastado da religião, devo tomar a religião, inseri-la na minha alma, a pouco e pouco, como um comprimido que todas de manhã, ao acordar, a fim de teres um bom e bem-disposto dia. Porque há um conflito em mim que tem que ver não só com a identidade sexual, mas também com os usos do corpo do Outro, ou seja, nos termos de uma separação entre *jouissance* e reprodução planteia-se um problema altamente filosófico, que é formulado pela pergunta, se gostares de sexo, será que as mais bonitas vão à Igreja? E, se és amante dos prazeres sexuais, tens de ver algo de perfeitamente “mundado”, profano, banal, na

mulher, porque, a meu ver, o corpo não é um templo, mas uma forma física de usufruto, nomeadamente para resolver certas tensões interiores, já formuladas por Freud e, no limite, o problema da violência primordial. Mais uma vez, será possível uma teologia do corpo? O corpo é algo de material, físico, mas também é sobrenatural, instrumento de amor. E, podemos indagar, o sexo não é, não pode ser, algo de sagrado, se nos desperta tão boas sensações? Porque os teólogos, como os filósofos, a não ser os hedonistas, têm como que horror a tudo o que é prazeroso, como se quisessem vincar qualquer coisa de metafísico na sua ação, como se fosse pecado ter e dar prazer... como se o homem apenas „prestasse“ para se reproduzir e não pudesse, tanto em termos vaginais como anais, ter prazer a partir desse mais belo instrumento que é o corpo...

2. O SUJO E O LIMPO

Ligado a esta ideia está estoutra de que o sexo, nomeadamente o anal, é qualquer coisa de sujo, mas há que lembrar, não nos rimos quando alguém, ou mesmo nós mesmos, dá um pum? É qualquer coisa que sai, ora de sólido, ora de vaporoso e que nos faz rir, como se fosse o resultado, o excedente, de algo que se insere „por cima“, sim, a comida. Por isso, também o ânus é locus de vergonha e a vergonha começa precisamente por aí, quando se fala no Parlamento do ónus da prova, pela sensação, a impressão, a obsessão de estar sujo, de ter de limpar essa região do corpo a todo o instante, como se a vida social a isso se referisse unicamente, como se estivéssemos („à porta“) a preparar a entrada de algo ou de alguém. Por isso, nos apetece tomar banho uma e outra vez por dia, mesmo no inverno. Por isso, uma coisa é descrever uma situação, um estado de espírito e outra é apontar soluções para que a

nossa vida passe, de certo modo, a ser normal, sendo que o conceito de normalidade é muito relativo e o alocuemos quase exclusivamente à psiquiatria, quando alguém está mal, mentalmente, vai ao psiquiatra, quando tem pruridos religiosos e está mal da alma, vai ao padre ou ao psiquiatra, se acreditar em Deus ou ao invés no Homem, quando está mal espiritualmente, vai ao padre, se acreditar nalguma coisa do que ouve na missa. Estes pensamentos foram-me transmitidos em casa e na igreja da minha paróquia, onde deixei de ir para escrever este texto.

Isto tudo, esta problemática, também tem que ver com o que se encara de sujo e de limpo e as outras categorias branco/preto e tem muito que ver com a cor da pele, da raça, da ideia de que há uma raça superior a todas as outras, sendo que esse sentimento é identitariamente comum a todas as raças, a todas as etnias, ou seja, o que faz uma raça persistir em termos socio-identitários, é não só o sentimento de homogeneidade enquanto grupo (social, nacional), mas a afirmação de uma certa superioridade rácica que de uma forma ou de outra todos colhemos, pois na verdade, há que dizê-lo, há etnias, origens, mais permeáveis do que as outras, tanto em termos de uniões matrimoniais como de mera relações sociais, comerciais, no sentido utilitário. Depois, também esta problemática tem que ver com os usos da água, ou seja, considera-se a água „limpa“ porque transcendente, embora também haja o conceito de „água suja“, como aquela dos garimpeiros na Amazônia... Adiantei há tempos o conceito de „medo cerimonial“, ou seja, preciso de estar limpo para lidar de perto com o meu Deus e tal nada tem de estranho, desde que não seja doentio, repetitivo, mas a questão põe-se noutros aspetos da vida social, como o trabalho, o descanso, as pessoas tomam banho antes de se irem deitar porque precisam de se sentir *inconscientemente limpas*, ou pela manhã, para estarem na rua limpos...

A antropóloga Maria Manuel, minha colega no ISCTE estudou estes usos da água a propósito das Termas e mesmo Rosa Perez, minha professora, introduziu o sabão no estado do Gujarat, na Índia, depois de um trabalho de campo de vários anos e que resultou na sua tese de doutoramento e outros vários livros.

Depois, Jesus surge como o verdadeiro taumaturgo da humanidade e, podemos dizer, porque não acreditar nisso? Porque não acreditar que n'Ele e para além da medicina, da psiquiatria, há espaço para fé, que é o conhecimento do religioso, daquilo que não só nos faz sentir integrados, em companhia de Alguém, tudo menos sós, ainda que fisicamente isolados, restringidos daquilo que nos faz sentir em Paz com o Mundo. Claro que o caminho de fé não é um caminho fácil, a dureza por vezes faz-nos tremer as pernas e perder o tino, mas aí temos de ser fortes e confiar cegamente n'Ele, porque, em certo sentido, é não apenas uma forma de salvação, mas atrevera a dizer, a única salvação. Mas...a pergunta persiste, as mulheres bonitas vão à Igreja, como se eu quisesse simultaneamente uma mulher bonita, inteligente e fisicamente voluptuosa...ou seja, o melhor de dois Mundos, o de Deus e o do Amor...quando Deus é tudo isso, é amor e daí também o sexo, por ser amor, é transcendente, divino. Mas, porém, tornou-se uma mercadoria, como todas as coisas no âmbito das sociedades democráticas capitalistas, portanto, o corpo democratizou-se como palco de saber e até de desvario, usado para todos os efeitos nas mais diversas parafilias, porque aquele que atina com o resto da sociedade, que é modelo de comportamento, é uma pessoa cumpridora, exemplar, comedida, que não comete exageros, nem sequer com as mulheres...

3. NOVA ESPERANÇA

Ora, a meu ver, Cristo foi uma grande cientista social. Para implementar o que seria a Sua Igreja, ele teve de sacrificar a sua vida, com a ínclita idade de 33 anos. Ele resolveu o enigma entre teoria e prática no âmbito de um contexto histórico colocando-o em termos irremediavelmente morais, implacavelmente pervasivos através dos séculos, e depois aproveitou a boleia do Império Romano para fundar uma estética no âmbito de uma antropologia da crença que sobrevive através dos séculos na memória coletiva de quase toda a humanidade. Então, haveis de perguntar, que é feito das outras religiões? Não estarão também certas, não terão também o seu quinhão de razão? Bem, hoje em dia um pequeno grupo pode fundar um Igreja... O Estado permite isso. Mas, tudo tem que ver, acho, com peso histórico, com tradição, com *sentir-se parte de...*

Ou seja, o grande profeta da sociedade perfeita é Cristo. Pode haver que não acredite, que acredite noutras coisas, noutros deuses, como a socialite, a fama, o dinheiro, o sexo desvairado, as festas, as drogas, o álcool, mas quando o Ser se revolve encontrar consigo mesmo em Cristo, no crisol do Deus que tudo pode, esse Ser é imensamente feliz e ainda que seja apenas por um par de horas, já valeu a pena viver para sentir essa experiência.

Portanto, o corpo oficiante, como na Missa, é o corpo limpo, enquanto o corpo do erotismo e do trabalho é o corpo sujo, ou seja, para fins recreativos a preocupação é menor, mas quando se lida com o sagrado, a preocupação (o medo cerimonial) é maior, como exemplificou Jean Duvignaud a propósito das festas pagãs, daí que a antropologia não é tão limpa quanto a filosofia e a teologia, porque tem que ver mais com o profano do que estas duas...Creio que podemos pôr a questão nestes termos.

O que nos espanta é a renovação do espanto (Iturra), ou seja, a mudança do mundo, o devir do Tempo, o acontecimento de sempre qualquer coisa de novo no mundo social. Sim, porque o mundo é natural, sobrenatural, mas também é social. Depois, há qualquer coisa de errado numa certa psicologia social, de raiz puramente psicológica, para não dizer psiquiátrica, foucaultiana: as sociedades não são pessoas e a ideia de que uma sociedade é a soma dos indivíduos, á maneira de resto durkheimiana, está hoje mais do que ultrapassada. Eis o erro também de alguns antropólogos e da maior parte dos sociólogos actuais, quando vêm o sujeito apenas como uma peça de uma grande engrenagem mecânica, sob o fito de analisar e transformar a sociedade. Enquanto isso, o antropólogo deixa-se estar, ele não quer transformar a sociedade, não tem o sentido marxista-leninista, ideólogo, do sociólogo, do psicólogo social, ele quer também resolver problemas com o seu dedo como este... Só que, enquanto uns tomam a dianteira sem grande fundamento, quer teórico quer empírico, outros descansam na retaguarda, talvez por saber de antemão o que a casa gasta...

Assim, a esperança cristológica não tem somente que ver com uma das formas de ligar com o corpo, o individual e o social, mas com um novo projeto e que tem por base uma determinada teoria social assegurada por um documento, um livro, a Bíblia. Aqui se planteiam regras de conduta e princípios filosóficos, mas também formas de amor e formas de amar, maneiras de levar uma conduta ética, primeiro mais radical com a Torá e depois mais complacente, humana, com o Novo Testamento. E se era revolucionária essa teoria, apesar do marxismo como concorrente, naquele tempo, ainda o é hoje, pelo aperfeiçoamento (A Roca e o Fuso seria um bom título para esta ideia) da fé de pastoral, direcionada para um mundo que

sempre precisa de mais e mais, de respostas, que obviamente o cristianismo confere de uma forma cabal, a meu ver.

4. O VALOR DA HISTÓRIA

Muitas vezes, mesmo dentro da igreja enquanto edifício de arquitetura, duvidamos da nossa fé, porque não queremos uma fé cega, fanática, apesar de muitos nos odiarem, mas o que o cristianismo e a Igreja têm de mais redondamente humano é a sua história. Claro que, a Igreja, sendo tangível, do mundo, tem os seus problemas, as suas questões (pedofilia, sacerdócio das mulheres, o relativo atraso em tomar certas medidas face à voragem do mundo), mas isso fica para as ciências sociais, que não têm a pretensão de ser moralmente respeitáveis, antes pelo contrário. Portanto, em todo o caso, é possível e passível de ser empreendida uma teoria social do cristianismo, pelo que a Igreja tem de fenómeno social total, antes de mais e também com a sua tradição de viagens, ligada à expansão da fé, ao colonialismo europeu, à história dos povos na sua „condição mais humana do que divina“, para lembrar Malraux.

Uma via de diálogo com a sociedade civil é aquela Igreja que se vê como património da humanidade, como desenho na história da humanidade, muito para além do esboço das inúmeras catedrais por esse mundo fora. A arte sacra, por exemplo, os ex-votos, as peregrinações a Fátima ou a Compostela, as inúmeras manifestações religiosas de um país como nosso, onde há liberdade religiosa, se bem que com alguma colaboração com o aspeto financeiro da questão...

Portanto, não só a Bíblia é um tratado de sociologia, como a própria Igreja é uma instituição total, com troca de bens e oferendas com o devido beneplácito do Espírito Santo, ou seja, se a sociedade é passível de ser tratada como objeto de estudo (para melhoramento dessa mesma sociedade), também a Igreja é uma instituição total, dentro desse todo maior que é a sociedade, ou seja, como diria um amigo meu engenheiro, a religião define a sociedade (para o leigo) mas , por outro lado, para o cientista social, é um traço da sociedade, enquanto que para o asceta É a sociedade...

Ora, como o corpo convive com estes mistérios, segredos, ascetismos? O corpo ressent-se, é veículo, mesmo que não pratique a sociedade. Já repararam que certas freiras estão tão bem conservadas, com uma espantosa jovialidade? Sim, que parece sobrenatural. Será por não se entregarem, como outras mulheres, aos prazeres do sexo, do corpo? Lembro Teresa de Ávila, cujo erotismo ascético converteu muitas mulheres a, simplesmente, uma vida melhor, mais digna, mais sagrada. Do outro lado, fica o profano e, diríamos como Séneca, *satis*, tudo na sua medida...

Portanto, as razões da história da Igreja legitimam a sua mensagem, que vem de longe, da aurora dos tempos e que o cristão primitivo aperfeiçoou a fim de a transmitir como testemunho dessa corrida em que Deus corre por nós. Mas...estaremos invocando o nome de Deus em vão? Que quinhão de parte, de trabalho da fé, deve o homem respeitar? Precisamente essa relação simultaneamente vertical e horizontal, com os irmãos e Aquele que habita no Alto, em género de sinal da cruz...

Há ideais e ideias bastante polémicas no espectro político-ideológico dos países europeus, nomeadamente nos latinos, mediterrânicos, do sul da Europa, os sacerdotes não podem casar e a cúria faz finca pé disso e talvez tenhamos de dar razão a Max Weber a este propósito, ou seja, foi a moral

protestante de certos países, contextos culturais, que permitiu um certo desenvolvimento económico, que ficou em estado quase larvar em países como Portugal, cuja experiência industrial ainda se está a fazer, ou seja, a Igreja tem certa dificuldade em lidar com as questões do prazer sexual e não é somente por os padres não poderem casar, mas porque o seu império de fé fez-se a custo desse sacrifício, do retraimento de muitos homens ao longo da história. Poderei perguntar, então porque não são ordenadas mulheres? Porque há questões de poder de que a Igreja não pode abdicar, como a vertente patriarcal da sua herança e mensagem, da sua teologia e poderemos mesmo dizer que, um dia, face a tanta gente a bater à porta de Deus para fazer parte da sua Igreja de modo mais ativo, dinâmico, completo, Ele vai ceder. O Papa Francisco já deu alguns sinais, mostrando que não é essa a questão mais importante, ou seja, ser padre é uma opção que tem que ver também com uma disposição física, diríamos até do âmbito da sexualidade, porque o padre não faz para estar mais disponível para os irmãos e é essa disponibilidade que é a sua alegria enquanto sacerdote, ver os outros felizes, espalhar a fé, dinamizar o seu pequeno mundo que é a paróquia ou a diocese, no caso de ser bispo...

Portanto, Deus é também Corpo, Ele está no sacrário porque pode, simplesmente, afirmar essa mensagem, porque É Possível, é passível de constituir uma forma humana que condiz com o corpo de cada um dos seus fiéis, em todos os seus desenhos, recantos e perfeitas imperfeições. A Igreja foi, assim, arrançando maneira de dialogar com dois mundos, o tangível e o sagrado, o sobrenatural, o intangível, aquele que satisfaz espiritualmente o homem e lhe dá o afã de se lança com paz e serenidade (*serendipiti*) num mundo que, à partida, desconhece. Portanto, o palmilhar deste mundo é ponto de partida do reconhecimento num outro mundo, numa eterna forma

de ser feliz e quanto mais Deus está comigo mais feliz sou aqui e agora. O hindu tem uma concepção distinta da nossa, por exemplo, para eles o acto sexual é sagrado, por isso talvez não o banalizaram tanto e, por outro, proclamam abertamente a reencarnação, uma segunda vida na forma de outro ser. Eu acho que, como cristão, deveríamos estar mais abertos a outras religiões, a outras formas de entender o sagrado e o espiritual, exceto, claro está, evitar fundamentalismos. Mas, aí, se joga um problema fulcral não só para o cristão, mas para todo o homem, que é o da violência, ou seja, portanto quem me agride, verbalmente ou fisicamente, devo, como Cristo, de dar a outra face? Há quem diga que não, há quem diga que sim. Mas há maneiras e maneiras de fazer as coisa, de se relacionar...

Mas, vejamos, é a violência, física, psicológica, que funda impérios (o Romano, a Inquisição), territórios, nações. Não admira que o Vaticano seja o mais pequeno estado do Mundo; o seu reino não é deste mundo...

CONCLUSÃO

Há muito que defendo que a Bíblia é como o homem pensa. É o reflexo de um estado de alta da humanidade, mas também de uma revelação que se perpetua todos os dias na vida de quem acreditar, é um manual de como fazer sentido. Ao lado disso, sempre defendi que os computadores refletem uma forma de pensar, o binarismo e étcétera, outras formas de equacionar a realidade, ou seja, estejamos ou não em risco de ser robôs, o mito do homem eficiente também tem que ver com o cristão, que procura melhorar a sua vida do ponto de vista espiritual pela oração e leitura e reflexão das sagradas escrituras. Na Bíblia há batalhas, traições, mortes, de tudo um pouco e até erotismo, no Cântico dos Cânticos. A humanidade não caminha de modo progressivo e se o faz, poderá alguém argumentar, irá embater contra uma grande parede, uma muralha, que a fará, mais tarde ou mais cedo, fazer regressar a um estado de pureza que o virtual feriu e que nós estamos tentando, de uma maneira ou de outra, consertar, nem que seja pelos mais pequenos, para terem um futuro melhor, pelo menos melhor do que o nosso. Assim, é possível uma teoria social cristã, não falta histórias, estórias, narrativas, argumentos e argumentações, a Bíblia está plana disso, mas serão os cristãos fundamentalistas ao ponto de apenas olhar para o Livro e não fazer comentários? Não creio, o homem cristão tem um sentido crítico e uma vontade de ética apurados. Ora, é fácil concluirmos, se Cristo foi, de algum modo, filósofo, não creio que não possa ser também considerado como cientista social. Na sua história de vida há de tudo e ainda mais e sobretudo o poder mágico de convencer, de suggestionar, de criar ilusão, como dizem os espanhóis, porque, afinal, a Igreja tem a sua história

feita por homens, imperfeitos como todos os que não são cristão e de mortes, com certeza, talvez porque uma instituição tem de se adaptar à voragem dos tempos, do tempo, tem de se adaptar e não pode ficar atreita ao poder, tem de saber relacionar os homens entre si e com Deus, como ela bem propõe. Portanto, o corpo de Cristo é o meu corpo, é o corpo da Igreja da qual faço parte, é o corpo da mulher que amo, é o corpo que está no sacrário para que eu o possa contemplar em toda a sua beleza e significação, como se de um belo rosto de mulher se se tratasse, no metro ou num quadro de Vermeer...

O TEMPO TELEPORTADO:
IDENTIDADE VIRTUAL, FICCIONAL E REAL

Argumento

A falência do real ou a sua substituição pelo Tempo? O que é mais importante, é o Homem ou o Tempo? O homem não se pode domesticar a Si-Mesmo enquanto usufrutuário do Tempo?

Desenvolvimento

1. O TEMPO APRISIONADO

A exatidão impede o desenvolvimento do génio. O génio tem mais que ver com um impulso de vida do que uma tensão mortal. Lembremos a cena célebre do filme A Mosca, em que o protagonista é teleportado para uma cápsula juntamente com uma mosca, que inadvertidamente entre dentro da cápsula-mãe. Ele acaba por participar das qualidades intrínsecas da mosca face à natureza e torna-se ele mesmo numa mosca gigante. Ora, quando o corpo é teleportado, também a substância sai do seu lugar e como que subverte uma ordem mais ou menos aristotélica...Mas bem, o que faz o tempo, uma das suas qualidades, é o devir, o facto de não ser algo de imutável e que participa justamente das qualidades da mudança, do ***Estar-aquí***, num momento, num tempo, e o estar ali, acolá, como se diz hoje *lá está...*

A portada do Tempo é, então, a porta do Éden, da felicidade e há que fazer uma boa gestão do tempo, na casa, domesticando o Tempo, como na Medina muçulmana, como vou demonstrar a seguir. Porque também há quem não se preocupe com essas dimensões, uns vivem no interior do tempo, outro fora dele, talvez num outro tempo e como se pode avaliar o que é do Tempo e o que não o é? É o Direito que vai dizer isso, a biologia, a psiquiatria?

Tudo está patente, entre o real e o virtual, o tempo recuperado (Savater) é o tempo aprisionado, amassado, como quem faz uma bôla de pão...

Depois, a psicologia do vencedor, a psicologia da verdade; desejas ardentemente, desalmadamente, a vitória, mas quando a alcanças, preferes não erguer o troféu, porque tens pena do adversário ter perdido a teu favor, por isso eriges-te e ti mesmo enquanto filósofo, leitor dos tempos, do tempo enclausurado em favor da eterna juventude de ti mesmo e do Outro, enquanto o Deus é velho, tu permaneces jovem porque de certa maneira te sabes abstrair, sem que no entanto percas a vontade de vencer, nem que seja pela vingança doce de provares que és melhor do que os outros, de que és os melhor na tua área, obviamente, porque nem toda a gente sabe assim tão bem conciliar teoria com prática, aliás, a maior parte dos nossos filósofos está e vive numa espécie de limbo, de zimbros, como aliás a grande parte dos sociólogos e antropólogos, nunca tiveram uma quebra, nunca correram um risco, nunca caíram nem foram derrotados, são os maiores e tudo e à luz de todos, vão à TV, vão a todo o lado, resta saber se irão ao céu...

“Não congelarás o Tempo”, dizia um texto de Iturra que tenho algures no meu baú de preciosidades. Que quer isto dizer? Que vai vale ir, ser conduzido, pela lógica do senso-comum e não teorizar? Dizia Drummond de Andrade, “a ode cristalina é a que se faz sem poeta”...

2. O TEMPO DOMESTICADO

Assim, de uma maneira ou de outra, o homem considera o processo do tempo calcinado ao tempo caucionado, ou seja, é aprisionado, congelado e depois libertado, sob a condição da regra social, mais amplamente do contrato social, o que levanta desde já uma série de questões éticas e ontológicas, a saber a consideração do homem enquanto ser social, que tem de se adequar ao seu tempo, ou seja, o cientista social é um homem do seu tempo, um homem do meio, enquanto o filósofo vive alojado noutras instâncias e esferas do Ser (em relação íntima com o Tempo), projetado, dissimulado e arrebatado pelo Tempo e sua ação. Porque o Tempo é invisível, ou nem sequer *É*, apenas vemos, na aceção de Baudrillard, um tempo enquanto simulacro, pois relacionado com o objeto corpo e, na sua contemplação, com o sujeito-espírito. Paulo Valverde, nas suas aulas de Antropologia da Performance, falava muito neste conceito, pivotal, charneira, fundamental para a sua argumentação antropológica, ou seja, a domesticação do Tempo, expressão desde já profundamente antropológica mas não exclusiva de que se debruça sobre o fenómeno do humano, da casa, da habituação (do tempo), da habituação à casa, estar na caixa e ao mesmo fora dela por via de mecanismos complexos de ligação telemática ao real, o exterior. Assim, encaminhamo-nos para a consideração do tempo esticado e plasmado numa tela, num ecrã, como na pintura e no cinema. *É* o território da arte, do Tempo congelado, fixado através da contaminação da contemplação, que faz com que vivamos mais e mais esteticamente, fartos do afã do homem prático e praxísticos e apenas quer mais e mais encher

chouriços.

Assim, a filosofia é terra de risco, de insegurança, mas também de segredo, o segredo de que falava Derrida e, por sua via, Fernanda Bernardo, ou seja, enquanto a antropologia favorece a certeza (sobre o homem), o terreno da filosofia é, pelo menos a meu ver, um terreno de risco, por isso falo que a metodologia da filosofia deveria ser o trabalho de campo etnográfico, ouvir o que diz o Outro, o seu discurso e considerações várias sobre a sua relação com o Outro e o Mundo (*Timeu*). Portanto, o Tempo é um animal de que deve ser domesticado, domado, como uma fera, pois entre real e virtual, ele está desvirtuado, porque se perdeu a raiz aristotélica do modo como lidamos com ele e, em certa medida, o Tempo aproxima-se da noção de Deus, com quem brincamos no quotidiano pois a maior parte das vezes está alheio aos nossos esforços de sobrevivência, à nossa necessidade e presença até de acreditar n'Ele...

3. SOLTURA DO TEMPO

Por outro lado, temos o tempo armadilhado, por isso, de tanta pressão face à coesão social, em que muitos abdicam dos seus direitos mais fundamentais em favor do bem como (como em democracia, por exemplo, veja-se a obra de Michel Foucault “É Preciso defender a sociedade”), pelo que neste capítulo, a psiquiatria vai pelas forças de conservação, sendo impossível qualquer projeto de arte quando não está ligada a uma certa rebeldia e até marginalidade, a que esta é avessa, pois tem, em geral, uma perspectiva integradora, por vezes mais até do que a própria Igreja... De tão pressionado e comprimido o tempo, que se solta e entra em desvario, embatendo contra os corpos que se debatem em vagões de comboio, em

carruagens de metro ou mesmo autocarros pelas ruas enviesadas da cidade das sete colinas.

Assim, a angústia apodera-se do filósofo que solta o tempo, porque se sente órfão e carente de qualquer coisa que ele não sabe o que é, mas desconfia que é tanto afeto quanto reconhecimento dos seus pares. Enquanto uns vão navegando nesse mais de tempo mais ou menos anódino, abastados, afastados de uma ideia de gratuidade do pensamento, coniventes, corrompidos, permissivos, insensíveis a um certo tipo de sofrimento, mormente psíquico, outro preocupam-se realmente e acabam por ser estes que mais em paz consigo mesmos e com os outros estão, porque para teres paz tens de ceder um bocadinho, não muito, para que tenhas paz para fazer a tua tarefa, a tua oração...

Mais uma e outra vezes, aprisionas o tempo, comprime-lo, para o domesticar, quando a sua ação só entra a teu favor quando o soltas, quando existes para além do mexerico, numa vida plena e plana, ignota dos sentimentos e acidentes que a tua própria biografia ilustra.

Deste modo, estás numa existência vã, no vão da existência e aí perduras porque preferes a nuvem do não-saber à pornográfica democracia do saber que explica tudo mas que na verdade nada vale, para ti e para os teus.

4. O TEMPO ESTICADO

O tempo esticado é o do cinema, ou seja, da tela que pode ser transmitida ao outro, em que o transmissor é o autor. Nada de muito importante há nisto, aliás, a psiquiatria defende a arte mas não é uma saber, é um saber do confortável, da conformidade com a ordem social. O mesmo para a antropologia, a sociologia, a filosofia. Não passam disso, a repetirem-se a si mesmas, a venerar-se a si mesmas, ou seja, um verbo de encher como dizia a minha mãe. E encher o quê? Chouriços, Senhor...

O tempo é, assim, na tela, esticado e pouco tem isso que ver com eterna juventude ou imortalidade, tal coisa não existe, ou seja, alguém que é lembrado, por uma secção da população, acaba esquecido quando lhe dá jeito, ou seja, quando perder o valor, os valores. Então, o homem esquecido resolve-se estivar o tempo, depois de domado, de aprisionado e de solto para a realidade social da vida de todos os dias, resolve não se importar, porque o mundo está mais cheio de pessoas que se importam do que de pessoas que não se importam e a preocupação é mais maligna do que o desvelo, porque incluir um tentame de modificar o Ouro, o Mundo e ele mesmo, além e para além do dado, fazendo do adquirido uma forma de vida, devida.

Porque o homem do século, secular, pensa domar o tempo, quando o homem do sagrado, o *homo sacer*, conhece uma via para a felicidade, para outra via, delega no Deus a forma como estica o tempo para, no mínimo, sentir a felicidade de pertencer, de fazer parte...

Isto no âmbito de um mundo binário, porque há outras opções de vida, outras formas da realidade, além do direito, obviamente com uma antropologia ampla, que não seja apenas social, mas também cristã, solidária, aberta ao Outro e mesmo a filosofia tem muito que aprender com aquela,

pois o seu discurso, demasiado racionalista, acabar por cansar a mente do analista, do pensador, porque a sua atitude é forçada e forçosamente dispensável, porque o homem de hoje que divertimento, escape a tarefas sociais que por vezes são tão ridículas que acabam por escapar à ação de uma qualquer fada da felicidade, ou seja, o homem de hoje é bom a encher chouriços, nesta sociedade pós-industrial, quer o seu carro, o seu emprego, a sua mulher, mulheres, pois a sociedade está feita para ele assim dessa maneira, para encher chouriços...o pior é quando o filósofo partilha desses mesmos ideais...

Sendo que, obviamente, ao nível da Igreja, quanto mais se faz pior é, quanto mais genial tu és, mais marginalizado acabas por ser, quer seja por seres um Nerd, quer seja por já não teres o corpo perfeito. Com as mulheres, elas gostam de tipos tôlos, sem grandes pruridos intelectuais. Isto pode parecer óbvio, pouco filosófico, mas espelha a realidade em que vivemos. Basta estar dois minutos fazendo zapping à televisão...

De uma maneira ou de outra, acabas por ser marcado e o muito êxito que tens só discrimina, só te discrimina e em Portugal, infelizmente, o talento nem sempre é recompensado, tens de andar anos e anos trabalhando fora do sistema para conseguires implantar o teu sistema.

5. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Procuramos recuperar o tempo perdido ou a infância (Savater), olhando mais ao conteúdo do que à forma, porque a forma escraviza e se perde tempo, vai-se perdendo o tempo e a oportunidade de viver num regime do “não quero saber”, como diz o meu sobrinho a propósito de muita coisa. Porque foste cumprindo e sendo alinhado e acabaste um revolucionário teórico, foste calmo enquanto jovem, demasiado calmo, na tua conchinha e agora queres-te divertir, soltar o tempo ao vento, não que busques qualquer “aplacamento” de algo que nunca foi, que não aconteceu, mas porque tens necessidade de te sentires bem contigo mesmo, entre filosofia e ciência social, entre poesia e literatura no estilo narrativa...Assim, mesmo assim, assumes que queres, mais do que partir em busca do tempo perdido, viver um tempo do que se faz aqui e agora, em função de um tempo reencontrado...

Assim, enquanto alguns intelectuais portugueses se vangloriam a si mesmos por ter chegado a algum lugar, eu desloco-me à Igreja quando não está lá ninguém, quando não há celebrações, para agradecer ao meu Deus a inspiração que me dá para fazer filosofia, antropologia, literatura. E isto é também uma forma de viver o tempo, de surfar no tempo, desportivamente, sem grandes complexos ou estranhas probabilísticas possibilidades, porque é bastante simples quando acreditas e perceber que é apenas um torrão de terra neste universo, uma partícula de areia na praia onde Ele caminha a teu lado. Sim, converti-me de novo, mas ainda assim, vou acreditando aos poucos e mais e mais, à medida que mais acredito nas minhas relativas possibilidades do sentir, o transcendente e o imanente, pois que nenhum sobrevive sem o Outro. É este tempo perdido que procuro recuperar o tempo em que sublimei o desejo indo para o seminário, os bons momentos que por

lá passei, não sem maus, obviamente, o tempo que esperei para ter a minha primeira aventura sexual, no final do tempo de faculdade, num ambiente tanto elitista quanto inóspito, quando eu vinha, de um modo experimental, para perceber a sociedade que, afinal, não existe.

6. O TEMPO REENCONTRADO

Porque a realidade tem uma regra essencial: se a desafias demasiado, ela acaba por se virar contra ti e por mais mérito académico que tenha, invocando a tua teoria ou as teorias dos outros, ela acaba por se virar contra ti. Portanto, eis aqui o pleno sentido da nuvem do não-saber, que alguns cultivam e assim conhecem um sentimento de uma felicidade inaudita, não alcançável a quem tem demasiados bens, porque, afinal, passa o tempo todo ocupado em os manter ou ampliar e não se preocupa com o fundamental, que é o Ser. Para além do Pertencer, claro está. Também o Tempo tem que ver com isto e não é só devido ao aspeto moral, como mostrou Santo Agostinho, mas devido também ao aspeto cósmico, cosmológico, da inserção do nosso Ser num âmbito mais vasto do que a mera sociedade, o grupo ou até a família, podemos arriscar a dizer.

Podias, obviamente, ter feito trabalho de campo nas mais diversas latitudes, perceber de geografia e de demografia, ir à TV como especialista, mas..deixas-te andar, entre a tua aldeia e a tua cidade, que é cada vez mais a tua aldeia, só que de um modo impessoal, porque estás singrando e muita inveja se levanta, talvez faças mais do que muito doutores, professores doutores ou engenheiros, arquitetos, advogados e sem grande afago de mulher continuas fazendo teoria, tentando viver de memórias de infância e

adolescência que disparam na tua menta como balas, não só em casa como também na rua, em qualquer lugar, palavras que estão tatuadas no teu corpo e que não são tatuagens, tatuadas na tua alma, porque as palavras não te deixam, não te abandonam, porque vais fazendo sentido filosófico de tudo isso, porque sabes que, de certo modo, foste um pioneiro, começaste muita coisa e pagaste, vais pagando, caro, o preço de ter sido e de Ser diferente, ainda que Sendo, ainda que Pertencendo, a ti mesmo e a alguns dos Outros, como ao Cristo...

E neste enlevo científico te conduzes, ao mesmo tempo que és conduzido, por Ele e pelos demais, e tens o que escolheste afinal, portanto foste livre nas tuas escolhas e isso é uma forma de te reconciliares com o teu passado e encarares o devir, o futuro do Tempo que vem aí, daí, em diante, com orgulho e cabeça levantada.

Por isso, também aprendes a respeitar, o teu corpo, o teu espírito e embora estejas profundamente cansado pela falta de resultados, persistes, continuas, não sabendo o que para aí vem, o que se passará depois de deixares de estar aqui e esqueces aquele ensaio sobre Nietzsche pois já estás bastante baralhado e o teu forte não é Nietzsche, pois nem sequer tens formação inicial em Filosofia. A vida do tempo faz-se disso, de opções, de um vagão (vagar) chamado Carruagem 19, onde circula o *Passageiro 19*...

Pela minha experiência enquanto antropólogo, de trabalho de terreno em diversos locais no território português, percebi que há mais quem destrua do que quem construa, tal como meu velhote construiu casas e casas na aldeia e fora dela, até. Esse é o mal do mundo de hoje, entre real e virtual, as pessoas estão com a mente descontextualizada e, pasme-se, a grande parte delas sente-se desconfortável, porque falta fé, despeito, respeito, para as coisas que são fundamentais. Foi assim que a América se tornou num país estranho,

inconcebível, semiologicamente elementar, porque animal, atreito ao instinto e à cobiça, serão estas considerações demasiado filosóficas para um antropólogo, habituado a ser permissivo, mas que o é até um certo ponto e numa certa medida, porque tem uma ética, um estatuto, o desígnio, se quiseres, diferente do de outras profissões, mais práticas, mais imediatistas...

CONCLUSÃO

Vivemos na era do plástico, os mares então cheios de plástico, o dinheiro é de plástico, a comida é de plástico. O homem manietou a natureza mas não consegue iludir o tempo (que passa) e por mais que o queira fazer, apenas o consegue amassar, como ao pão num forno a lenha. Sim, é isso: agora já não há fornos a lenha, tudo é rápido e o tempo, mesmo cosmo-logicamente, esgotou-se, vivemos sobre a pressa da urgência. Os tempos são outros dizem, não há (mais) tempo, para nada e para coisa nenhuma...

Então, o que é o Tempo senão um fenómeno tanto físico quanto espiritual? Nas farmácias não se vende Tempo em Garrafa, mas há já cápsulas do tempo e a literatura está cheia de exemplo de como o homem tentou iludir o que é tanto uma ficção quanto uma certeza, sim, o tempo que tudo faz e desfaz e no fundo não vale nada, como diz a canção...

Assim, faço referência a um escrito de minha autoria, “A Função Social do Filósofo”, que não pretende catalogar o filósofo mas, de um modo positivo e otimista, perceber que há um campo aberto e largo de compreensão e de atuação do filósofo na vida das cidades e, porque não, das aldeias, aliás, cada vez mais, ao lado do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do geógrafo, do arqueólogo, do sociólogo, pois tudo se resume, afinal, à aceção de que tudo se reduz ao social, ou seja, ao que é partilhado, na esfera pública como

na doméstica e, em certa medida, finalizando, o tempo é, não apenas como o próprio homem, mas também ele social, ou seja, é um fenômeno que escapa, por entre os dedos como areia ou terra arável, é qualquer coisa que envolve, que evolui, que está tanto além quando aquém, que tanto precede quanto é consequência, estando além até da própria vida individual e da social, que nós não conseguimos ainda antever enquanto espécie que já começa a estar em perigo...

Pulsão de vida e pulsão de morte convivem num espaço diminuto, positivo e negativo, um e zero, analógico e digital, amigo e inimigo e por aí além, sístole e diástole, dar e receber, cima e baixo, direita e esquerda, fora e dentro, é isso que a antropologia estuda, a relação do homem com a natureza e os deuses, mas a filosofia e a sociologia também, a relação entre os seres numa determinada esfera do tempo, o tempo que se escapa e que no final é tão fatal e cruel quanto o destino, ou seja, confunde-se, a alguns olhos, com o próprio Deus...

O tempo é, assim, juntamente com o espaço, uma categoria essencial para compreender o homem, o ator social enquanto designio e desenho de mistério, na sua relação com Deus e com os outros seres e, num sentido artístico, o tempo é o que fazemos com ele no confinamento ou abertura da nossa existência, o tempo é, por isso, mais abertura do que confinamento, porque confinado, o homem que concebe o tempo acaba por fenecer e com ele a sua visão do tempo, sendo que, absolutamente dizendo, o tempo é o próprio Homem projetado no infinito, na sua contingência, naquilo que tem de mais absoluto e escatológico na sua tendência para novas possibilidades de sentir e existir.

O Esquecimento de Nietzsche:

entre o Nada e um objeto virtual

Argument:

I discuss here the “end of Nothingness” and the return of God as a solution for intimacy and body politic issues. The body is more and more political, biopolitical, not so anatomical, and the body of God is our body, in some sense.

1.

Nietzsche não conseguiu matar a divindade porque a Divindade nunca teve planos para matar o homem, só que ele se rebelou, tentando tornar-se Deus, muito numa índole lévi-straussiana para ficar com as mulheres-mercadoria e acabou refém do seu próprio poder temporal. Consequência? Não são os deuses que estão loucos, mas o homem e a mulher também. O poder medieval, da Igreja e dos Nobres, dos Reis e Conquistadores, que se encontravam cristalizado nas instituições e nas pessoas, por via delas, acabou por se espalhar recentemente com o advento da realidade virtual. Assim, também a noção heideggeriana de objeto fica em causa, porque a realidade passa a ser objetal e qualquer filosofia só é possível através da religião, só que esta não se apercebe do Deus que tem em mãos, que é Outro. Enquanto a fé da Europa é cega, a da América é sinuosa e isso tem que vem com realidades sociais bem diferentes, espelhadas na cinematografia. O sobrenatural é, então, qualquer coisa saído do corpo de Deus e porque não

do corpo do homem, continuamente, através dos dias? A noção de Deus acaba por desaparecer devido ao objeto virtual, que para a mente se torna real e se esse fenómeno é da ordem da volição, Deus torna a aparecer nos termos de um freudismo que tem a ver com a resolução do desejo, numa ética capitalista que remete para o corpo o beneplácito de uma certa paz perpétua. o mundo do banal, do quotidiano é o verdadeiro mundo, um mundo desconcertado pela violência dos gangs e dos **guettos**, pela indiferença dos intelectuais e inexatidão e sensacionalismo da TV, mas o objeto virtual passa por isso, pelas vezes da realidade e influencia sobretudo as mentes das pessoas, entre a ortodoxia e o laxismo, entre o dever e o ser, quase plástico, tendo sob fundo a grande interrogação de “como deve a vida ser vivida”, mais do que o medo da morte, pois como diz o povo, ele é mais do que certa, provavelmente a coisa mais certa nesta vida e aquilo que a todos nos une.

Curiosamente, quando há um intermediário como um antropólogo entre as populações, as coisas ficam mais pacíficas, as pessoas revelam os seus verdadeiros medo e anseios, os ciganos ficam mais calmos e atentos, os africanos ficam mais interessados e mostram o seu verdadeiro valor numa sociedade de “brancos costumes”. Assim, a mulher reconhece cada vez mais valor ao seu corpo, mas sobretudo à sua mente, à sua livre-iniciativa, com os conhecidos desequilíbrios nos EUA, juntamente com a violência. Os povos do norte da Europa vêm em Portugal e Espanha um cenário idílico para recuperar das suas stressadas vidas de brancos, cheios de estratégias para sobreviver e defender a sua cultura e modo de vida, de um modo como nós por cá não fazemos tão bem, muito menos os americanos. Assim, o objecto

virtual é também ele volátil como o desejo, as uniões são cada vez mais públicas, enquanto outras permanecem secretas, demasiado secretas, porque a imprensa e os media não privilegia a formação, mas a informação, grande parte dos casos bastante danosa. Mas também nem todos querem aprender, formar-se, porque têm de vencer diariamente a frustração de se ser normal e a falta de excitação que, no fundo, todos buscam, em privado ou publicamente.

2.

O Nada, portanto, é um excesso do próprio Nada, como de todo o homem fosse criador de qualquer coisa, à semelhança do Deus que criou o Homem... Assim, não é o Homem que nada num mar de Nada, é o próprio Nada que, anulando-se a si mesmo, na mente do Homem se reconstrói para criar qualquer coisa como um artefacto da verdade, um utensílio da sua sobrevivência física, para que depois, de barriga cheia, possa fazer alguma filosofia, daí se entendendo a questão do segundo cérebro. Só que o homem, dada a sua infinitude e medo da morte, e necessidade de preservar o seu modo de vida, tem necessidade quase física, vital, de efabular, criar mitos, na verdade, esta pulsão atravessa todos os tempos e espaços da geografia dos sentimentos e da memória humana, é comum a todos os povos. Mas...será o Deus Cristão um Mito? Não foi precisamente isso que Nietzsche quis dizer?

3.

O mito do super-homem, o Nada nietzscheano, a tragédia, não foram uma forma de ele mesmo se perpetuar como autor e, de algum modo, representar um papel, central sem dúvida, na história do pensamento? Como a religião cristã, não foi tudo somente uma encenação? Onde está o conteúdo de tudo isso, da cerimónia, do crer, duvidar, deixar de crer e voltar a crer, não são estas as voltas do mito do eterno retorno? Por isso, os limites da expressão podem ser revistos, porque a expressão desproporcionada é maluquice para o outro. Ainda hoje Nietzsche é tido como louco, quando provavelmente ele tinha mais razão, se é caso disso, do que Hegel, São Tomás ou Marx. Porque o mecanismo humano de negar a razão a quem a tem, a quem não a tem, é primordial no registo das relações, ou seja, eu apoio-me no erro do outro para me afirmar, em vez de construir a minha própria argumentação. É com tristeza que vejo um Portugal maluco para umas coisas e pouco maluco para outras. Nas relações, a suspeita aumenta, as pessoas já não falam espontaneamente nos transportes, talvez porque não sejam verdadeiramente felizes. Nem procuram, estão com as pessoas erradas e são demasiado moralistas ou judiciosas. Talvez porque seja seguro e hipócrita ao mesmo tempo estar sentado vendo o mundo desenrolar-se diante de um ecrã. Perdeu-se a cultura do jogo, lia num jornal o que dizia um nosso pedagogo...

Como disse há poucos dias um conceituado comentador da nossa praça, “ao lado dos asiáticos, parecemos uns labregos”. Isto regista-se desde o futebol à política, estendendo-se para a gastronomia e, lamento dizê-lo, para a cultura. Os portugueses podem ter muitos defeitos, mas não noto nele o “medo de existir” de que falava há anos José Gil. Noto outras coisas, antigos defeitos de dizer mal de tudo e de todos quando se andou na guerra em

África e parece que o facto de não ter estudado habilita-a dizer mal de tudo, culpa dois académicos, enclausurados em suas capelinhas, com intervenções totalmente descontextualizadas nos media, que por sua vez, não promovem a educação das pessoas. Há uma cultura de rua, de praça pública, de desconfiança e vergonha, como já vira em tempos também para o sul de Espanha Lisón-Tolosana.

4.

Mas, se o homem se apoia no Nada para saltar para a sua ambição de status, poder, consignação, tortura, Nietzsche está, mais uma vez, actual, diria até, na berra. São as pulsões primordiais que emergem quer em guettos quer em zonas residenciais ricas, onde há boa educação, mas prolifera uma cultura da salvaguarda da privacidade e, logo, do crime. Crime, que é na maior parte dos casos, passional, económicos e Hollywood promoveu isso ao longo dos anos, o bom bandido, o golpe perfeito, fugir para o México ou para as Bahamas em vez de ser ou tentar ser um *working class hero*. Por isso se crê que os americanos, do sul e do norte, são mais emocionais e afetivos do que os europeus. E, na verdade, tudo tem que ver com o controlo do capital e o holocausto tem tudo que ver com isso, mais do que uma radicada “banalidade do mal”.

5.

Mas foi o homem europeu que promoveu essa imagem, o português desenrascado, o espanhol com salero, o italiano, que provém já do império romano, antes do grego. Não faço nenhum juízo de moral sobre isso. Foram tempos. Por exemplo, o salto dos emigrantes para França e Alemanha, nos anos sessenta, muitos deles para fugir às guerras de África. Tudo isso, e a formação da América, tem que ver com ideais, liberdade e livre-iniciativa. Mas...não foram estas sociedades construídas sobre a violência e a escravatura, nomeadamente dos negros e ameríndios? Antes, já a Europa havia sido palco de intestinas lutas tribais entre nações, grupos, mais ou menos militares, mais ou menos religiosos. Mas, qual a motivação de tudo isto? A necessidade? Leis evolucionistas? Uma qualquer forma de destino, de eugenismo? Não há, no inconsciente coletivo, desde o desporto ao cinema, uma reiteração da imagem do Super Homem anunciado por Nietzsche? Então, porquê Deus? E qual o Seu papel? Terapêutico? Na verdade, Deus chega onde ninguém mais chega, por mais que a Igreja parece retrógrada em algumas questões. E a ciência vai chegando, vai tentando..._Quando os dois se juntam, a mistura é apocaliticamente explosiva, surpreendente, cosmicamente inaudita...

6.

Talvez uma solução antropológica para o problema filosófico da violência, seja a sua contextualização, como o boxe, por exemplo, o MMA. As sociedades aprenderam a lidar com a violência de uma certa forma tradicional, através de normas e de ritos. Hoje, por qualquer coisa, chamamos a polícia, talvez por medo do Outro, por ódio puro do Outro ou porque não temos mão em certas situações. Como disse há pouco na TV um psicólogo da nossa praça, a propósito da pulseira eletrônica no âmbito da violência doméstica, os profissionais da justiça não têm formação em psicologia e ciências humanas. Embora venham das humanidades. Mais, os antropólogos e sociólogos não têm formação em psicologia...pelo menos entre nós.

7.

Então a que corresponde exatamente esse objeto virtual, se o virtual é tudo menos objeto? Esquecemos que é ideia, sim, ideia e simulacro, ou seja, potência de ação, logo de volição e instinto, competição, desejo de status e posse do corpo do outro. Vejamos a este propósito os abusos no seio da Igreja Católica. Esta Igreja, no seio da qual grande parte de nós fomos criados, mantém uma ideia de transcendência que, na verdade, ajuda a resolver muitos problemas concretos. Mas, é com a reprodução e a incessante que a Igreja tem um problema, ou seja, está em conflito aberto com a psicologia das coisas afectivas e a psicanálise do sentido do sujeito no tempo. Diria, até, que o seu discurso para o povo é recorrente, fechado, eivado de chavões. Mas o da psicologia também o é, sendo tudo menos

evolutivo, progressivo. A resposta está, algures, na filosofia, mais numa filosofia moral, numa metafísica. Só que o homem de negócios não quer saber disso, muito menos o governante... dada uma certa ideia de progresso que está colidindo com as alterações climáticas... Na verdade, a antropologia explicou muito bem a relação entre sagrado e profano, como a história também o fez, mesmo em termos morais. Só que há fenómenos sociais que persistem, incluindo a libido do cientista...

8.

Mas, podemos transpor o carácter dos povos para o dos indivíduos? Margaret Mead, há longo tempo, ensaiou isso, ao falar de povos apolíneos e dionisíacos, e tudo isso vinha de Nietzsche. Porque há, efetivamente, uma ligação entre social e individual. A psiquiatria social põe acento nisso e tirar o peso dos ombros do sujeito, em vez de aumentar a culpa, muito judaico-cristão, acaba por diluí-la no seio da sociedade. Mas, Foucault diz que é preciso defender a sociedade. Então, o que mais importa no devir social, mesmo em termos de mudança (social), é o sujeito ou o grupo? Assim também, à medida que reitera uma masculinidade dominante, a sociedade alerta para as minorias em termos de orientação sexual. Mesmo no aspeto cultural é assim, reitera-se o poder que pertence aos brancos enquanto se dá uma migalha às minorias desde que elas adotem o nosso estilo de vida, porque não podem ser eles mesmos. Isso é dominação cultural, que dura há séculos e não vai acabar tão cedo. Podemos muito bem perguntarmo-nos tal como a propósito da violência, poderá o homem viver sem poder, o mesmo é dizer sem violência? Ou, por outra via, o poder é inerente à vida em

sociedade? E o que é, afinal, o poder? O que é a sociedade senão um simulacro onírico, uma convenção de que a alma humana se serve para sonhar e, logo, sobreviver.

9.

Ou seja, tudo se resume a um simples determinismo da atitude dual ação-reação. Não estamos mais animais do que os simples animais? Para quê tanta euforia, celebração, sendo que o nada está à nossa frente, ameaçador? Não serve somente a psicologia para explicar a violência, mesmo a das massas. É preciso ir à raiz do problema, perceber que, se o homem é eminentemente social, produto e produtor de cultura, é também um animal violento. E tudo se resume à posse das mulheres, para impressionar as mulheres? Temos entre nós um padrão de comportamento, o homem para ser considerado macho tem de ter um certo e determinado perfil, não pode chorar, ter dúvidas e hesitações. E tudo gira à volta de uma simbólica do sexual...

10.

A interrogação persiste: como, num mundo hostil ao sujeito, fazer amigos, amizade, construir pontes? Um homem não é uma ilha, mas o homem em grupo faz qualquer coisa para manter a afinidade a esse grupo, no fundo defende o seu modo de vida. Há sempre quem te queira controlar, a ti e ao teu pensamento, ao teu comportamento e a liberdade é, antes de mais liberdade de pensar, ousar uma fenomenologia da interrogação, porque a

maioria está agarrada às suas certezas e não quer abdicar delas, sejam religiosas, políticas ou sexuais. Porque toda a gente gosta de estar na zona de conforto e não quer abdicar dela por tuta e meia, a não ser que isso lhe traga evidentes benefícios, ou seja, fundar uma outra zona de conforto, mais além na geografia. A filosofia tem esse poder, o poder de pensar livremente, ainda que agarrado ao corpo e se há quem te admire, também há quem te odeie, porque estamos na civilização do acto, do fazer, da demonstração da prova. Porque há o mito de que o filósofo sabe tudo, de resto, o mesmo funciona para as ciências sociais em geral e os antropólogos em particular, ainda que a maior parte dos sociólogos esteja, pelo menos em Portugal, conivente com o poder, pelo menos não intervém porque simplesmente as pessoas das tvs ora são mediócras ou têm pouca formação em humanidades e ciências sociais. Há muitas pessoas que são tão estúpidas que não querem que as ensinem a pescar, querem antes o peixe e nada tem que ver com a escolaridade ou a frequência de certos ambientes culturais ou intelectuais. Mais, muita gente não quer ser ajudada, quer simplesmente morrer ou desaparecer e isso nada tem que ver com a honra, mas com a formação da pessoa, muito mais do que com os genes.

11.

Grande parte das pessoas está mais preocupada com intrigas e pormenores da vida uns e de outros, num regime de corpos misturados que Dante bem ilustrou na Divina Comédia. Muitos, no estertor do seu entusiasmo, busca excitação e adrenalina e todo o preço, custe o que custar, só para se sentirem vivos, andam às cavalitas uns dos outros, alabarados,

sôfregos por conquistar o seu lugar ao sol, numa luta de status a que me referi num dos meus escritos. Mas bom, o filósofo vê isso como uma manifestação da natureza e sua alma sorri por dentro. É aí que passa a bola ao sacerdote, porque muitas pessoas precisam de ser iluminadas, acreditar em algo, nelas mesmas e o segredo está sempre no Outro...

12.

Esse objeto virtual é o homem projetado diante de si, para o exterior do de si, do seu desejo e capacidade volitiva para transformar o mundo, num sentido meramente marxista. É a “coisa” heideggeriana, no amestramento da realidade que é o sujeito e que conhece reiteração na remissão à existência, a si mesmo, à biografia, como se se tratasse de um malabarismo circense. O antropólogo sente isto particularmente e em geral o cientista social, ou seja, ele é o objeto, antes do Outro, porque o mundo se reflete nele mesmo enquanto observador-participante. E quando temos alguma psicologia, eis a capacidade de influenciar os outros, nomeadamente os mais novos, em termos de caminho, se quisermos, numa linguagem pedagógica, em termos de orientação vocacional. Sim, o antropólogo e o filósofo, tornam-se médiuns, a dor diz-lhes respeito, o seu corpo é corpo de delito, social, faz parte do corpo social como o de toda a gente. O filósofo não pode retorquir a uma crítica por ser funcionário da humanidade? Pode e deve, mas isso desvia-o da sua pura tarefa de entender o homem, o homem da antropologia, ou seja, a origem, distribuição e explicação das minorias, de todo o género e aí então partir para a mudança do mundo. Ou simples observação. Para que alguém se dê conta de qualquer coisa, porque onde o

filósofo reflecte, a população festeja e ri-se, estando alheios, de certo modo, ao seu destino. A explicação da violência tem tudo a ver com isto, com o riso, o teatral da condição humana, objetal, projeto e objeto que se propala diante do sujeito. Assim, é grande o desafio para aquele que faz filosofia das relações sociais.

13.

Temos sorte em viver na sociedade em que vivemos e de usar e abusar de uma certa liberdade, de movimentos, de pensamento. Mas, por vezes, a democracia tem defeitos, sendo que se fala demais e se faz de menos. Os países europeus, na sua maioria, conheceram grande ditaduras. É preciso entender a história, reescrever a história, sendo que a Europa é o lugar mundial privilegiado do diálogo. Quando o homem tem medo, reage violentamente, portanto é preciso acabar com o medo na história, na dos três tempos, passado, presente e futuro. Para construir um mundo melhor, obviamente e nisso as ciências sociais e a filosofia podem ajudar. Porque pensar o mundo e o homem é já transformá-lo, como se cada homem fosse um filósofo e tivesse dois cérebros, aquele que pensa e aquele que vai e se prolonga no domínio da ação.

14.

O Nada, a tragédia, o SuperHomem, eis os conceitos adiantados por Nietzsche, o homem do Vitruvius que se crê dono do seu destino, além do efeito transcendental da religião que, no entanto, pelo menos em potência,

tudo liga... Portanto, o homem liga horizontalmente, e Deus verticalmente, logo, decretamos o fim do nada nietzscheano e inauguramos um reino misto, composto de conceito e palavras bem novos, resultado de uma maior e mais distanciada compreensão da história, em termos sociais e antropológicos, na relação e dimensão espácio-temporal em que os grupos e o indivíduo são analisados.

Depois, uma nova noção a juntar à de “vão”, a noção de **vinco**, o seja, uma marca, uma tatuagem, na roupa e na pele, tentando vencer o mundo que é adverso, sobretudo nas grandes cidades. E temos a solução para um outro dilema, ou seja, aquele que nos interrogava onde se vive melhor, se no campo se na cidade, ou seja, a cidade é campo para sociabilidades mínimas, e o mundo de hoje está todo resumido a isso, poucas relações ou, no extremo, a orgia das experiências eróticas virtuais. O grande refúgio para o sujeito atormentado pela vida moderna, passageiro num canto de uma carruagem de metro ao final da tarde, é a religião. Mas esta lida mal com o corpo, a volição, atribuindo-lhe culpa, ao sujeito que apenas quer desejar e realizar o seu desejo. Depois, há um erotismo educado, polido, meigo, remanescente do romantismo de uma música de Schubert, de uns escritos de Montesquieu. No campo, melhor, na aldeia, as relações são mais genuínas, diz-se, mas a intriga persiste, talvez mais cruel do que o atento esquecimento da vida na cidade. Assim sendo, nos dois lugares pode-se viver bem, ou mal, conforme os casos, por isso certos sujeitos, almas pensantes e até penantes, penitentes, mentes circunstanciais, andam em trânsito, dentro dos seus veículos privados ou nos autocarros em plena luz luminosa do sol...

15.

Se falamos em fim do Nada, é porque o homem moderno está saturado de referências, há indivíduos que têm a cabeça cheia de fórmulas, equações, conceitos e preceitos e que não são felizes. Outros que o são, na verdade a psicologia procura há longas décadas uma definição de felicidade e eu diria que ela tem que vez não somente com a paz de espírito mas com a qualidade de vida, assim como a Geografia Humana a procura explicar. Há uma tendência para copiar modelos de desenvolvimento, social e pessoal de um país para outro, em vez de dar e conferir riqueza endógena a uma riqueza que já existe, já é endógena e o caso de África neste aspeto é bastante exemplificativo, sobretudo em termos antropológicos.

16.

Diz-se do filósofo que “não faz nada” O mesmo se diz do antropólogo, que mormente não intervém na realidade em cima do joelho, como fazem a maior parte dos político e derivados. Não que a atividade política não seja meritória e aqui ergue-se mais uma vez uma proposta, que é haver interdisciplinariedade. Mas vamos ver outro caso: os psiquiatras não estudavam antropologia, ou sociologia, também porque estas disciplinas estão mal representadas no ensino médio. Por isso, a noção de **vinco** é esse incómodo social, essa dor por si-mesmo e pelo outro e tem muito de cristão nela, pelo menos como eu a entendo. Uma vez mais, nasce uma filosofia a martelo, com as risadas de mulheres ridículas, sem sentido algum, se bem que Bergson terá explicado isto em “O Riso”. Mas não lhe deu o toque cultura devido à questão, ou seja, o riso varia de cultura para cultura e nós

ainda estamos, mesmo depois das descobertas, bastante atreitos à nossa cultura, ao nosso Ocidente. Veja-se a este propósito alguns poemas de Cesário Verde e Antero de Quental.

17.

Uma outra noção que seria cara a Derrida é a noção que este trouxe da sua leitura do próprio Nietzsche, ou seja, a noção de decapante, de carraça arrancada ao pêlo e pele de um cão. Aqui se explica porque é que o homem mordeu o cão, ou seja, há uma noção de mundo às avessas, como fala Paulo Borges, impregnada no nosso inconsciente coletivo desde há milénios e as festas ajudam a amenizar isso, como mostrou Jean Duvignaud, sendo que também a violência pode ser amenizada, quanto mais não seja por palavras, como fazem os bons polícias, os bons professores, os bons psiquiatras.

18.

Poderá, assim, haver um misticismo sem religião? Um deus sem Deus? Um Homem sem o homem? Pode, incluindo as mulheres e aquilo que é considerado como *deviância* à equação da norma, que se reitera obsessivamente em diferentes sociedades.

19.

Lembremos a este propósito Onfray, Bataille (via Sade) e Safo, não esquecendo também o nosso Bocage, que muito tem de filosófico, o jogo que se desenrola em aceitação da evidência do pensamento projetado na mente e que opera por constantes envios e referenciação ao sujeito. Tiremos, portanto, a culpa do sujeito, ainda que ela a alguns faça bastante jeito material, para mostrar ao mundo ou simplesmente ao vizinho, que são melhores uns e outros são os piores. Devemos, então, permitir a infração da lei? A progressão do sujeito no âmbito do social também se faz pela transgressão, como a sexualidade. Mas...aí está o desafio, é nos estritos termos da lei que o sujeito é feliz, é feliz por cumprir a lei e ainda por cima ter azo para se divertir um pouco, um autêntico *working class hero*, como dizia a canção de Bob Dylan.

20.

Todo o homem diz Eu Sou, Eu Sou, nunca diz Eu não Sou, Eu não Sou, porque assim perde vantagem diante das mulheres, sendo que grande parte delas gostam de heróis, numa lógica bastante levi-straussiana, para não dizer maussiana. Porque o homem gosta de viver sob certezas. “É preciso defender a sociedade”- diz Foucault, o indivíduo pouco importa, daí a falência dos sistemas de saúde e até dos sistemas de pensamento, porque ambos se baseiam na heroicidade da coisa e nisto Nietzsche não tinha razão, ou seja, o homem não tem de ser SuperHomem, até porque tem um problema bastante importante e significativo para resolver, ou seja, a eternidade. É aí que se vira para Deus. E compreende...

21.

À noção de *vinco* corresponde um pensamento incómodo, desconcertante, que se monta e desmonta numa fração de segundos, entre um café e um cigarro. Porque o mundo é inseguro, logo volátil, por isso a tua felicidade é intermitente, dura pouco, porque afinal o objetivo do homem não é ser feliz (mas o que é isto?), mas reproduzir-se...

22.

Porque o corpo é biológico e a roupa cultural, ou seja, o desejo sexual tem mais que vez com um impulso para nos reproduzirmos e jogarmos com isso do que propriamente para satisfazer a sociedade, nos termos de um contrato social. Sexo e amor, sexo ou amor, eis o dilema, sendo que o amor e a falta dele deixam marcas, vincos e nos tornam instáveis, enquanto a roupagem da cultura, o amor romântico, tornam-nos bastante felizes, de certo modo mais próximos de Deus, podendo deixar marcas na nossa memória social e individual, ou seja, vincos, que conta a história de um risco, de uma roupa mal passada, veja-se o ensaio de Simmel sobre a moda. Porque quando isto tudo tiver passado já não estaremos aqui, mas noutra dimensão, no cosmos, no espaço sideral a que chamamos de céu ou Éden e pouco terá importado o que estamos fazendo, dada a nossa pequenez diante do universo. Por isso, vivamos o presente, marquemos qualquer coisa a giz no espaço e no tempo, pois só assim terá valido a pena. Para nós e para os outros.

Do Sublime:

Experiências liminais e post-mortem

Objeto do Texto

O que é, então, o sublime? O que é sublime, ele pode habitar este mundo? E se habita outro, poderá ser apenas uma plena replicação no terreno *terreno*. A arte contemporânea, por outro lado, reflete o quê? Como interpretá-la se na relação com o mundo ela se defende que representa, ou seja, é espelho, desse mesmo mundo? Por outro lado, a arte surge neste universo social globalizado, como uma panaceia, com o instinto de curar os males do mundo que, a meu ver, são essencialmente males do coração, como dizem muitos filósofos, ou seja, da relação das pessoas entre si e do universo amplo de realização do Homem enquanto ser (individual, em certo sentido) que pensa.

Desenvolvimento

A ciência social (dos humanos) parece fraquejar, por um lado, por outro abundam os técnicos da sociedade, sejam, antropólogos sociais, sociólogos, psicólogos sociais, assistentes sociais. Lewis Mumford analisou a relação entre arte e técnica e nesse sentido, a arte tem uma técnica e refiro-me em particular à pintura. Sem técnica, porém, um quadro pode ser sublime. A *Origem do Mundo* pode ser sublime enquanto é projecção à experiência do outro e enquanto, como aconteceu com Nietzsche, o filósofo não agrada de

todo aos seus contemporâneos, aqueles que virão depois de si o considerarão como um gênio que se projeta na infinidade dos tempos de gerações vindas e vindouras. Na antiguidade, o sublime era associado à arte e vice-versa, mas com a morte de Deus acabou-se por perder essa ligação. Hoje em dia, no universo da arte importa a performance, o desempenho e a própria arte se tornou sublime. Podemos pensar que, essencialmente, o sublime clássico se encontrava patenteado na arte e a reflexão filosófica está, de uma certa maneira, pela tradição que vem de longe, associada à escultura, pintura, e a reflexão filosófica produzida nesses tempos reflete isso mesmo. Ora, neste sentido, podemos inferir que a reflexão filosófica esteja apta a partir de um determinado contexto histórico, cultural, contextual, digamos. É o espelho da história, em certo sentido, e sua “vítima” intelectual, como diria Ortega y Gasset. Hoje em dia, na contemporaneidade, a ideia de sublime está deveras presente na reflexão filosófica, porque, antes de mais, o mundo e o sujeito são sublimes a toda a hora, pelo menos em termos de busca, no sentido em que o homem procura a vida enquanto pescadinha de rabo na boca, digamos, o sublime da arte contemporânea e, digamos, da reflexão filosófica, é uma busca do sentido da vida na própria vida, ou seja, na caixa, fora da caixa mas sendo portador ou apóstolo da caixa em Si ou, o que mais fascina a reflexão filosófica contemporânea será a questão do devir e da finitude, a meu ver, porque o mundo e seus componentes está cada vez mais ligado, ou apenas ligado de outra forma, com menos ecos, com mais ou menos violência não sabemos, de todo. Podíamos dizer, como os jornalistas, que se transmite, que a arte e logo a reflexão filosófica apenas reflete a realidade (social, mental). Ora, a realidade é construída de raiz pelo homem, a realidade É o Homem. O filósofo prepara a sua atividade reflexiva porque se prepara para a morte, na verdade, nada de mais misterioso e pleno de segredos que a finitude, que é

simples medicinal falência dos sistemas vitais. Neste sentido, foi sendo dito na sociedade e nos media que este é o último dos tabus, por isso todo o homem é, pouco, mais ou menos, filósofo, mas ele mesmo explica, no fim das suas dissertações, que a morte física é apenas o princípio, hoje em dia quase toda a medicina (da parapsicologia à medicina forense, desde já com as ciências sociais, que sempre afirmar que não existe morte individual, ou seja, as sociedades têm memória) tende a afirmar que a alma individual não perece, apenas se transforma, se transmuta, como a crisálida. Será isto um truísmo ou sou eu mesmo, enquanto cientista social, que estou precisamente arranjando explicações para tudo? O filósofo também o faz, prescindindo de um tempo e de um espaço de habitação, de habituação. No fundo, ambos estão mais próximos do que se julga e desde já diferem, a meu ver, apenas nesse aspecto, se exceptuarmos o relativo divórcio entre teorias interpretativas e representações colectivas por parte do antropólogo...mas a morte projecta de certa maneira o sujeito para outra condição, a de ente, pleno o transitório, sendo que o senso-comum não joga deveras com a possibilidade de Ser, que antes de mais o poderia tornar armadura caritativa e bem-fazeja, mas o que é na verdade o Bem, o que é, no fundo o Mal?, senão formas diferentes de agir e pensar e diversos momentos e oportunidades? O senso-comum preocupa-se mais com a economia, antes mais do seu núcleo doméstico e de amigos, do que propriamente do final de uma existência mais ou menos realidade, um final que na verdade não existe. A meu ver, a morte não existe, por isso é sublime, nem sequer a Vida existe, o que nos percorre as veias é de outra ordem, coisa que vou explicar mais adiante. A morte, coletiva (Auschwitz, Darfur) é o pleno terror desordenado, a ausência de valores, o obsceno do ato racista, a experiência dos lugares onde pode chegar a alma humana (Jung), a morte é sublime, é por excelência

e definição o Sublime, por isso ela interessa tanto à reflexão filosófica contemporânea, dado que o seu discurso é, em meu sentido, não feminino nem masculino, não positivo nem negativo (em termos de um certo maniqueísmo intelectual bem pensante ou apenas agregado ao discurso do senso-comum), mas neutro, ou seja, plenamente objetivo, preciso conceptualmente, ao mesmo tempo que outras disciplinas se arrogam dos instrumentos conceptuais mais diversos para analisar a realidade. Portanto, a melhor maneira que o homem encontrou para lidar com a morte foi, diz-nos a antropologia, melhor, as sociedades primitivas, foi dissimulá-la, ou seja, aplicar-lhe uma máscara para lhe retirar-lhe o peso existencial, metafísico, moral, física, químico, sobrenatural até...ou seja, por último, aplicar-lhe uma máscara (Lévi-Strauss et al), dar à sociedade a vida que parte, num duplo sentido de retorno, talvez devolvendo a vida que (se) deixa de existir, à geração mais nova, que observa o velho moribundo e ouve os seus últimos conselhos, admoestações, confissão de técnicas de sobrevivência, exalações do seu espírito experiente e sabedor. Talvez seja essa a única coisa que resta como consolo enquanto parte: ver os outros sem máscara a partir do detrás da sua máscara, entre biombo ou numa casa antiga, frente a uma TV que nunca deixou de ter emissão. A morte é, assim, o grande enigma, o desafio, como a vida, recreativa ou reprodutiva que corre no corpo do homem e se colhe no da mulher, a última fronteira, ou seja, o princípio da partida para descobrir o que haverá, para o sujeito e depois, em termos de aprendizagem e memória, para o grupo, que ele seja um Mozart sepultado apenas com a presença do seu cão, quer seja o político eminente como Churchill, ou então um mero camponês que, em favor da questão da verdade, apenas fez parte, parte da realidade, da paisagem e, parafraseando Drummond de Andrade, talvez seja essa a via mais correta, mesmo no

sentido ético, o homem faz parte de um cenário, é ato e reprodutor de um guião muitas vezes repetitivo, encontrando nessa reiteração a felicidade, como um verídico *ritornello* de Carl Orff¹. Como a morte não existe, ela é símbolo, ficção, tal como o racismo, para o homem se aventurar na vida social, ou seja, o que é a verdade? O que é verdade para mim pode não o ser para outra pessoa...O que é Bem e Mal? Teríamos, sempre, de ver o Todo, como Marcel Mauss e os seus fenómenos sociais totais. Na verdade, na sociedade, o Bem e o Mal andam constantemente ligado, quase se colam por vezes, toda a pessoa tem o seu sentido de Bem e Mal, sim, na verdade o que é a paternidade senão um encargo? Porque têm os filósofo, normalmente, menos filhos do que outros homens ou mulheres de outras profissões? Talvez, simplesmente, porque são pensadores, *pensarinhos*, sábios, porque pensam como profissão, porque queiram conhecer ou conheçam de antemão, a realidade, a social e da natureza humana. Neste sentido, justifica-se uma antropologia filosófica, ou seja, um estudo da natureza humana relativa ao seu pensar e princípios no curso e contexto do viver em sociedade, não só nos termos da reflexão, mas também da ação na esfera do espaço doméstico e do espaço público. Eu defendo esta conjunção de ideias, de saberes e disciplinas, quer sejam elas sociológicas, antropológicas (sociais e culturais), quer seja filosóficas e teológicas, por fim. Por isso defendo uma filosofia positiva, construtiva, que possa fazer degladiar entre si os mais diversos sistemas de pensamento e, dizendo isto, sei dizer que a filosofia é, por definição e tradição, uma actividade que visa “construir” qualquer coisa, seja um edifício seja uma habitação qualquer numa falésia de mármore, uma

¹ Na verdade, também penso no meu pai, na minha mãe também, evidentemente, e no acto, social e individual, de lhe suceder, talvez por ausência de filhos, mas penso também noutros espaços para além dos que habito que me possam projectar a mim e aos meus para um lugar que seja parecido com a casa da família, onde não há, à partida, máscaras nenhuma...

habitação do ronronar do pensar, da casa da zona de conforto, pois dela nasceu a vida de que somos portadores e a ela há-de regressar...E digo casa porque é esse o fito da economia, ou seja, a ideia de que ninguém gosta de estar fora da zona de conforto, mesmo sabendo que o conforto a mais pode gerar significativa discórdia. Enquanto a antropologia se ocupa da tradição e da reprodução, a psicologia ocupa-se da sexualidade, enquanto os outros psis dos mecanismos, traumas e danos do abuso nas relações, que se tornam *ralações*, que em pouco tempo se tornam “*ralações*”, veja-se o fenómeno da violência doméstica e a proliferação explosiva das representatividades mediática e funcionais do corpo, da relação entre os corpos, enquanto, lateralmente, mais se estuda sobre o intrincado e intermanifestamente interpenetrante mundo da vida erótica das plantas, o que podia deitar por ter qualquer argumento moral e ético face à prática desordenada e disseminada do sexo animal...

Em nossa opinião, o sublime não está relacionado com a experiência do transcendente, com a biografia ancorada num contexto social e cultural restrito onde se filosofa, a verdadeira experiência do sublime é redundante e redondamente humana, ou seja, maneja a antropologia e a filosofia, tendo de permeio a sociólogo, melhor, é uma experiência de viagem, talvez literária, de descoberta do Outro, da Índia e sua espiritualidade, por exemplo, do Tai Chi, que nos permite encaixar a dualidade relacional corpo-espírito nessa outra incompreensível espaço-mundo, a espiritualidade tanto do Tao como do índio da Amazônia, melhor ainda, a descoberta da humanidade fora de nós e que sempre esteve em nós e se preenche pela descoberta dos costumes, do sentires e das acreditações as mais diversas do planeta, isso faz filosofar sobremaneira não só sobre o Homem para do seu sentido (de essência e existência), ou seja, há um dado comum de que se

parte para refletir abundantemente a propósito dos mais variados tópicos filosóficos. Mas entendo e consumo temporalmente o sublime de um concerto de Brandeburgo, sob a mais variadas formas e intérpretes, de uma variação de Bach por Glen Gould...sempre quis, mas sempre tive de premir no autômato que sou o botão da praxis, da efetividade, do valor. Enquanto o sublime chegou, depois de ardorosa procura, pela via do franciscanismo, a pulsão para viver em sociedade levou à ciência social e à obsessão de que a experiência biográfica vital pode ser não somente tematizada como matematizada...erro meu, procuro então o sublime num cãozinho que se chega a mim, numa criança nórdica que se ri para mim no metro de Lisboa...

Noutro sentido, podemos articular diametralmente uma antropologia radical da filosofia, no sentido de que a especulação filosófica, a reflexão filosófica terá, para alguns seus praticantes, a ver essencialmente pelo que chamei noutro lugar de “pensamento dos fundilhos”, relacionado com o que se chama de patologia em psiquiatria e em antropologia da raiz cultural disso mesmo nos termos de uma oposição sujo/limpo quanto aos usos e apresentações sociais (ou íntimas) do corpo. Para a maior parte daqueles que acreditam no desejo e na sua realização (“sublimemente”) através do corpo, o sublime tem a ver com a prática sexual, pelo que ela poderá representar de entrega ao Outro, em certos termos ou, no limiar, de autêntica sujeição da corporalidade no universo do social e seus compósitos individuais ou grupais. Nesse aspeto, o êxtase do ato sexual pode ser considerado, em sim, enquanto unidade de comunicação, como uma certa experiência do sublime. Digamos de outro modo que a ideia de sublime sofreu interferências, o conceito sofreu invasões irreversíveis que têm essencialmente a ver com um trabalho ao nível do in-consciente coletivo. O

sublime de hoje e que o império americano contaminou pelo mundo é o do caos, ainda que muitos procurem não só sentido no seu mundo e neste mundo, alheados do Outro, do Outro mundo, do Mundo do Outro. O sublime está em Platoon, *Os Bravos do Pelotão*, que aplicou a cena de Kypling, o sublime é a filosofia cinematográfica por exemplo de um Henry-Lévi, sobre a guerra da antiga Jugoslávia, o sublime está no intento da mente do Homem que procura sentido sempre (chamam-no constantemente na rua de logo, logo todo o filósofo será logo? Não é sua tarefa, como a do antropólogo, criar sentido ligando as coisas, o caos, as coisas do caos? Não estará o sublime, a sublimidade do Mundo essencialmente no “facto”, na ideia de ser caótico, ou seja, de ser “deslargo” até ao momento, ou espaço, ou ideia, em que se volta a ligar, a fazer sentido? Não estará mais do que certa a filosofia eliadiana, que refere as coisas do mundo em termos de uma eternidade que se prescreve, repete, eterniza, tal como A Eternidade do Mundo, de Boécio? Não estamos no meio de uma Idade-Média ao contrário, poderiam dizer Zizek ou Sloterdjyc, ou mesmo Bauman, que ao voz e os diálogos se cruzam, entrecortam, interpenetram, tal como os corpos videográficos, as searas onde cultiva produtos ecológicos quem quis abandonar o *city light* que oprimia as suas consciências como um martelo nietzscheano aturdido e estridente? O que mais sublime do que a angústia das mentes circunstancialmente angustiadas no Metro? Quando se sonha com uma metrópole que nos diga como é “viver” ou o que fazer nas mais diversas situações, habituamo-nos a ver qualquer coisa de maravilhoso, religioso, sublime diria até, na circularidade de um pensamento pós-moderno onde se perpetua uma rotina como um *saltarello*, uma *pasachaila*, onde até a depressão tem sempre um grão (de areia, de piri-piri) de esperança e chispe de novo para a hiper-realidade para onde o nosso espírito é enviado. Assim,

os corpos (e os copos, por vezes) do Metro, são corpos translúcidos, na verdade não se enxerga nem o corpo nem a mente, enxerga-se um feixe de sentido do caótico que esconde a agressividade do Eros, e seu trabalho num contexto espacial determinado, que ora se limpa ora se mantém sujo ao sabor das mais variadas disposições do espírito dos espíritos. Veja-se a este propósito um Marcuse ou mesmo um ensaio de Freud “Mal-Estar na Civilização”.

CONCLUSÃO

Podemos propor como teoria a ideia de que, desde que nasce, o homem tende a morrer, ou seja, há toda uma reflexão sobre a morte que a filosofia e a antropologia têm feito, com dados ou especulações, mas que convém fazer de modo mais premente e acintoso, pois parece-me que muitos sujeitos não se dão conta que, efetivamente, mais tarde ou mais cedo, vão “morrer”, ou seja, esse corpo físico que habitamos, de que são donos, ou não, vai cessar de existir, pelo menos sob aquela forma que é conhecida no presente. Ou seja, o homem sábio é aquele que reflete sobre a morte, sobre o *sim fim*, e assim desenha a finalidade da sua praxis e do seu pensamento.

O MEDO CERIMONIAL

O medo é inato ao Homem. Contudo, é também uma construção social, psicológica, ideológica. O medo pode ter, no entanto, uma faceta patológica, quando as estruturas democráticas falham, pelas frestas do controlo e da ação política. Com medo, o homem perde a sua identidade, política, social, territorial, identitária. Antes de mais, o medo físico, depois o psíquico. Nos países mais seguros da Europa, sente-se medo. E porquê? Sente-se medo porque o homem não está realizado, ou seja, tem medo do que tem e de perder o que tem, antes de mais os bens materiais que lhe dão ilusão de felicidade. O homem, antes de mais, tem medo da felicidade, além de uma ideia errada de felicidade. E tudo advém, não dos genes, mas da educação. O homem tem medo porque perdeu a religião, o seu mal é espiritual, ou seja, dantes Deus o protegia de tudo, hoje em dia ser crente é desafiar forças estranhas e inauditas. O homem, por fim, tem medo de morrer, porque não quer perder a felicidade que realizou e pensa que tudo acabará com a morte individual, que há-de acontecer um dia, mais cedo ou mais tarde ao virar da esquina.

Na sociedade democrática ocidental, o medo tomou a forma de partidos políticos de extrema esquerda e de extrema direita, que instilam esse sentimento de medo e perigo face ao Outro, e a uma estranha forma de mobilização que mais parece uma luta pela vida, contra a morte. Perdeu-se o sentido do equilíbrio e o próprio voto, ferramenta de legitimação democrática, é objeto desse medo cerimonial, que passou das igrejas para a

praça pública. Assim, há como que uma osmose entre o individual, subjetivo, e o social, objetivo. E tudo passa a ser subjetividade, mesmo o social, o espaço público é espaço privado, tal como o corpo que é violado, esventrado, virado do avesso, desde o interior para o exterior. Tudo isto com base na crença de que a libido é pública. Daí o medo, perdi a minha interioridade projetando-a no social e não mais a posso recuperar, por mais que tente.

Assim, adianto dois conceitos novos: o voto como tatuagem no corpo social e, além disso, no espaço público. De facto, o voto tem tanto poder de transformar a sociedade que pode ser o último recurso da sociedade democrática, isto se aceitarmos a legitimidade do governo enquanto forma de liderar a organização social. O, porque é que o cidadão tem medo? Não é apenas pelo VOX, pelo CHEGA ou por Le Pen, é porque a judicialização da sociedade tornou as pessoas judiciosas, quase kantianas... Todos julgam que têm uma palavra a dizer, mas a maioria devia estar calada, alguém disse, porque na verdade, a sociedade democrática é apenas um estádio da sociedade totalitária. Porque, para meia injustiça, injustiça e meia. Porque o povo, quando tem liberdade, abusa. Eis o estado a que chegou a América, por exemplo, um país de extremos. Se não termos liberdade social, resta-nos a liberdade individual. E o sujeito retorna a Si Mesmo, ao seu íntimo, à religião, onde é verdadeiramente democrático.

Falava de judicialização da sociedade, porque os políticos, na sua maioria, são burocratas, ou seja, executam segundo certos princípios, as leis. Só quando se diversificar a formação dos deputados e políticos haverá, como dizer, mais justiça social, mais representatividade e poder-se-ão evitar os extremismos, os totalitarismos, que são bem mais danosos do que a democracia representativa, pois são puramente ideológicos. Assim como se extirpou a sociedade da religião, também se dele extirpar dela a ideologia.

No entanto, o povo é puramente ideológico e sempre que ela é abafada, volta sempre mais uma vez. Portanto, o voto como tatuagem no corpo social, a arma de transformação da sociedade, será por eleições seja por referendo. Portanto, a política do politicamente correto, dos amigos, quando ninguém se entende em democracia porque as vozes dissonantes não se entendem e só aumentam o medo. Em totalitarismo, há uma voz; em democracia são inúmeras as vozes. O medo, na maior parte dos casos, vem da ameaça à vida privada, da sujeição ao Big Brother, ou seja, a canibalização introspectiva do sujeito no âmbito de uma sociedade que quer saber como eu penso, o que eu penso, o que deixo ou não deixo de pensar. É pura retórica, mas também malignidade nas relações sociais. Os cientistas sociais tudo querem saber mas raramente vão aos media dar informação, ou seja por culpa dos programadores televisivos ou das pessoas, que andam atrás do prazer desmesurado e da fama. Portanto, há uma reprodução social do ofício de político, normalmente são “apenas” advogados que nunca tiveram jeito para a matemática, quando há um ênfase na investigação, que, depois, não é tornada pública. Podem passar-se meses sem que algum cientista social vá à televisão, porque o homem comum quer é diversão e esquecer que vive neste planeta. Assim como é possível uma economia do temporal, é imprescindível uma economia do transcendental. Para uma sociedade melhor.

Porque, há em curso uma transformação radical da sociedade assente na tecnologia, enquanto alguns fogem para o campo, das radiações do Ser cultural encostado à cultura, à sua cultura. Regista-se uma sinalética da transformação social pela anomia, pequena instilação no cérebro social das pequenas perceções que perturbam o sujeito moderno. O multiculturalismo não é inato, eu defendo o meu grupo, seja branco ou preto, mas a religião ensina-me a respeitar todas as raças, o multiculturalismo provém da

economia, tem-se medo daquilo que não se conhece, depois de se conhecer aceita-se e negocia-se com o Outro. Eis, pois, a religião nos limites do interesse.

Depois, queria adiantar mais algumas noções: a noção de transformação da sociedade pelo voto, dada a sua importância na gestão do espaço público e privado, veja-se o tema da violência doméstica. E retorno ao tema da dissonância das vozes em democracia, que faz por vezes perigar, pela falta de diálogo (veja-se a constante vontade de dialogar de António Guterres na ONU) e resvalar a sociedade para os totalitarismos onde o mal é banal, o controle das consciências é o instrumento de manipulação dos corpos e das mentes face a um destino distópico (veja-se Putin e a invasão da Ucrânia).

Quanto ainda ao multiculturalismo, o que está em causa é uma economia do contexto, daí que a gestão das diferenças seja contextual, ou seja, a distribuição das vontades num determinado plano espacial. Daí se torna relativamente difícil dispor as culturas num dado espaço, pois elas estão eivadas de sua própria cultura. Mas, não há outro caminho, temos de admitir. E aí a religião ajuda, só que a religião é tradicionalmente de direita e a extrema esquerda é vista como mais tolerante num âmbito da culturalidade. Como proceder? Através do diálogo, fazer intervir os cientistas sociais na discussão pública destes assuntos na TV, por exemplo. Assim, a gestão e administração dos recursos num contexto territorial pode fazer libertar as virtudes do ser social tolerante, do político que tem umas luzes de antropologia, de filosofia, de sociologia e a religião pode ajudar na manifestação desse sentimento de plural identidade. Tudo num contexto de globalização. Portanto, voltemos à questão do medo: se o medo é a ignorância, o conhecimento pode ser uma arma, que pode matar se não estiver em boas mãos. Mantém-se uma lógica psicótica de punição que se

pode ver em canais americanos e até no cinema de Hollywood, para não dizer na proliferação das parafilias associadas ao sexo. O totalitarismo, em Espanha, França, Portugal, nasce de uma certa forma de injustiça sentida pelos atores sociais e o que o regime democrático deve fazer é fazer proliferar o diálogo, assente em princípios diversos, já estabelecidos no Direito e na Constituição desses países, mas a realidade está sempre em adaptação, tal como a letra de lei. O diálogo pode ser uma solução, uma retórica “evasiva”, distratória, da paz, enquanto se aplicam as políticas e se faz um certo trabalho social de sensibilização. Por isso se diz que a democracia é o melhor dos piores regimes. Porque tens de te esforçar, mas só no seio dele se consegue alguma sanidade do espírito do social...

O SIGNO SIMBÓLICO e ECONOMIA CINÉTICA: LIBERTAÇÃO MORAL, PATHOS OU ESCRAVIDÃO METAFÍSICA?

"Quem ama cuida, não deixa morrer"

Nicholas Malebranche

1. A DOR DO ARTISTA DAS PALAVRAS: SOLIDÃO E MEMÓRIA SOCIAL À LUZ DE UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Ao mito da tartaruga de Zenão de Eleia contrapomos o do caranguejo da praia de São Pedro de Moel, que dá um passo através, em nome da sua ancestral legitimidade e dois à frente, pelo que progride sempre, pelo batida das ondas e pelas crítica dos Outros. Mas será que a filosofia é um caminho e um caminho só, numa estrada que não tem fim ou então seja um beco sem saída. Muitos professores, pela minha perspetiva, preferem os alunos não entendidos na sua teoria, mesmo a sua teoria pessoa, para escolherem os mais politicamente corretos face à sua bibliografia, ao seu currículo. Tudo depende da sua idiossincrasia. Então, a mais antiga universidade é a de Fez ou a Academia de Platão? Antes disso, temos os peripatéticos. E no império núbio terá havido, decerto, segundo julgo, uma universidade. E, então, o que nos dá a filosofia senão um monte de palavras, palavras e ,mais palavras, sem fundamento algum científico? É desesperante, porque a filosofia não resolve problemas, adia-os *sino tempore*. Para mais, quem não é filósofo admira-se do status existencial e circunstancial que a atividade confere, mas acha que também pode fazer filosofia de um dia para o outro, sem passar

pelo crivo da reflexão, ou seja, a filosofia na verdade é para todos mas muitos tanto a admiram quanto estão sempre prestes a ridicularizá-la, por razões diversas que têm fundamentalmente a ver com o facto de que não a consideram enquanto ciência, ou seja, a ideia de que a filosofia carece de factos. Na maior parte dos casos, é simples ignorância da história da filosofia ou a ideia de que ela foi "ultrapassada" pelas ciências sociais e humanas, pela literatura, no relato da experiência do humano ou da condição humana... De resto, quais as doenças próprias do filósofo, que se entrega voluntariosamente à floresta da especulação e reflexão? As doenças pulmonares? A solidão, a depressão, por ter descoberto o segredo da vida? E qual será esse segredo? Podes ter várias designações, desde já um que é religiosa, ou seja, o Santo Graal, mas há outros, desta vez não religiosos, como o segredo da e-terna juventude, o elixir que faz retroceder o tempo e a sua ação no sujeito. Uns, como outros, permitem intensifica (até ao desgaste do rebentamento interior) a experiência humana, permitem elidir da experiência humana essa mesma experiência que nos ensina que a felicidade está nas coisas simples, a ilusão de que da experiência humana é possível e passível erradicar a doença, a depressão, a esquizofrenia e a psicoti-cidade, não julgando que uma coisa leva à outra, que uma mão lava a outra, desde que haja um pouco de lavagem das mãos, ou seja, meditação e Pilates...

2. PESSIMISMO VERSUS SIMULACROS: A VANTAGEM DE CÁ

Roger Scruton falava, em "As Vantagens do Pessimismo", da ideia de que a melancolia e a negatividade nos podem conferir uma visão realista das coisas, pessoas, ideias e relações e, na conceção básica de que para haver otimismo é necessário o pessimismo. Na verdade, seguindo outro autor, Jan Baudrillard, a vida, pelo menos nesse lado atlântico do globo, obedece cada vez mais a simulacros, ou seja, a própria teoria da vida é uma ilusão, uma narrativa, uma encenação em teatro nas vielas de uma cidade europeia ou mesmo na "abrasada" e derrotada Nova Orleães. Na minha experiência enquanto antropólogo aprendiz de filosofia tenho notado que toda ação humana remete para a capacidade que temos ou não para aprender com os nossos erros no palco da nossa biografia, a tal "one shot opportunity" de que fala o cantos de rap Eminem, ou seja, a vida é uma corrida, uma tirada, uma bandeirada de táxi mais ou menos longa, mais ou menos consciente ou instrutiva. Nada mais, apenas um mais ou menos *dazzling glimpse* na poeira cósmica, no universo interestelar, por isso as variedades da experiência de que fala William James são oportunidade flagrante de nos acorarmos sobre a nossa vida, como e o vento viesse detrás e nos tivéssemos de reconciliar connosco mesmos protegendo uma criança no colo numa tempestade de areia...

Na verdade, quando vês este mundo e o efeito que faz no teu mundo bem intencionado, intencionalmente percebes o efeito danoso de uma certa filosofia para ti e para os outros e interrogas-te, à maneira de Montaigne, de que vale a pena ser Bom se a sociedade não te concerta a ti e aos teus pensamentos? Optas então por ser paciente e perder de vista o longo prazo da filosofia e não te entregas tanto, como o fez Cristo; nem és tão filósofo

assim nem tanto cientista social assado... É este o conselho (concerto) que eu tenho para os jovens que queira ser alguma coisa, um *glimpse*, do que eu fui e vou sendo.

3. QUANDO O BANAL É VITAL: PÓLIPOS DO SER E A PERDA DA DIMENSÃO ESTÉTICA NUMA ESFERA COSMOPOLITA OCULTA

Enquanto não percebemos os mecanismo da mente e da realidade, enquanto não somos antropólogos, somos filósofos ou sociólogos, ou seja, o tipo urbano-depressivo predomina em nós. E perde-se uma dimensão estética na técnica, no desenvolvimento humano, no eros do banal...ideias que se notam antes num Benjamin do que num Baudrillard, ou seja, tanto a vitória como a derrota futebolística ou estatutária, mesmo a do casino, revertem para um certa arte do fazer que, enquanto muitos guardam para usar, outros desperdiçam porque o seu papel social está esgotado, talvez por abuso de um papel ficcional. Assim, podemos ver este surto de gripe COVID-19 como um fenómeno social total de carácter não agonístico, ou seja, é não-convencional, quase ocidental e não visa a celebração de nada a não ser dos médicos e serviços públicos que ora curam as pessoas ora se mobilizam para garantir serviços mínimos (transporte, saúde, alimentação) nas comunicações, nos hospitais, nos supermercados...Esta perspetiva é mais do que baudrillardina ou camusiana, é mais digna de um sociólogo como Mafessoli, só para citarmos um nome.

Mas...será que o antropólogo é um novo Cristo? Será que ele está disposto a dar a vida pelos seus, pela comunidade que estuda? Enfim, qual a validade social de um antropólogo, de um filósofo, de um sociólogo. São questões importantes, estas. E, não será que o filósofo precisa de descer do seu pedestal conceptual, de enfrentar o sinédrio, de falar aos doutores como Cristo, um verdadeiro antropólogo, talvez o primeiro de todos, não contando com os gregos e alguns romanos? Não será socialmente útil, intervencionista, pôr estas ciências e a filosofia ao serviço do povo (Zambrano), sendo que tal não é uma ciência de esquerda nem de direita? Talvez, quanto um e quanto outro, estão demasiados interessar em agradar a todos, a gregos e troianos, a espanhóis e portugueses. Esta é a questão do ponto de vista moral, os aquarianos são assim, os Vítores são assim, tal como São Victor de Braga. É a tentação do todo, do fenómeno social total estudado por gerações e gerações de antropólogos. Ora, chegou a vez de tanto uns quanto outros tomarem partido, porque enquanto, pelo menos no contexto académico português, os filósofos são quase todos de direita (não só porque os monges, frades e padres sempre fizeram ora Teologia ora Filosofia) enquanto os antropólogos são quase todos de esquerda, e nem todos querem ou afirmam querer estar entre os mais desfavorecidos. Enfim, questões de carreira académica, quando a universidade da vida tem, para muitos, mais legitimidade do que a outra, no âmbito contextual de um registo mais ou menos jornalístico.

4. CINEMA ESPIRITUOSO: UM CAMINHO A PARTIR DO TÉDIO PELO REINO DO BANAL

Num certo sentido, estamos na presença de uma epidemia bastante pedagógica, que nos ensina a como lidar com o mundo que aumenta de complexidade, coisa que talvez aumente com o tempo. Ou será o contrário, quando as viagens no tempo são possíveis e passíveis de serem feitas, não só através do cinema mas da espiritualidade, por exemplo? Portanto, como manter a sanidade mental e sentimental numa epidemia como esta, numa situação de emergência social, de estado de emergência? Usar o chico-espertismo a toda a hora? Isso desgasta. Como ir trabalhar, já que precisamos de o fazer para, legalmente, comprar comida? Porque são poucos os filósofos portugueses como Zizek, Baumann ou mesmo Sloterdijk, bem...talvez um Nuno Nabais, um José Gil, um Carrilho...um Quintais, que na verdade faz apenas antropologia, só que não é de campo, é de hospital. O homem errante, que conheceu como que por vislumbre o Deus na adolescência, levou-o consigo até às portas do marxismo, descobre, então novamente esse mesmo Deus, precisamente esse mesmo Deus na forma de Cristo já quase velho, porque precisa, a biografia é relativa mas esse sujeito não deixa de olhar para ela e para esse Deus que se descobre pela manhã em cada dia subsequente à sua dúvida e angústia existencial que carregou durante anos como um saco de pedras marinhas, como quem carrega o Diabo às costas...

5. O FRANCISCANISMO ENQUANTO FILOSOFIA ECOLOGISTA: RAZÃO E CORAÇÃO EM DUAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS

O verdadeiro grande herói é, a meu ver, não aquele que faz filmes, que é actor, mas aquele que sabe ser actor social, ou seja, esotericamente planteando na esfera da vida social em comum um esforço que respeita o Outro (Goffman, Habermas, Ricoeur). Então, onde fica a arte? A arte é diáfana, não fica em lugar algum senão fora do caixão do artista morto. Neste sentido, creio que o franciscanismo é a primeira filosofia ecológica de que há memória. Nas anteriores civilizações a nós não há memória de tal coisa, a não ser em alguns autores árabes. A concepção de harmonia com os animais e a natureza está na origem dos mais recentes partidos políticos de extrema esquerda e direita que promovem esses ideais, como o nosso PAN, só para dr um exemplo. E, enfim, o su-jeito (ao *seu-jeito*) passa a ouvir vozes dissonantes quando se detém entre árvores frondosas e aquilíneas (Heidegger, "Caminhos da Floresta"; Escrivá de Balaguer, "Caminho") e abundam as referências a obras com o caminho por modelo, o mar por modelo, quando no fundo, **sub-jacente-mente** (sub-jactante), o que está em causa, **pat-ente**, é o sentido nos termos de direção, nem que partamos apenas das "Regras para a Direção do Espírito". Por outras palavras, o que está subjacente é o que está debaixo daquele que jaz, ou mesmo ele mesmo, o que jaz, está subjacente à superfície, **sub-jaz...**

SÍNDROME NIHILISTA:

É O SENTIDO DA PERFEIÇÃO QUE FAZ O ARTISTA SOFRER?

1. O TEMPOR VERGADO

Se eu, no meu atelier, tiver dois dispositivos radiofónicos, um a cada canto, o som não é simultâneo, há sempre um deles que se atrasa. São dois dispositivos. Se fosse um dispositivo com duas colunas, em vez de dois dispositivos, os som seria simultâneo de um canto para o outro. Isto demonstra a complexidade da nossa vida actual. A complexidade como que atrasa a nossa percepção do tempo, por isso andamos emaranhados em dispositivos, para não dizer na internet, onde tudo parece mais perfeito, entre o analógico e o digital. Isto afeta a nossa noção do tempo, pois estava como que debruçados e ao mesmo tempo vergados pelo tempo e escravos dele, da noção que temos ou não temos dele, confundindo-o até com a divindade ou as nossas divindades "locais". Será que, noutra sentido, o nihilismo do artista o faz proporcionar ser artista, ou seja, criador? Será que o Deus que conhecemos não é senão um artista, seja escritor seja pintor, escultor ou músico, no sentido em que cria constantemente e assim se eleva à imortalidade? Compreendamos esse mecanismo. Assim como Deus criou do barro, podemos dizer, a partir da Bíblia, que Deus seria um artista ceramista. Mas também calceteiro, pois nesta atividade há toda uma arte e não será que o homem cumpridor socialmente seja também artista, ou seja, a arte de viver e conviver bem, diante dos ditâmes de uma sociedade que é preciso defender

(Foucault, *É preciso defender a Sociedade*)?

2. PATOLOGIA CATÁRTICA

Assima, há no artista, nomeadamente no pintor, uma vontade de catarse, de conserto e concerto do Mundo (*Timeu*, o homem que é jogado fora e a partir do mundo), do seu e do dos outros, ou seja, a criação de um mundo concertado e concertado, como se as pequenas perceções permitisse e impedissem tal. Por vezes, diz-me, mesmo no desporto, que os pormenores são tudo, assim a mania da perfeição de certas patologias cria a necessidade de as legitimar, não as elidindo, fazendo com que elas façam parte do quadro pictórico e do quadro da vida social. Uma visão *etic* e *emic* mais ou menos mecanicista da sociedade enquanto organismo vivo, que se conceitua na combinação entre imperfeição e perfectibilidade.

Ora, se a perfeição faz o artista sofrer, podemos pensar que o sofrimento é inerente à criação artística, logo à criação do mundo, permita-se-nos a analogia um pouco excessiva, alargada, então, se fizermos equivaler o Criador ao artista, sofrer faz parte do processo criativo e se a Criação (do humano) é um processo criativo, como ter filhos se pode conceber enquanto tal, logo o sofrimento, como a catarse, faz não só parte do processo criativo e do mundo enquanto tal, logo é preciso sofrer para sentir a felicidade do Estar e, mais a catarse, como se fosse um alívio de um **pathos** indescritível, mental e físico, psíquico...Podemos, então, plantear diversas figuras, digamos, logísticas: o actor, o actor social, o autor, o autor social, o artista. Suponhamos que aquilo que realiza, entre o Ser e o Parecer, o sujeito, é ter um papel social. Mas eu pode ser autor....escolher ser ator, daí o seu papel

será fictício, quando pode ter ou ser diversos papéis sociais. Assim se estende a sociologia do sujeito; nos vários papéis de que dispõe e que assume, quer querendo quer não, em termos de identidade.

3. PATHOS e PAPÉIS SOCIAIS: O PRINCÍPIO DA EQUIVALÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Assim, o que mais nos custa é tanto a extrema solidão quanto a extrema fama e sucesso (social, contextual), de modo que, até segundo as personalidades, pois nem todos são moderados (Cícero), temos de regular constantemente o nosso discurso e nosso comportamento, práxis, de modo a, numa perspectiva ética, dar conta da forma como evoluímos no tecido (“entre-tecido”) da realidade social. Portanto, se causa dor a solidão (física), a fama e o sucesso sociais também causa delírios destravados, ou seja, em ambas as situações há dor e sofrimento, mas também o há quando cumprimos determinado papel enquanto actores sociais, durante muito tempo, daí o pathos, a phronesis e a sublimação, ou seja, a medida de exceder e até revelar como incessante um determinado papel social, nomeadamente em termos de *fiesta* (Jean Duvignaud). Vejamos, por exemplo, uma criança, que é já bastante atreita a comunicar com o mundo visível. O melhor que podemos fazer a uma criança para mesmo evitar depressões ou doenças psíquicas é dar-lhe uma pequena responsabilidade, para que se sinta útil. Falo disto enquanto antropólogo, pois o senti durante bastante tempo e embora a responsabilidade seja um “enchimento” do Ego e do Tempo do Ego (Será que o Tempo pertence a alguém, ou eu pertença a mim

mesmo e ao meu tempo, adestramento dele também?) em termos de stresse mental, mas tudo isso se pode gerir, como por exemplo, numa equipa de futebol, em que a tensão do treinador passa a certos jogadores para o campo mais em termos de "distribuidores de jogos", como se diz em vernáculo futebolístico, expressão que vem diretamente do andebol. Depois, que relação haverá entre o problema dos refugiados na Europa e este vírus? Falo de Itália, da Grécia, da Espanha obviamente, mas também de Portugal.

4. O USO E O USUFRUTO, O CONCEITO DE BESUGO: UMA TEÓRICA RELAÇÃO ENTRE MIGRAÇÕES, ETNICIDADE E ESPAÇO

Grande parte, porém, dos sujeitos que se julgam criadores, julgam ser grandes artistas e esquecem-se do mundo e, na sua ambição pela fama, produzem obras de arte que duram pouco tempo, ou são tão boas que chegam a um pico, como a doença e depois esquecem-se de viver (Ricoeur, *Vivant jusqu'a la Mort*). Portanto, o besugo, personagem filosófica, não é humano, é como uma bolota de qualquer coisa que se transmite e entra no nosso corpo e se instala, tal como um vírus, ou uma coisa boa. Partimos do princípio de que o vírus provém do Mal, porque causa morte. Mas qual será, exatamente, a ideia do vírus? Não é um ser humano, não pensa. Mas qual será a sua lógica última? Bem, para já alterou as relações humanas radicalmente. Mas será que estas voltarão a ser as mesmas? Dizem que este vírus não é novo, que é uma mutação, talvez certas medidas de políticas de legitimação da esquerda e da direita tenham feito com que o nosso território se torne num espaço de fácil conquista para ele. A solução, pelo menos para os pontos de vista psicológico e emocional, seria prepara as pessoas para

viver em sociedade, porque muitas não sabem, efetivamente, conviver com os outros, diria a maior parte dos jovens e dos mais velhos sem instrução, talvez fosse melhor do que isolar o vírus e acantonar as pessoas em casa, bem algumas até aproveitam para tirar umas férias e estar com os filhos, fazerem com eles o que não fazem o resto do tempo, devido às suas ambições de carreira... Mas façamos conta de que o vírus é o besugo, ideia que provem da ideia de uso, usufruto.

O sociólogo António Barreto ,ideólogo de uma certa forma de se ser português, diz que "deveríamos já estar preparados para esta epidemia". Talvez queira dizer que deveríamos de deixar de ser tão calorosos como identitária e historicamente somos. Não o vamos deixar de ser tão cedo e não será apenas por causa do tempo. O besugo vai andar ainda por aí durante muito tempo, no uso que fazemos das coisas, dos sentimentos e das ideias. O que é certo é que o vírus alterou as nossas relações humanas e sociais. Não sabemos ainda em que medida, mas em breve saberemos.O homem não se define pela sua essência, porque a sua essência é definida pela relação com os outros. O homem define-se, essencialmente, pela forma como lida com o Outro, este o grande ensinamento mundialmente amplo de toda e qualquer antropologia.

5. GRÃOS DE AREIA DE POUCO DESERTO: O SUJEITO ENQUANTO FENÓMENO SOCIAL TOTAL

Será, em certos termos, possível ser autor, actor (*strictu senso*) e actor social, não em termos do sujeito, mas do que os antropólogos dizem ser um "fenómeno social total", tal como acontece com a dádiva entre os kwakiutl, descrita por Marcel Mauss, o lídimo sobrinho de Émile Durkheim? Ou seja, o sujeito funde-se em qualquer coisa que é mais do que social, é excrecência dele mesmo e do seu grupo, numa palavra, o transcendente, eis o que Nietzsche quererá dizer com Zaratustra e o mito do super-homem, de que o jogador de futebol total que é Cristiano Ronaldo atesta.

Pelo que eu vejo, esta doença, este vírus cosmopolita, apenas nos pede que sejamos mais racionais nas relações, o que creio não ser, de todo, um princípio negativo. Digamos que enquanto o filósofo concentra tudo na sua cabeça, na sua imagem de sujeito, sem nomear, sem dar categoria de espaço ou de tempo a qualquer coisa por uma questão de liberdade, já não digo de democracia, mas o antropólogo precisa disso porque a sua ciência é precisa e precisa dos factos para os relacionar em prol de uma propedêutica e apocalíptica da sociedade, confundido então nas babélicas significações e significados de signos e símbolos, como Victor Turner em África ("The Forrest of Symbols"). Assim, a nosso ver, o sujeito passa a ser fenómeno social total quando a sua percepção está aguda, mas também quando está a dormir, fisicamente, ou *surprendidos* (a expressão é de Paulo Valverde) no sono dogmático, vejam-se obras como as de Gèzà Róheim ou Carl Jung, para não falar de Piaget e Bachelard.

6. A DISTÂNCIA, DO (MEIO) MEDO AO CONHECIMENTO QUE NÃO PRECISA DE SER CIÊNCIA: LOCALIDADE, CONTEXTO E HERMETISMO UNIVERSAL EM CERTAS FORMAS DO SER

Portanto, ainda seguindo um pouco o pensamento de Paulo Valverde, um dos melhores cultores de Wittgenstein entre nós, conceitos como territorialização, mito da vagina dentada, colonialismo, são devidos aos seus anos de apurado estudo, cortados com uma doença no mato, como se resto aconteceu com outros, como acontece connosco com a gripe. Portanto, o sujeito conquista terreno, quer em termos teóricos quanto físicos, espaciais, especiais, em termos literários, com um texto e em termos fáticos, pois meio da guerra, uma progressão física na esfera da dominância do outro. Todo o colonialismo é isso, roubo (José Carlos Gomes da Silva, *L'Identité Volée*), ocupação de um espaço que é do uso do outro, e quanto mais tempo passa maior é o uso e o usufruto, sendo por isso há diferentes formas de agir, de pensar e de sentir conforme sejamos portugueses, franceses ou italianos. Mas nem tudo é ditado pela geografia. Há maneiras de ser locais, outras cosmopolitas. E, num certo sentido, é tido como útil o conhecimento do antropólogo, primeiro, do filósofo, depois, em termos mais amplos, envolvendo questões mais universais. Sim, é fundamentalmente a universalidade que une antropologia social à filosofia, pelo que o discurso sobre o homem nos termos de uma antropologia filosófica pode continuar...

7.A INSTRUÇÃO COLÉRICA E A GUERRA MEDIÁTICA: USOS DA PALAVRA E DO ÓDIO EM CONTEXTOS

Poderíamos falar em termos literários, da biografia de um jovem candidato a cientista social que acabou com a filosofia, não sem antes ter acabado com o convento e a antropologia social. E que, afinal apenas é um escritor que ama a vida, nesse sentido é filosófico. Era poderia ser a história do sujeito. Mas é mais, um mergulho metafísico no universos dos filósofos clássicos e os mais disruptivos e actuais, os americanos,. Porque o mundo há tempo bastante deixou de ser monolítico, por isso prezamos o jovens, pois a juventude é a melhor época da bio-grafia para estudar filosofia, é nesse lócus ontológico que se forjem os grandes teóricos da vida, essa coisa que insiste ao nosso recuo ante a verdade do Eu.

Consentaneidade de conteúdos, de signos de mensagem, o rebentamento e consentimento da televisão, a proliferação dos sentidos na internet, de cujo poder alguns se querem aproveitar enquanto outro querem apenas o canhão da Nazaré. Esta doença da sociedade no voyeurismo criminal, do outro morto ou padecente está muito enraizada numa forma de Ser das sociedades primitivas, um espanto, um pasmo ante a tragédia do outro, em vez de uma capacitação para ao ajudar ou ajudar-se a si mesmo. Por exemplo, nestes nosso dias de chão e práticos, não há outras doenças a matar? Não há acidentes da estrada. Falta critério nos programadores televisivos e falta, a bem dizer, em consciência, perspectiva pedagógica, quando muitos professores gostariam de dar aulas...

Bibliografia Básica

SERRES, Michel. „Variations sur le Corps“

VALE DE ALMEIDA, Miguel (org.), „Corpo Presente:

Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo“

JOÃO PAULO II, „Teologia do Corpo“

BATAILLE, GEORGES, „O Erotismo“

ALBERONI, Francesco, „O Erotismo“

SIMMEL, GEORG, „Philosophie de l'Amour“

GIRARD, René, „La Violence et le Sacré“

DE HEUSH, Luc, „Le Bouc Émissaire“

LEIRIS, Michel, „L'Afrique Fantôme“

BAYARD, Jean-François, „L'état en Afrique-La Politique du Ventre“

LIENHARDT, Godfrey, „Divinity and Experience-The Religion of the Dinka“

LE NOIR, Jacques, „Cristo Filósofo“

LÉVINAS, Emmanuel, „Totalidade e Infinito“

MAUSS, Marcel, „Ensaio sobre a Dádiva“